

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
Área de Concentração: Aprendizagem e Ação Docente

**O POTENCIAL EDUCATIVO DA ARTE NA FORMAÇÃO DO
PENSAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR**

GABRIELA DE ANGELIS BARROS

MARINGÁ
2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
Área de Concentração: Aprendizagem e Ação Docente

**O POTENCIAL EDUCATIVO DA ARTE NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Dissertação apresentada por Gabriela De Angelis Barros, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Aprendizagem e Ação Docente, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr.: JOÃO LUIZ GASPARIN

MARINGÁ
2009

GABRIELA DE ANGELIS BARROS

**O POTENCIAL EDUCATIVO DA ARTE NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO NO
AMBIENTE ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Luiz Gasparin (Orientador) – UEM

**Prof^(a). Dr(a). Neusi Aparecida Navas Berbel – UEL -
Londrina**

Prof^(a). Dr(a). Regina Taam – UEM

Maringá, 2009

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e renovação do espírito através das graças concedidas durante a pesquisa.

À minha família pelo amor, paciência e apoio incondicional ao longo de todas as fases do trabalho.

Aos meus amigos e ao meu namorado minha gratidão pelo respeito, companheirismo e amizade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Luiz Gasparin, que, com seu conhecimento conduziu-me de forma criativa ao enfrentamento dos obstáculos ao longo do processo de pesquisa.

À Banca de Qualificação, Prof^a. Dr^a. Regina Taam, Prof^a. Dr^a Neusi Aparecida Navas Berbel e Prof^a. Dr^a Maria Terezinha Bellanda Galuch, pelas contribuições valiosas para o aprimoramento da qualidade deste trabalho.

Aos demais professores do curso de Mestrado em Educação da UEM, que ministraram suas disciplinas com competência e profissionalismo.

BARROS, Gabriela De Angelis. **O POTENCIAL EDUCATIVO DA ARTE NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR**. nº de folhas (133 f.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr João Luiz Gasparin. Maringá, 2009.

RESUMO

Essa dissertação explicita o potencial educativo da arte no ambiente escolar como contribuição na formação do pensamento do educando. Com base numa pesquisa teórico-descritiva subsidiada pela teoria materialista-histórica o objetivo desta pesquisa foi verificar a importância da arte na formação do pensamento humano como condição para a ação e reflexão respaldada no potencial de desenvolvimento humano no ensino escolar. Para isto, esta investigação relacionou o surgimento da arte, como contribuição da exteriorização do pensamento humano e o dinamismo social que está incorporado no mundo do trabalho e interfere sensivelmente na produção artística, justificando o valor que a arte possui na sociedade. E por esta razão, promove o entendimento dos fatores sociais e educacionais que justificam a relevância da arte no ensino e qual o papel significativo que ela desempenha no processo criativo na formação do pensamento. Com base no referencial teórico, esta investigação evidenciou que a arte na educação é um importante campo criativo, imaginativo e representativo da sociedade que está conectada com a apreensão da realidade. Por este motivo, a arte deve estar inserida no processo educacional como formadora de valores e opiniões que contribuem na formação do pensamento humano.

Palavras-chave: Educação, Arte, Formação do pensamento humano.

BARROS, Gabriela De Angelis. **EDUCATIONAL POTENTIAL OF ART CONCERNING THOUGHT FORMATION IN THE SCHOOL SURROUNDINGS.** Number of pages (133 p.). Dissertation (Master in Education) - State University of Maringá. Orientator: Prof. Dr João Luiz Gasparin. Maringá, 2009.

ABSTRACT

This study highlights the educational potential of art in the school surroundings so as to contribute with the thought formation of students. Based on a theoretical and descriptive theory and sustained by the historical-materialistic theory, the aim of this research was to confirm the importance of art concerning the formation of human thought as a condition for acting and reflecting supported by the educational potential that art has in school. For this reason, this study considered the rise of art as a contribution to exteriorize human thought as well as the dynamism which is established in the area that clearly interferes in artistic production, accounting for the value that art has in society. In addition to this it also promotes understanding of social and educational issues that justify the importance of art toward education and also which significant role it has in the creative process of thought formation. Regarding the theory, this study showed that in education, art is indeed an important, creative, imaginative and representative procedure of society that is related to real life. Thus, it can be said that art should be included in the educational process to build values and opinions that contribute with the formation of the human thought.

Key words: Education, Art, Formation of the human thought.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	SOBRE A ARTE PRIMITIVA	17
2.1	Arte: criação do psiquismo humano	22
2.2	Os processos psíquicos na arte	28
3.	A NECESSIDADE DA ARTE: RAZÃO HISTÓRICA E SOCIAL	44
3.1	Trabalho, sociedade, mercadoria e arte	51
3.2	O ser social	61
4.	ALÉM DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS	
4.1	A educação na contemporaneidade	72
4.2	Um encontro necessário: arte e educação	82
4.3	A importância do ensino de arte	89
5.	ARTE: INSPIRAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR	104
5.1	A arte na sensibilização dos sentidos	111
5.2	Arte no espaço escolar: imaginação e criação	116
6.	CONCLUSÃO	121
7.	REFERÊNCIAS	127

1. INTRODUÇÃO

O homem, como ser histórico, produziu condições sociais de desenvolvimento que decorreram de suas relações com a natureza. Isso contribuiu para o seu processo de humanização por meio da aquisição de aptidões físicas e intelectuais. De acordo com Leontiev (1978), a humanização possibilitou o desenvolvimento de uma nova postura diante da realidade, aprimorando a atividade intelectual do homem. Nas suas relações com o meio, pela utilização de instrumentos, o homem transformou e interferiu maciçamente na natureza, favorecendo a internalização das experiências como condição para o desenvolvimento psicossocial.

Nessas situações partilhadas, o indivíduo estava em constantes situações provocadas pela alternância de ações que envolviam confronto e superação. Tais ações possibilitaram a apropriação de valores por meio das aquisições históricas que contribuíram na formação do seu pensamento.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas (LEONTIEV, 1978, p. 283).

As aquisições históricas foram apropriadas pelo homem tornando-as experiências fecundas para o desenvolvimento da humanidade em prol da humanização.

De acordo com Leontiev (1978), o desenvolvimento humano foi decorrente das ações humanas sobre a natureza, sendo por meio delas que o homem modifica o meio e a si mesmo, produzindo condições históricas para o favorecimento do seu desenvolvimento intelectual e adaptação à realidade, que contribuíram na formação da cultura humana e na interação social.

Neste sentido, a perspectiva sócio-histórica considera que o desenvolvimento humano foi decorrente das disposições do sujeito e das sucessivas mediações realizadas por ele a partir da necessidade de

sobrevivência. As considerações apontadas são integradas com a transmissão dos legados culturais a fim de propagar aos seus descendentes os valores sociais e o conhecimento culturalmente elaborado.

Essa transmissão foi formalizada ao longo do desenvolvimento histórico decorrente do processo educacional que permitiu a instauração de um pensamento que atendesse ao progresso da humanidade.

O papel desempenhado pelo processo educacional tornou-se uma atividade racional, responsável pela modificação e adaptação do indivíduo à sociedade. O processo educacional formalizou a transmissão do conhecimento culturalmente elaborado através de condutas que mobilizaram o homem para uma percepção social da realidade. Nesta perspectiva, a educação é constituída de ações que envolvem centralmente o conhecimento como força motriz no processo de ensino-aprendizagem. Assim, por meio da educação, houve a oportunidade da instauração de uma nova postura social influenciada pelo desenvolvimento histórico-social e que atendesse o surgimento de novas aptidões intelectuais que estivessem associadas com as necessidades sociais. Tais aptidões foram essenciais para a organização e difusão do conhecimento, pois envolviam as capacidades de transmissão e apreensão humana.

A educação escolar é uma atividade que envolve, sobretudo, o trabalho humano, seja na prática docente, na atividade intelectual ou nas práticas discentes. As ações por ela desenvolvidas são decorrentes das diretrizes que a norteiam. Atualmente, o sistema educacional brasileiro está embasado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, que direciona e organiza o currículo escolar. A LDB 9394/96 determina a obrigatoriedade do ensino de arte na escola. Com isto, incrementa-se o valor pedagógico que a arte exerce no âmbito educacional.

A obrigatoriedade do ensino de arte na escola, segundo Barbosa (2002), foi propiciada a partir de um acordo (MEC- USAID), proposto por educadores norte-americanos, que reformulou a Educação Brasileira, estabelecendo, em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Federal nº 5692.

A LDB 9394/96, no Art.26, segundo parágrafo, afirma que “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. A educação

em arte, conforme está concebida por esta LDB determina que o conteúdo artístico deva estar presente na aprendizagem escolar.

A obrigatoriedade do ensino de arte na escola pressupõe que ele esteja adequado às reais necessidades dos alunos como um conteúdo de mobilização para o conhecimento. No entanto, Barbosa (2002) argumenta, a partir de seus estudos sobre arte-educação, que ainda não foi desenvolvida a qualidade estética da arte nas escolas. O que a autora concebe como qualidade estética é o fato do ensino de arte poder tornar-se um verdadeiro instrumento de transformação social. Esta configuração ainda não está presente na atual conjuntura educacional, que dogmatiza o ensino de arte como lazer e recreação.

Há que se levar em consideração que a arte é definida por Barbosa (1985), como o primeiro elemento de identificação nacional, pois foi através da arte que os artistas brasileiros puderam registrar as características do povo, da cultura e da região. Desta maneira, a arte apresenta extrema importância no processo de constituição da identidade nacional, da cultura brasileira e da formação do pensamento de cada pessoa. O conteúdo de arte deve necessariamente possibilitar uma investigação histórica para que ela não se torne uma atividade descontextualizada, mas uma disciplina escolar embasada no princípio de reconhecimento histórico, cultural e social.

O atual sistema educacional brasileiro não incorporou o ensino de arte, definitivamente, como formador de valores e conceitos, por isso, torna-se uma disciplina insípida e árida. Em consequência:

A arte na escola tem sido, de várias formas, pedagogizada, perdendo seu potencial transgressor. Muitas práticas ultrapassadas ainda presentes nas escolas – como desenhos estereotipados prontos para serem coloridos e aulas de arte que privilegiam a elaboração de presentes para datas comemorativas – são constantemente alimentadas por um mercado editorial que aposta na ignorância docente e na busca por receitas fáceis (LOPONTE, 2006, p. 36).

De acordo com Loponte (2006), a forma pedagogizada revela a grande preocupação com as técnicas, com os modos de fazer arte, direcionando a uma super valorização dos procedimentos técnicos. Ou seja, o potencial artístico é revelado muitas vezes pelas práticas escolares que não apresentam um

embasamento teórico. O ensino de arte é assumido nas escolas com aulas ministradas por professores que, muitas vezes, não têm formação em arte, com duração de 50 minutos, ocorrendo no máximo duas vezes por semana e como uma mera pausa para a distração. Em função deste aspecto educacional, o ensino de arte expressa a fragmentação teórica e metodológica de seu conceito, que não possibilita realizar na escola uma fruição da arte.

Diante do que foi apresentado, a investigação foi constituída de uma pesquisa teórico-descritiva, subsidiada pela teoria materialista-histórica. O objetivo geral desta pesquisa foi verificar a importância da arte na formação do pensamento humano como condição para a ação e reflexão respaldada no potencial educativo que a arte exerce no ensino escolar. Por isto, foi relevante contextualizar historicamente a arte como produto social decorrente do desenvolvimento humano em consonância com a dinâmica da história.

O problema que norteia todo o trabalho está assim formulado: Qual o potencial educativo da arte no ambiente escolar para a sensibilização e a formação intelectual do educando?

O reconhecimento da importância de se verificar a contribuição do potencial educativo da arte na formação do pensamento humano no ambiente escolar possibilitará desenvolver as ações educacionais que influenciam o ensino adequado da arte na escola, possibilitando que ela contribua na instrumentalização do pensamento para o entendimento da realidade.

O estudo do potencial educativo da arte na escola remete a uma discussão acerca da relação entre arte e pensamento. Neste sentido, os objetivos específicos definidos foram dimensionados a partir da complexidade desta discussão: Verificar a relação entre o desenvolvimento humano e o surgimento da arte; analisar as influências do trabalho e da sociedade na produção artística e explicitar a relação entre arte e escola para que se possa ampliar as ações educacionais que potencializam a função social da arte na formação do pensamento humano.

As justificativas desta investigação foram determinadas pelo enfoque que o atual ensino de arte assume no sistema educacional brasileiro. Se hoje estamos diante de um conflito educacional em relação à arte na escola, isto se deve à divisão do trabalho que fragmentou os processos sociais e, com isto, também o

conceito de arte, direcionando a um entendimento superficial em relação à fruição artística.

Em função disso, fez-se necessário compreender a importância da arte na formação da consciência social, a fim de promover a sensibilização e a humanização, porque,

Hoje se faz necessário o reconhecimento da sensibilidade humana, enquanto forma de saber, sob pena de ficarmos cristalizados num mundo que nos toma como mercadorias e à produção do conhecimento como atividade 'científica' elaborada por poucos iluminados (MENEZES, 2006, p. 186).

Portanto, a sensibilidade humana toma o reconhecimento da arte como fonte de reflexão, porque permite incorporar valores sociais que o indivíduo adquire no ato de fruição da mesma. E para isto, a escola exerce uma função essencial, pois no campo educacional, a ação que promove a sensibilização humana é viabilizada através da arte, porque, “[...] **a arte é realista: reflete a realidade de uma sociedade datada e é portadora, no seu âmago, da complexidade do movimento histórico**”. (PEIXOTO, 2003, p. 77, grifo da autora).

Desta forma, este trabalho foi elaborado a partir da conceituação da arte, como produto socialmente construído pelo movimento histórico-social. Logo, é um conteúdo que abrange a totalidade das relações sociais. É por meio também da compreensão artística que o aluno se integra no processo de entendimento e apropriação da realidade e apreende o código artístico como trabalho humano.

O referencial teórico-metodológico que foi adotado para a elaboração desta pesquisa é o materialismo histórico. O materialismo-histórico realiza uma compreensão acerca da sociedade que permite analisar os fatos e fenômenos por meio do entendimento dos elementos de várias ordens que os compõem: social, cultural, artístico e psíquico. Esta totalidade é verificada não somente na aparência dos fatos, mas também na sua essência. Na essência é vivenciado o diálogo teórico, a fim de compreender a estreita ligação entre o conhecimento e as relações sociais que o produziram.

Neste sentido, Marx (1986) considera que a única ciência que conhecemos é a ciência da história; ela é resultante das relações que o ser social estabelece com o seu meio. Estas relações são advindas da força do trabalho humano, que

intervém na natureza e nos indivíduos. Portanto, o referencial teórico demonstra que a força motriz que conduz o desenvolvimento da história do pensamento humano é a soma das relações sociais. Desta forma, tal concepção determina que o homem seja o produto do desenvolvimento da história, como resultado das ações entre ele e o mundo. Nesta relação, o homem também produz o conhecimento que lhe possibilita ampliar a sua comunicação e a sua intervenção no meio circundante.

A arte como conhecimento se torna um produto social decorrente do processo de mediação humana em conformidade com o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Portanto, a arte é definida

[...] como expressão de um conteúdo, esse conteúdo é visto como a expressão de uma consciência coletiva, que, como conjunto de consciências individuais, tem um caráter de absoluta imanência (PEIXOTO, 2003, p. 50-51).

Isto conduz à compreensão de que a arte é constituída do trabalho coletivo gerado pela dinâmica social que possibilita ao homem representar, por meio da manifestação artística, o individual e a consciência social. Trata-se, pois, de compreender que no conteúdo, na origem e na mensagem a arte possui uma característica que permanece ao longo do desenvolvimento histórico: a originalidade.

A manifestação artística evidencia uma representação social que demonstra condições para que a sociedade seja revelada e compreendida numa perspectiva histórico-social que busca “[...] explicar as formações ideológicas a partir da práxis material”. (MARX, 1986, p. 56). Desta maneira, compreender a arte na escola é possibilitar um entendimento da unidade vivenciada pela arte e educação amparada pelas relações sociais que ocorrem através das mediações entre o homem, a natureza e a sociedade, para justificar como o arranjo educacional viabiliza a inserção da arte na educação.

Por sua vez, Marx (1983, p. 24) afirma que:

O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, político e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que lhes determina o ser; é inversamente o ser social que lhes determina a consciência.

Neste sentido, o envolvimento da investigação sobre o potencial educativo da arte está respaldado na produção da vida material como resultado das relações decorrentes do trabalho, sociedade e cultura.

A arte se torna uma produção humana, resultado das relações que são estabelecidas na sociedade e que contemplam a capacidade criadora, sensibilizadora do homem se manifestar por meio de símbolos, gestos e ritmos. O movimento dialético entre o social e o individual gera a consciência de cada época como forma de responder às necessidades e às tentativas de superar os problemas sociais que foram originados a partir da práxis material:

Tal concepção mostra que a história não termina dissolvendo-se na 'autoconsciência', como 'espírito do espírito', mas que em cada uma de suas fases encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e entre os indivíduos, que cada geração transmite à geração seguinte; uma massa de forças produtivas, de capitais e de condições que, embora sendo em parte modificada pela nova geração prescreve a esta suas próprias condições de vida e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter especial (MARX, 1986, p. 56).

A arte, como resultado da potencialidade criativa do homem em materializar o seu pensamento através do trabalho artístico é determinada pelas forças produtivas da sociedade. Na consideração desta afirmação, a potencialidade da capacidade educativa da arte no ambiente escolar é compreendida a partir dos aspectos cognitivos, históricos e educacionais que a arte desempenha na sociedade.

Neste aspecto, a interação que o indivíduo estabelece com a arte torna-se uma possibilidade de apreender a linguagem artística que está internalizada considerando os motivos, emoções, valores e os sentidos pessoais, a fim de possibilitar uma incorporação de elementos que podem auxiliar nas situações que o homem realiza com o mundo. Estas situações são estabelecidas pelo poder de criação e fruição da arte. Portanto,

A arte, enquanto criação-produção-fruição estabelece-se como uma das formas pelas quais os indivíduos podem se autoconstituir, à medida que constituem sua consciência (do mundo) e sua autoconsciência (de si próprio frente ao mundo),

tornando-se mais humanos das possibilidades das contradições e insensibilidades, bem como de toda indiferença gerada e cultivada na coletividade e no espírito, por determinações históricas, socioeconômicas, políticas e culturais (PEIXOTO, 2006, p. 247).

Diante disto, a arte é definida como resultado das múltiplas relações sociais que definem a dinâmica social, portanto, ela deve ser decodificada em seus aspectos históricos, sociais e culturais que possibilitaram a sua produção. Esta decodificação como vivência escolar possibilitará que a formação dos processos psicológicos superiores dos alunos se apropriem dos elementos artísticos como forma de conhecimento para associar com a realidade.

Assim sendo, a escolha do materialismo histórico como referencial teórico-metodológico define a vinculação entre arte e educação numa perspectiva econômica, política e cultural que contribui para verificar a importância desta relação no processo de ensino-aprendizagem. A teoria cumpre o seu papel de alicerce na presente investigação, porque direciona o entendimento da arte como produto estético, social e cultural oriundo das vivências do ser humano.

A arte então não pode ser vista somente como expressão individual, porque ela é o somatório das mediações sociais. Pois, a atividade psíquica que o indivíduo executa a fim de produzir uma obra de arte é resultado de uma atividade social, de mediações estabelecidas entre ele e o mundo.

O entendimento do potencial educativo da arte no ambiente escolar pode ser realizado como uma leitura social que determina a arte como inspiração e criação humana, porque “o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império, disse Stuart Hampshire alguma vez em algum de seus escritos”. (BARBOSA, 2002, p. 33).

Para o enfrentamento e aprofundamento das questões essenciais que emergiram nesta pesquisa, as seções foram divididas da seguinte maneira: Na seção II foi explicitado o surgimento da arte a fim de verificar a sua relação com o desenvolvimento humano. A seção III descreve a correspondência entre trabalho, sociedade e mercadoria e o dinamismo social que está incorporado na produção artística. Na seção IV, analisou-se a relação entre arte e escola, buscando ampliar as ações educacionais que potencializam a arte no ambiente educacional. Posteriormente, na seção V, analisou-se a contribuição do ensino de arte na

escola para que ele cumpra sua função social na formação do pensamento humano, através da sensibilização dos sentidos e dos estados psíquicos provocados pela criatividade e inspiração.

2. SOBRE A ARTE PRIMITIVA

No decorrer da história, a relação homem-natureza foi oriunda do desenvolvimento humano em consonância com a necessidade de sobrevivência do homem. Esta relação propiciou o desenvolvimento de técnicas e instrumentos pelo homem primitivo que intensificaram as relações estabelecidas no meio natural, como forma de sobrevivência e cooperação com o seu bando. Leontiev (1978) considera que as leis biológicas em consonância com a influência do trabalho e da linguagem permitiram o desenvolvimento do homem.

As relações de caça e de divisão de tarefas, iniciadas nos primórdios da humanidade, foram responsáveis pelas condições que favoreceram o desenvolvimento das habilidades dos hominídeos. Este novo homem que se formou de acordo com a capacidade de adaptabilidade ao meio adquiriu condições de se independizar da natureza e conquistar uma identidade que diferiu dos animais. Foi por meio do desenvolvimento da linguagem e do trabalho que o homem evoluiu e conquistou a sua condição de ser racional:

Assim se desenvolvia o homem, tornado sujeito do processo social de trabalho, sob a ação de duas espécies de leis: em primeiro lugar, as leis biológicas, em virtude das quais os seus órgãos se adaptaram às condições e às necessidades da produção; em segundo lugar, às leis sócio-históricas que regiam o desenvolvimento da própria produção e os fenômenos que ela engendra (LEONTIEV, 1978, p. 263).

O homem então se tornou sujeito que influenciou, e influencia diretamente na modificação do espaço e consolidou uma comunicação que o diferenciou dos outros animais. Percebeu a necessidade de se apropriar da natureza a fim de construir instrumentos para a sua sobrevivência. Os instrumentos de trabalho foram imprescindíveis para o aprimoramento da comunicação humana, dentre elas, a linguagem verbal. Com a utilização dos instrumentos, o homem pôde transmitir os legados culturais e sociais. Tal transmissão foi responsável pela manutenção da vida humana, promovendo o desenvolvimento de formas de expressão artística, cultural e social. Assim,

A aquisição do instrumento consiste, portanto, para o homem, em se apropriar das operações motoras que nele estão incorporadas. É ao mesmo tempo um processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores, psicomotoras, que hominizam a sua esfera motriz (LEONTIEV, 1978, p. 269).

A capacidade criadora do homem, que implicou na produção e utilização de instrumentos para atingir um objetivo, foi resultado das experimentações e registros da sua experiência com a natureza, em decorrência dos estímulos externos e das necessidades biológicas. Através da utilização de instrumentos, o homem primitivo consolidou a capacidade de representar a vida. Para os primórdios da humanidade esta representação tornou-se um momento significativo no processo de aquisição da comunicação. Por meio da utilização dos instrumentos, o homem pôde simbolizar a sua vida e intensificar o domínio sobre a natureza. A simbolização primitiva deu início ao surgimento da arte, que possibilitou ao homem defini-la como auxílio mágico à exploração do mundo. Portanto, de acordo com Vázquez (1978, p. 79):

A arte se integra – como uma técnica peculiar – na luta do homem pré-histórico para subsistir, defender-se ou conseguir alimento. Como a técnica material – e precisamente para suprir a debilidade dela – serve de mediadora entre o homem e a natureza. Com a representação pictórica, o pintor caçador pretende antecipar ou facilitar o que materialmente, com suas armas e instrumentos reais, não pode obter. Seu interesse, como artista, concentra-se no mesmo que o interessa, como caçador, na vida real, por isso pinta, sobretudo, os animais de caça ou os que lhe inspiram temor, e também por isso é que só raras vezes traça figuras de homens, plantas ou pássaros.

Neste sentido, a arte primitiva foi decorrente da necessidade de sobrevivência da espécie e possibilitou ao homem apreender a natureza por meio da utilização de instrumentos e signos. O meio natural foi o espaço para a materialização do pensamento humano, e foi utilizado pelo homem primitivo a fim de manifestar a sua capacidade artística. Nesta relação foi revelada ao homem outra função da natureza além de fornecedora de alimentos e de moradia; ela se tornou um canal responsável pela transmissão do pensamento humano.

A arte rupestre representou uma forma primitiva de comunicação a fim de transmitir o pensamento humano e demonstrou significativamente a importância

da natureza no desenvolvimento do homem. Para o homem primitivo, “a arte era um instrumento mágico e servia ao homem na dominação da natureza e no desenvolvimento das relações sociais”. (FISCHER, 1983, p. 44). E sinalizou um mecanismo de expressar o imediato, o real e o fictício, que sob o aspecto pictórico representava a necessidade social.

A necessidade social foi originada a partir da interação do homem com o ambiente natural, de tal maneira, que propiciou um processo dinâmico em conformidade com os instrumentos e signos que realizaram a mediação entre o homem e a natureza.

Com isto, as atividades humanas foram movidas cada vez mais pelos motivos sociais, resultado do processo de humanização que permitiu a evolução do homem. Segundo Leontiev (1978), o homem se libertou de suas condições primitivas direcionadas pelas leis biológicas e passou a existir no mundo através da apropriação das riquezas naturais participando ativamente na modificação do meio através das diversas formas de atividades. Com efeito, há o surgimento de novas aptidões e necessidades sociais engendradas pela exploração do mundo.

A formação da identidade do homem ocorre ao longo da vida e de acordo com as mediações que ele estabelece. Para Leontiev (1978, p. 267), “cada indivíduo aprende a ser homem”; assim, no decurso do desenvolvimento histórico o homem apropria-se do conhecimento que o cerca participando da atividade social como forma de contribuir no seu processo de humanização.

Desta forma, a arte se tornou uma sinalização do processo de humanização, porque esteve sintonizada com a organização do pensamento humano através da figuração de formas e ações humanas. Segundo Vázquez (1978, p. 78), “[...] foi justamente a figuração que permitiu à arte se converter, naquela época tão hostil para o homem pré-histórico, num instrumento de poder destinado a compensar sua debilidade real material, diante da natureza”. A arte possibilitou ao homem pré-histórico antever uma finalidade prática à qual era destinada a sua atividade. Desta maneira, a representação da vida humana tornou-se materializada pela capacidade do homem, por meio da utilização de instrumentos, apresentar as relações primitivas de caça, de agricultura, a fertilidade da mulher e a vida coletiva.

O sentido da arte oriundo de uma manifestação primitiva produziu estados psíquicos que direcionaram o homem a intensificar sua atividade criadora, como condição para aproximar-se de sua essência e de seu semelhante. Neste aspecto,

É preciso refletir sobre este dado incontornável: **a arte tem representado, desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano.** Atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que as condiciona: o que nos leva a sondar o **ser** da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmo (BOSI, 1985, p. 8, grifo do autor).

A pintura pré-histórica revelou o alto grau da criação humana genuinamente alcançada e determinada por técnicas rudimentares, o que representou uma técnica peculiar de figuração da realidade, em face de uma autonomia estabelecida do indivíduo primitivo integrada ao mundo do trabalho. Desta forma, o aprimoramento da criação humana esteve integrado ao caráter coletivo como forma de representar a encenação da realidade social.

A Arte, então, aparece no mundo humano como forma de organização, como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepções e imaginação. Assim, ela abarca um tipo de conhecimento a partir de universos sensíveis e ideais da apreensão humana da realidade (BUORO, 2003, p. 24).

Com o desenvolvimento de novos instrumentos de trabalho, o homem ampliou o seu domínio sobre a natureza, interferindo maciçamente no ambiente ao seu redor, o que foi revelado através da magia propiciada pela modificação da matéria por meio da arte:

A estimulante descoberta de que os objetos naturais podiam ser transformados em instrumentos capazes de agir sobre o mundo exterior e alterá-lo levou a mente do homem primitivo, sempre Tateando experimentalmente e despertando aos poucos para o pensamento, a outra idéia: a idéia de que o impossível também poderia ser conseguido com instrumentos mágicos, isto é, a idéia de que a natureza poderia ser magicamente transformada sem o esforço do trabalho (FISCHER, 1983, p. 42-43).

O fascínio pela criação dos instrumentos engendrou no pensamento uma força avassaladora que repercutiu na manifestação humana através da criação e transformação da matéria. Essa força proporcionou o aprimoramento intelectual que, por sua vez, ocorreu concomitantemente com o aprimoramento artístico.

Conforme as aptidões ligadas à percepção, sensação, habilidade motora e visual se desenvolviam a arte tornava-se um mecanismo de expressão da inteligência humana. Portanto, era por meio do trabalho que a arte se fundamentava na sociedade primitiva. “O trabalho é assim, histórica e socialmente, a condição necessária do aparecimento da arte, bem como da relação estética do homem com seus produtos”. (VÁZQUEZ, 1978, p. 73). Pela ação de modificação da natureza o homem adquiriu novas aptidões e maior domínio sobre a realidade, o que pôde ser configurado na representação artística.

O homem primitivo utilizou-se primeiramente de técnicas rudimentares, como pedras lascadas, óleos vegetais e sangue de animais a fim de comunicar ao seu bando a necessidade de alimento, de demonstrar a divisão de tarefas e os ritos vivenciados pela sociedade primitiva. Ao longo do desenvolvimento social, as técnicas e os instrumentos foram aperfeiçoados e o homem não se limitou somente a representar o real, mas também o imaginário. Desta forma, esta representação foi aperfeiçoada e a arte tornou-se uma expressão alcançada pela humanidade, suscitando a simbolização do real e do imaginário.

A arte acompanhou a evolução do processo civilizatório da humanidade, pois apresentou a relação homem-natureza como condição essencial para a produção de formas figurativas que apresentassem a catarse coletiva. Tal catarse coletiva é compreendida como a organização do pensamento social e demonstra o processo pelo qual o homem compreende o mundo a partir das experimentações e do convívio social, o que permitiu à arte rupestre tornar-se um mecanismo de comunicação do legado sócio-histórico.

Portanto, a arte primitiva possuía significado para o ser humano, porque era o resultado da sensibilização do homem diante da realidade. Essa sensibilização resultou nos primórdios da reflexão e ação como forma de representação do real.

O conhecimento do meio e a sua exteriorização são ações que engendraram formas de o homem conhecer o mundo e se reconhecer no mundo,

por isto que a arte, desde o início, foi essencial para a elevação do desenvolvimento humano e a formação da consciência social, tornando-se o alto grau da criação humana.

A arte primitiva representou o entrelaçamento do realismo artístico com a finalidade à qual ela se destina. Como afirma Vázquez (1978), a finalidade do realismo artístico estende-se à capacidade de abstração e generalização do desenho do homem primitivo, que por sua vez corresponde à sua atitude de ser criador em face da utilidade do estético. Isto quer dizer que a criação representou uma vasta forma de apropriação da realidade, reproduzindo ações humanas por meio da representação figurativa.

2.1. Arte: criação do psiquismo humano

O homem é considerado um ser social porque evoluiu gradualmente ao longo da história da humanidade e desenvolveu habilidades que estão submetidas à formação das funções psíquicas superiores. As condições sociais de vida em coletividade promoveram funções sociais na organização da sociedade que foram imprescindíveis para o processo de hominização. Assim,

[...] a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; que esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a leis **sócio-históricas** (LEONTIEV, 1978, p. 262, grifo do autor).

O desenvolvimento do homem foi determinado pelo ritmo crescente das condições sócio-históricas. Esse desenvolvimento esteve estruturado internamente através do psiquismo humano que pode ser entendido, segundo Leontiev (1978), como uma atividade intelectual pautada pelos processos interiores psíquicos de acordo com as condições sociais e as relações mediatizadas pelo sujeito.

Luria (1979) considera que as mudanças psíquicas associadas com as condições sociais possibilitaram o desenvolvimento de formas superiores de

comportamento, que originaram o surgimento de novas experiências com o meio circundante. Isso permitiu que a atuação e a adaptação humana propiciassem o surgimento de motivos superiores, que estiveram articulados com as necessidades humanas e dependeram fundamentalmente da mudança da estrutura do comportamento humano. Os motivos superiores são necessidades geradas a partir de novas situações de mediação sociais. Diante disso, o homem teve a necessidade de transmitir a experiência passada aos seus semelhantes.

Assim, os processos de adaptações, variações e conflitos decorrentes das relações que o homem estabelecia com o seu meio propiciaram condições para o desenvolvimento de atividades movidas pelas leis biológicas em consonância com as leis sociais. Tais atividades consistiram no processo racional e foram decorrentes da evolução das condições psíquicas. Para tanto, Luria (1979, p. 72) considera que:

A atividade consciente do homem não pode tomar como orientação a impressão imediata da situação exterior e sim um conhecimento mais profundo das leis interiores dessa situação, razão por que há todo fundamento para afirmar-se que o comportamento humano, baseado no reconhecimento da necessidade é livre.

Com a execução consciente de suas atividades e intensificando a relação com a natureza, o homem evoluiu da condição primitiva para uma condição social. Essa evolução direcionou o aperfeiçoamento de técnicas e de atividades que foram objetificadas através do trabalho. O trabalho é a ação do homem sobre a natureza, por intermédio da relação com outros homens. É uma ação intencionalizada resultante de um processo social, em que há cooperação e divisão de tarefas.

Em consonância com o trabalho, houve uma evolução em relação à linguagem verbal. A comunicação evoluiu para uma linguagem mais complexa e possuidora de signos lingüísticos. Segundo Leontiev (1978), a aquisição da fonética é uma atividade cerebral que ocorre associada com o instrumento de trabalho. A fonética associada ao trabalho direcionou o homem à conscientização de sua atividade, reconhecendo a especificidade de cada instrumento.

O fazer consciente e o ser consciente se desenvolveram no trabalho, e só num estágio posterior é que surgiu um propósito claramente reconhecido a dar forma específica e um caráter próprio a cada instrumento (FISCHER, 1983, p. 29).

O trabalho gera a necessidade de comunicação entre os homens e objetiva a consolidação de uma consciência racional para a execução das atividades. “O aparecimento da consciência humana encontra-se indissoluvelmente unido à atividade laborativa”. (PALANGANA, 1995, p. 18).

Neste sentido, as mudanças essenciais na estrutura psicossocial proporcionadas pela exploração do mundo através do trabalho deram origem à constituição do ser histórico:

A noção de constituição do homem como ser histórico traz implícita a concepção de que não há uma essência humana dada e imutável, pelo contrário, supõe um homem ativo no processo contínuo e infinito de construção de si mesmo, da natureza e da história (REGO, 1995, p. 98).

Através do desenvolvimento da linguagem verbal, o homem primitivo ampliou e armazenou na comunicação os signos lingüísticos capazes de apreender o legado sócio-histórico responsável pela transmissão da cultura. Conforme o homem se apoderou dos instrumentos e da linguagem, ele se diferenciou da natureza e adquiriu essência humana. A linguagem surgiu como expressão do trabalho e se tornou uma orientação indispensável na transmissão de informações na convivência em coletividade.

O trabalho força os homens à comunicação. No início, as ações de trabalho e a comunicação formam um processo único. Agindo sobre a natureza, os movimentos agem, igualmente, sobre os outros participantes na produção. Portanto, as ações dos homens têm, nessas condições, uma dupla função: a produtiva e a de comunicação (PALANGANA, 1995, p.19).

Desta maneira, a linguagem como meio de comunicação tornou-se um canal que esteve em consonância com os modos de agir e de pensar do homem. As ações humanas foram dirigidas em função da variação das circunstâncias históricas e das condições ambientais, propiciadas pela mediação do homem com

a natureza, permitindo que a formação e o desenvolvimento intelectual dependessem também da linguagem. Sendo assim:

É bastante provável que a fala de nossos ancestrais pré-históricos tenha sido simples e concreta, sem inflexões e grandes finuras, sem abstrações ou conceituações. Mas o ponto que aqui quero enfatizar é o seguinte **criar, formar, dar uma forma às coisas não depende necessariamente da capacidade de verbalizar ou conceituar** (ainda que não possa abrangê-la). **Depende, sim, de um senso interior de forma, de equilíbrio e justeza das formas, enfim, depende da sensibilidade conscientizada, ordenada, significadora do ser humano.** De suas profundezas afluem a intuição e um sentimento de empatia com a matéria, a qual, ao ser transformada, vai ser formada (OSTROWER, 1998, p. 266, grifo da autora).

O trabalho, como atividade criadora e transformadora, juntamente com a linguagem exerceu uma forte influência na formação da sensibilização estética. O trabalho direcionou a produção de formas rítmicas, estéticas e corporais e possibilitou que o sujeito no processo artístico fosse capaz de materializar as interações sociais das quais faz parte. “Considera a perspectiva sócio-histórica, portanto, que na evolução das sociedades, os homens foram elaborando objetos, convenções, signos, como forma de registrar e transmitir determinadas informações no processo de trabalho”. (OLIVEIRA, 1995, p. 54). A construção de objetos, formas e signos foram condições sociais que estiveram relacionadas à simbolização da onipresença humana por meio da arte.

Através dela a imaginação humana podia se tornar concreta, isto é: a capacidade original do cérebro de produzir imagens se aperfeiçoava, por transformar tais imagens em ações e produtos **gravados** no mundo (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 38, grifo do autor).

As novas formas de representação da vida humana vivenciada pela experiência artística enalteceram a capacidade da imaginação, raciocínio e criatividade humana. A arte tornou-se uma representação de uma experiência situada em determinado contexto social, cultural e histórico. Portanto, o que o homem foi capaz de manifestar artisticamente é resultado das relações desempenhadas pela vida coletiva.

A consolidação do homem como ser social esteve pautada nos mecanismos de adaptação e modificação em relação ao meio. As ações do homem repercutiram não somente em uma nova estruturação da natureza e da sociedade, como também em uma nova postura do mesmo em relação à linguagem e a vida em coletividade. Isso foi devido às formas de expressão do homem designadas pela utilização de instrumentos e objetos que criaram formas que representassem o seu pensamento.

As atividades desempenhadas pelo homem permitiram a interação social e a sensibilização dos órgãos sensoriais como forma de propiciar o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. É através da articulação entre o ser e o mundo que o homem cria regras, estratégias e produz condições de evidenciar as suas emoções. As emoções humanas fazem parte do desenvolvimento e da internalização das funções psíquicas superiores. Portanto, as descargas emocionais estão em conformidade com as experiências vividas em decorrência da cognição, motricidade e afetividade.

A arte foi uma condição essencial para que o homem pudesse emergir das suas condições primitivas e instaurar uma realização pessoal por meio de figuras pictóricas. Isto permitiu que a transmissão do pensamento humano fosse viabilizada através da própria criação humana, a arte.

A manifestação artística possibilitou ao homem desenvolver estados psíquicos que atingissem níveis elevados do pensamento. Tais níveis elevados podem ser verificados através do poder de criação que redimensiona a forma como o homem age no mundo. “O poder da criação do homem explicita-se na criação de objetos humanizados e de sua própria natureza”. (VÁZQUEZ, 1978, p. 53). As criações humanas assentam os juízos de valor circulantes na sociedade porque elas se tornam uma forma de comunicação. Elas exprimem as condições sociais e intelectuais predominantes de um determinado momento histórico.

A criação artística responde, portanto, através de uma complexa trama de elos intermediários, às necessidades do homem numa sociedade determinada. Pois bem, precisamente por se tratar do homem real, situado num contexto determinado, histórico, particular, os meios de expressão de que se vale o artista devem ser enriquecidos constantemente. Não se trata, naturalmente, de fazer da criação de formas uma finalidade em si mesma, pois não existe a expressão pura, mas a expressão de um determinado mundo humano (VÁZQUEZ, 1978, p. 107).

Através da arte, o homem pôde reinventar a sua forma de ser no mundo, porque ele criou situações que extrapolaram o limite da realidade. A manifestação artística possibilita ao indivíduo a capacidade de não ser somente um transformador da realidade, mas, de criar novas realidades. Portanto, Fischer (1983, p. 252, grifo do autor), considera que:

[...] a função permanente da arte é recriar **para a experiência de cada indivíduo** a plenitude **daquilo que ele não é**, isto é, a experiência da humanidade em geral. A magia da arte está em que, nesse processo de recriação, ela mostra a realidade como passível de ser transformada, dominada e tornada brinquedo.

A expressão do psiquismo humano através da arte possibilitou a criação de um espaço em que o homem pudesse interferir na realidade e modificá-la, tornando-a instrumento de seu pensamento e representação de sua vida. Nesse aspecto, o espaço artístico é preenchido pela ação que concretiza a correlação entre o homem e suas próprias criações, a fim de que ele possa usufruir no seu íntimo os sentidos do mundo.

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar frente a formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 48).

Toda a identificação que o indivíduo estabeleceu com a arte possibilitou a finalidade de apresentar a realidade específica de seu meio, como condição primordial para o entendimento de si mesmo. A sensibilização artística como processo da conscientização humana abrange a significação dos sentimentos que valorizam a vida, porque no processo de criação e construção de formas artísticas, o homem revela o seu grande poder de representar, ora o universo coletivo das relações sociais, ora o universo compreendido pelo psiquismo individual.

2.2. Os processos psíquicos na arte

O homem utilizou os instrumentos e signos para auxiliar nas suas atividades e, dentre elas, a manifestação artística. As relações mediatizadas através de instrumentos e signos que o homem manteve com o universo, por meio do trabalho, tornaram a sua capacidade criativa uma atividade essencialmente humana e decorrente do processo de humanização. “O homem elabora seu potencial criador através do trabalho. É uma experiência vital. Nela o homem encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas”. (OSTROWER, 1987, p. 31).

Os instrumentos de trabalho possibilitaram o desenvolvimento das aptidões humanas porque serviram de mediação entre o homem e a natureza, sendo uma extensão do próprio corpo humano. Nele está internalizada a racionalização do pensamento e a sua operação revela a organização de um movimento interiorizado pelo homem. Desta forma, o instrumento é um objeto de trabalho para o processo artístico que revela também a essência humana.

O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza. [...] Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo (OLIVEIRA, 1997, p. 29).

Na relação com a sociedade, o homem utilizou instrumentos sociais e o signo lingüístico como fatores imprescindíveis no processo de mediação cultural. Vigotski (1998) considera que o uso de signos e instrumentos possibilitou o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Há, no entanto, uma diferenciação entre eles que constitui na função que cada um exerce nas operações psicológicas:

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; e ele é orientado **externamente**, deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro

lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado **internamente**. Essas atividades são tão diferentes uma da outra, que a natureza dos meios por elas utilizados não pode ser a mesma (VIGOTSKI, 1998, p. 72-73, grifo do autor).

O homem dialoga com o mundo por meio de signos e instrumentos sociais que ele dispõe, e neste diálogo ele desperta a sensibilidade através da apreciação diante dos fenômenos naturais e sociais. Ostrower (1999, p. 52) considera que “o mundo de nossa sensibilidade é um mundo de diálogos com as formas das matérias, físicas ou psíquicas”. Neste sentido, foi através do uso de instrumentos e signos que a existência humana esteve vinculada à expansão da capacidade criativa do homem.

A capacidade criativa esteve intimamente ligada à apropriação dos objetos como forma de exteriorizar o pensamento e desenvolver uma nova postura em relação a eles que possibilitou criar novos mecanismos de representação do coletivo, como pôde ser verificado na manifestação artística.

Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto (LEONTIEV, 1978, p. 208).

Os homens estabeleceram relações com os objetos sociais resultando diretamente na apropriação da realidade. Estas relações foram essenciais para que os sentidos fossem desenvolvidos. “E este processo de formação dos sentidos como sentidos humanos é inseparável do processo de formação ou criação de objetos humanos”. (VÁZQUEZ, 1978, p. 84). Para os homens a forma de ser, de ter e de sentir é decorrente da sua capacidade de criar objetos e instrumentos para sensibilizar-se diante da realidade.

No processo dialógico com o mundo, a atividade psicossocial subsidiada pela utilização de instrumentos e signos é responsável pela percepção e recepção do conteúdo no qual o indivíduo está inserido. Tal atividade possibilita a mediação entre a singularidade individual e a pluralidade do ambiente coletivo. Neste processo mediatizado, são internalizadas as funções psíquicas superiores. “O indivíduo assim forma a sua conduta e sua personalidade a partir dos conflitos

que estabelece com o meio a cada momento”. (OLIVEIRA, 1995, p. 53). É por meio do processo mediatizado entre o homem e a natureza, que ele internaliza e expressa a sua sensibilidade.

A sofisticação de sua ação como forma de mediar e ampliar as relações com a natureza esteve em prol da exteriorização do seu pensamento e do surgimento de uma linguagem em que estava cristalizada a forma cultural, social e econômica. O homem atribuiu a esta linguagem, forma, volume e conteúdo ao seu pensamento internalizado, possibilitando potencializar a sua expressão, sua apropriação da realidade, através da linguagem artística.

A Arte, enquanto linguagem, interpretação é representação do mundo, é parte deste movimento. Enquanto forma privilegiada dos processos de representação humana, é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem contato consigo mesmo e com o universo. Por isso, a arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. O conhecimento do meio é básico para a sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o ser humano amplia o seu saber (BUORO, 2003, p. 20).

A arte é resultado de uma força constante entre o social e o individual. Por meio do diálogo corporal e verbal, que o indivíduo estabelece com o círculo social, ele recebe estímulos que produzem sensações e despertam nele sentimentos que dão vazão à expressão artística. Fischer (1983, p. 14, grifo do autor) afirma que “a tensão e a contradição dialética são inerentes à arte; a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser **construída**, precisa tomar forma através da objetividade”. Conforme explicitado pelo autor, a arte se torna um produto social imanente, que é construído na relação entre a imaginação e a realidade.

Por isto, na produção da arte são suscitados estados psíquicos que se constitui na ação reflexiva entre o ser e o mundo. A ação reflexiva que é realizada entre o meio social e o individual é o meio no qual pode ser considerada por Vigotski (2001) como um sentimento que é individual, e que se torna social através da representação da arte e volta a ser individual, porque cada um tem uma reação e uma expressão própria diante da arte.

Neste aspecto, a arte é uma extensão dos sentimentos humanos, pois é um sentimento social que acompanha a história da humanidade. A arte

acompanha a história da humanidade porque é uma organização do simbolismo humano em busca de convergir no espaço à materialização dos sentimentos. Esta conversão dos sentimentos humanos em matéria é decorrente do “[...] **próprio processo de trabalho que se converte em processo criador** de buscas e de descobertas sempre mais abrangentes”. (OSTROWER, 1999, p. 20, grifo do autor). E, desta maneira, na ação laborativa estão envolvidas a intenção e a criação formadas pelas tensões psíquicas daquele que a produziu. E esta produção se torna o resultado do processo criador.

Em suma, a totalidade do homem compreendida pela potencialidade dos sentimentos decorrentes da sua relação com o meio circundante pode ser materializada através da manifestação artística. Essa potencialidade é transferida à arte através da simbolização que expressa a vida humana.

Vigotski (2001) reconhece que a arte é determinada e condicionada pelo psiquismo do homem social, tendo em vista que, para Marx, o psiquismo do homem social é determinado pela infraestrutura econômica compreendida pelas forças de produção da sociedade. Essas forças produtivas que decorrem dos processos mediatizados entre o individual e o social formaram o psiquismo humano. Neste aspecto, o psiquismo humano torna-se o substrato para a produção da arte. “Assim o psiquismo do homem social é visto como subsolo comum de todas as ideologias de dada época, inclusive da arte”. (VIGOTSKI, 2001, p. 11).

Diante disso, a arte está ligada à identificação do indivíduo ao seu mundo, de modo que ao criar a arte o homem apresenta a sua forma de perceber o universo e se relacionar com ele através da criação dos elementos artísticos que compõem a arte como: ritmo, cor, luz, espaço, etc. Com isto ele demonstra a capacidade de percepção e criação em relação ao meio em que está inserido. Concomitantemente ao processo de criação, o homem realiza a fruição daquilo que está sendo feito, pois na ação de fruição “os indivíduos podem, no ato de presenciar o **novo**, aprender uma nova visão de mundo”. (PEIXOTO, p. 56, 2003, grifo da autora). É através da sua própria criação que o homem demonstra a originalidade do seu trabalho e a relevância do seu pensamento como um mundo a ser revelado.

O indivíduo cria porque tem a necessidade de exteriorizar o seu pensamento sob a forma artística e, neste processo, amplia sua capacidade de percepção sobre o mundo. E na relação entre o ser e o mundo, a arte exerce uma função primordial de suscitar estados psíquicos que proporcionam o entendimento da realidade social. Neste sentido, a arte pode ser definida como criação originada da elevação do pensamento, que contribui no desenvolvimento humano. “O homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz esta necessidade de humanização”. (VÁZQUEZ, 1978, p. 48).

O usufruto que cada um realiza diante da arte varia de acordo com a condição social e psíquica do indivíduo. Desta forma, a arte produz um efeito cinestésico, pois permite que os mecanismos psicológicos decorrentes da sensibilização, do conhecimento internalizado e da história de vida de cada um contribuam na fruição da arte. Neste sentido, a fruição, como ação que proporciona o usufruto da arte está diretamente relacionada à complexa capacidade de relacionamento dos indivíduos com o meio social. Para Vigotski (2001, p. 48) “A dificuldade não está em mostrar que o usufruto das obras de arte em cada época é de caráter especial [...]”, pois, o autor considera que a dificuldade está em demonstrar que as emoções formais diante da arte são decorrentes do processo histórico-social e cada leitor vivencia a obra de arte de uma maneira diferente.

É na fruição artística que o sujeito vivencia a catarse estética. Vigotski (2001) considera que esta catarse é a contradição emocional vivenciada pela emoção da arte. O sujeito vivencia os prazeres motivados pela arte, emociona-se diante das sutilezas dos devaneios individuais, penetra na mensagem internalizada e tudo isto ocorre no tempo e no espaço que faz com que ela seja eternizada.

Os processos simbólicos que são proporcionados por meio do pensamento artístico são decorrentes da capacidade de abstração, imaginação e criação que possibilitam ao indivíduo produzir imagens que revelam o caráter sensibilizador da arte. “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias”. (FISCHER, 1983, p. 13). Através da fruição da arte, o

homem desenvolve um pensamento associado à estética. Em consequência disto, as influências que cada um possui, tanto em relação à cultura quanto aos valores morais, refletem a apreensão que o indivíduo realizará do código artístico.

É por intermédio da produção simbólica através da manifestação artística que é produzido um dinamismo social, que amplia a comunicação entre os homens perpassando a história da humanidade, pois é reconhecida na produção artística a identidade de cada povo.

O importante, aqui, é saber que por intermédio de formas simbólicas torna-se possível **objetivar as vivências subjetivas** de cada um. Formadas, isto é, estruturadas e assim objetivadas, estas vivências não só podem chegar ao consciente da pessoa, como também podem ser comunicadas. Podemos comunicar aos outros 'o quê' estamos sentindo e pensando; e os outros poderão chegar a avaliar a extensão de nossas emoções e de nossos pensamentos – pois existe a possibilidade de concretizá-los, dando-lhes forma. Tais formas tornam-se elementos integrantes de um mundo comum psíquico, coletivo. Sobretudo neste sentido cabe entender a importância da simbolização: como processo formador, conscientizador e comunicador (OSTROWER, 1999, p. 52, grifo da autora).

Os processos intelectuais e emocionais despertados na fruição artística dizem respeito à subjetividade individual e cada um realiza a sua interpretação dando-lhe um sentido. A arte é uma fonte de recursos e sensações humanas inesgotáveis porque possibilita o diálogo entre os homens de diferentes gerações, exprime a vivência humana e se complementa com a participação do público.

Neste sentido, a dimensão do processo criador é estruturada na medida em que há a participação do público, pois a validade da arte está na repercussão comovente que ela desperta nos indivíduos.

Sempre expressivas, por sua estrutura interna, as formas de arte permanecem abertas, pois se complementam com a participação do espectador. Este as recria, dentro das ordenações indicadas pelo artista, acrescentando-lhes a carga de suas próprias potencialidades e de sua experiência de vida. Ver uma obra de arte e compreendê-la significa sempre fazer uma recriação (em vez de fazer uma simples 'leitura', termo tão inadequado). Aqui se concretiza uma nova dimensão do processo criador, que envolve **o sentido de liberdade** de cada um (OSTROWER, 1999, p. 242, grifo da autora).

A ação que produz a arte é resultado da consciência coletiva que foi transferida para a consciência individual. Nessa transferência, o pensamento humano é visto como uma potência que exerce interconexões entre as diversas formas artísticas. “De igual maneira, a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser”. (VIGOTSKI, 2001, p. 315). Neste sentido, as conexões entre o social e o individual permitem a arte ser um instrumento que exprime o indivíduo e suas particularidades.

Vigotski (2001) considera que a arte é resultado do trabalho humano, do dispêndio da força intelectual e física que está engendrada no psiquismo do homem. Este trabalho é uma ação objetiva que envolve a receptividade e a sensibilidade humana para perceber as influências do mundo como condição para a exteriorização do seu pensamento. Com isto, o trabalho artístico é elevado pelo trabalho intelectual da platéia. As influências decorrentes das manifestações individuais em consonância com os estímulos do meio produzem estados psíquicos que permitem ao homem dialogar com o mundo. Nesta relação, a arte permitiu uma comunicação com os homens no decorrer do desenvolvimento histórico, porque na arte está consubstanciada a objetividade do trabalho humano juntamente com a sensibilidade estética e a consciência social, formando assim uma nova realidade.

A obra de arte, portanto, é uma **nova realidade social** que passa a existir/agir/interferir no mundo. E não apenas no chamado ‘mundo da arte’, mas na vida concreta dos indivíduos que, em contato com a obra, envolvem-se recriam-na, e, em pensamento e na imaginação, estabelecem com ela diálogos ora mais ora menos eloqüentes, enfim, inserem-na em sua existência (PEIXOTO, 2006, p. 247, grifo da autora).

Para Vigotski (2001, p. 315), “a arte é o social em nós”, por isso ela é a representação estética do pensamento racional e um produto originário do trabalho humano. Assim, para entendê-la é necessário estar disposto a conhecer a si mesmo. É apresentada na arte, numa perspectiva estética, a consolidação da vida humana; esta por sua vez, compreende as manifestações individuais e sociais que exprimem a dinâmica social.

A condição material para se produzir a arte é a vida em sociedade; o dinamismo que dela decorre possibilita revelar condições sociais e psíquicas fundamentais para a construção da arte. Neste aspecto, “a relação direta mundo-olho/olho-mundo fornece os parâmetros para a construção do trabalho”. (BUORO, 2003, p. 61). Este processo de produção, reprodução e criação organiza o pensamento humano trazendo o equilíbrio para a revelação da arte.

No processo de representação da vida social, o prazer de criar torna-se resultado do enriquecimento da vida do homem a partir do desenvolvimento da percepção como forma de dialogar com o mundo. Portanto,

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores da vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação, a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura (OSTROWER, 1987, p. 5).

O processo expressivo assume sua forma no processo criativo em que o homem utiliza-se da percepção para transmitir o seu pensamento. A ação de criar é uma ação intencionalizada que tem um grande poder de atingir os níveis psíquicos de quem a produz e de quem a interpreta. A criação da arte apresenta o trabalho humano, a sua capacidade de sensibilizar-se diante da vida e exteriorizar os sentimentos, dando-lhes forma e conteúdo. “A arte coloca-o frente a frente com a questão da criação: a criação de um sentido pessoal que oriente sua ação no mundo”. (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 73). Criar é transferir a experiência para um novo contexto através da capacidade de simbolização, que considere determinante a essência do sujeito criador. Por este motivo, a arte demonstra o poder da criação humana, considerando a realidade do sujeito e a variedade de experiência e mediações estabelecidas com o meio circundante, que permite que ele se aproprie do conhecimento.

Portanto, Peixoto (2003, p. 39), considera que:

Criar é fazer algo inédito, um objeto novo e singular que expressa o sujeito criador e, simultaneamente, o transcende enquanto objeto portador de um conteúdo de cunho social e histórico e enquanto objeto concreto, como uma nova realidade social.

Neste sentido, a forma e o conteúdo da produção artística são resultados das conexões perceptivas realizadas pela experiência entre o homem e o mundo que resulta no processo expressivo. Portanto,

O processo expressivo é, então, gerado pelo sentimento resultante de uma síntese emocional que, por sua vez, origina-se de estados tensionais, provocados por forças de ordem interna e externa: são relações entre o sujeito e as coisas, o subjetivo e o objetivo, o ser sensível e o símbolo (FUSARI; FERRAZ, 2001, p. 23).

A arte é revelada por meio da unidade entre o conteúdo e a forma. O conteúdo é a transformação da emoção em ação, quando o pensado torna-se concretizado por meio da sua exteriorização. A forma reflete a condição espacial que foi utilizada para emitir a mensagem. Esta configuração está implícita na arte e possibilita que a “[...] divergência interior entre conteúdo e forma, e que é precisamente através da forma que o artista consegue o efeito de destruir ou apagar o conteúdo”. (VIGOTSKI, 2001, p. 272). Revela que a associação entre o conteúdo e a forma é designada pela disposição como o artista emite a mensagem através da disposição dos elementos visuais, táteis ou rítmicos que compõem a obra juntamente com o espaço que foi delimitado para a consolidação da mesma.

Para compreender a arte faz-se necessário exercer um trabalho intelectual, incorporar ao pensamento o acréscimo da fantasia e da imaginação, pois “a arte é trabalho do pensamento, mas de um pensamento emocional inteiramente específico [...]”. (VIGOTSKI, 2001, p. 57). A arte é um trabalho que resulta do conhecimento e das emoções internalizadas, que provoca uma reação estética diante da forma e do conteúdo artístico. A arte é um produto social, decorrente da atividade intelectual humana, que se materializa devido à capacidade de simbolização e representação do homem. Essa materialidade possibilita o surgimento da expressão do pensamento através de outras formas de comunicação:

A materialidade não é, portanto, um fato meramente físico mesmo quando sua matéria o é. Permanecendo o modo de ser essencial de um fenômeno e, conseqüentemente, com isso delineando o campo de ação humana, para o homem as materialidades se

colocam num plano simbólico visto que nas ordenações possíveis se inserem modos de comunicação. Por meio dessas ordenações o homem se comunica com os outros (OSTROWER, 1987, p. 33).

A materialidade implícita na arte é formada pelos mecanismos do pensamento e pela exteriorização da linguagem. Tal representação, que pode adquirir formas plásticas, rítmicas, lingüísticas e visuais, não reduz o significado da palavra à objetividade da escrita, mas amplia o seu significado, contextualizando-a e integrando-a ao universo estético. O movimento é recíproco com a imagem, encandeando-lhe idéias e ações. Com isto, na arte, a fusão entre a palavra e a imagem resulta de um processo dinâmico, que não se encerra na beleza da apreciação estética, mas diz respeito às evidências, sensações e desejos que são despertados pela apreciação da arte. Por isto que a arte amplia o campo das ações e das comunicações humanas, evidenciando-a como precursora de conceitos, informações e sensações que são incorporadas no legado histórico de uma sociedade como necessidade humana de se expressar através do trabalho na criação de símbolos. Portanto,

A obra de arte é produto de um trabalho peculiar. Este trabalho produz também um objeto útil que satisfaz uma necessidade humana, a saber, a necessidade de se expressar, afirmar e comunicar que sente o artista imprimindo determinada forma a uma matéria (VÁZQUEZ, 1978, p. 213).

Neste sentido, evidenciar o percurso do desenvolvimento humano através da arte é verificar que foi por meio de inúmeras atividades motoras e intelectuais que o homem utilizou os sentidos para a realização de uma ação. A utilização dos sentidos provocou uma organização de esquemas corporais que acarretaram um maior equilíbrio do organismo na execução da atividade artística. Porque “o homem aprende através dos sentidos. A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona os meios pelos quais se realiza uma interação do homem com seu meio”. (LOWENFELD, 1970, p. 17). Esta aprendizagem permite envolver os sentimentos no fazer e no pensar humano acarretando na criação de novas práticas sociais.

Conforme apresentado por Vigotski (2001), as descargas emocionais estão relacionadas ao processo criativo e imaginativo e cumprem o papel de liberar o

homem das suas fantasias, encontrar os seus desejos através da criação artística e do lúdico, fato que pode ser verificado através da crescente e impetuosa necessidade que motiva os indivíduos a criarem estímulos a fim de suprirem as suas condições. Portanto, a arte é um canal pelo qual o homem transfere os seus desejos, cria condições que despertam sensações para si e para a platéia, revelando nesses desejos uma fonte de prazer constituída pelos processos mentais que permitem ao homem libertar-se da tensão, organizar pensamentos e enobrecer sentimentos.

O fundamento da arte é sempre constituído de atrações e desejos inconscientes e recalçados, ou seja, que não se combinam com as nossas exigências morais, culturais, etc. É precisamente por isso que, com o auxílio da arte, os desejos proibidos conseguem ser saciados no prazer propiciado pela forma artística (VIGOTSKI, 2001, p. 88).

A interpretação que cada um realiza em relação à arte é um processo que é influenciado pelo prazer que a representação artística proporciona e isto indica o valor social que a arte possui. Neste sentido, o efeito psíquico produzido pela emoção latente da reação estética é uma maneira de se compreender como a arte possui influência na vivência humana.

Para Vigotski (2001), a força da emoção estética está na sua exteriorização, ou seja, como uma emoção inteligente que exerce uma força excepcional, possui a capacidade de manter um diálogo com os homens ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade. Desta forma, ela é um discurso emocional sobre a essência humana. As emoções que nela estão envolvidas são sociais e são decorrentes da forma como o homem percebe o mundo.

Perceber significa a apreensão de conteúdos e conotações, tentar saber o sentido das coisas. Este sentido se refere à própria experiência de vida e surge em função de nossa autopercepção e da participação ativa no viver (OSTROWER, 1999, p. 193).

Portanto, a maneira como o homem percebe e dialoga com o seu meio promove os devaneios individuais, as fantasias e os processos criativos que promovem o auto-conhecimento de si e a compreensão do mundo.

Vigotski (2001) considera que os devaneios individuais e as fantasias são motivadores para a produção artística e que a arte é constituída pelas emoções aprisionadas. “Os desejos não satisfeitos são os estímulos motivadores da fantasia. Cada fantasia é a realização de um desejo, um corretivo a uma realidade não satisfatória”. (VIGOTSKI, 2001, p. 85).

A arte é definida pelos estímulos sociais e naturais que exercem uma forte influência no psiquismo humano levando o homem a transpor os seus devaneios individuais na cena artística. A vivência do ser humano torna-se um meio pelo qual ele adquire experiências e assim pode expô-las através da criação artística. Este processo construtivo está engendrado na história de vida dos homens juntamente com as determinações histórico-sociais que controlam a sua atuação no meio circundante, como os fenômenos, as ideologias, os valores e a própria constituição de sua identidade.

A produção artística é composta pela integração do sensorial e do racional. O sensorial e o racional formam uma unidade indissolúvel na constituição da arte, pois são fenômenos que sensibilizam os sentidos humanos em prol da percepção e apreensão. No entanto, isto não quer dizer que eles são fenômenos independentes, pois as vivências emocionais são recebidas pelos órgãos dos sentidos e, juntamente com o consciente, através do processo racional, produzem sensações que despertam a imaginação e a fantasia humana. De acordo com Vigotski (2001, p. 272), “é nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer arte”.

Portanto, a percepção e a apreensão de conhecimento são ações que produzem necessidades geradas em decorrência do tempo e do espaço da humanidade. Nesta perspectiva, o homem cria, porque a internalização de conceitos estimula a sua função imaginativa. “Assim, o imaginar seria **um pensar específico sobre um fazer concreto**”. (OSTROWER, 1987, p. 32, grifo da autora).

O processo de construção e de decodificação da arte está em constante dependência da atividade humana. De acordo com Barbosa (2002, p. 41), “flexibilidade, fluência, elaboração, todos estes processos mentais envolvidos na criatividade são mobilizados no ato de decodificação da obra de arte”. É por meio

do julgamento, da contemplação e da crítica que o homem contribui para a condição de decodificação da arte que faz com ela seja etérea.

Esta relação de dependência possibilita que a arte acrescente na vida dos homens um sentimento poético que não se trata simplesmente de conceber a beleza como padrão, mas de verificar que a vida humana é o determinante estético para a produção artística. Desta maneira, a arte e a vida humana estão em consonância com o desenvolvimento histórico. No entendimento desta compreensão, a arte como atividade humana evoluiu de acordo com a condição psicossocial:

A arte – como meio de identificação do homem com a natureza, com os outros homens e com o mundo, como meio de fazer o homem sentir e conviver com os demais, com tudo o que é e com o que está para ser – está fadada a crescer na mesma medida em que cresce o homem (FISCHER, 1983, p. 253).

O crescimento humano é visto por meio da internalização dos elementos, das sensações e dos fenômenos que estão disponíveis na sociedade e são apropriados através dos órgãos dos sentidos. Marx (1985b) considera que a apropriação humana por meio dos órgãos dos sentidos é um comportamento objetivo em relação ao objeto. Este comportamento é originado a partir do desenvolvimento da percepção que cada indivíduo possui em relação ao seu meio. Por isto, os órgãos dos sentidos são educados em conformidade com o desenvolvimento individual.

Conforme Marx (1985b), a configuração das formas essenciais humanas, pelo aspecto do desenvolvimento dos sentidos permitiu que o homem ampliasse o seu domínio social e desempenhasse uma nova postura diante do processo de construção de instrumentos e signos. Com a sensibilização dos sentidos, houve a necessidade de instrumentos que estivessem ligados diretamente à necessidade estética. Esta sensibilidade estética, assim designada por Marx (1985b), é decorrente do surgimento da socialização das necessidades sociais, que permitiu ao homem demonstrar de forma expansiva a necessidade de apropriação dos objetos. Neste sentido, a formação da sensibilidade estética é explicitada por Vázquez, (1978, p. 85) da seguinte maneira:

A sensibilidade estética surge neste processo de afirmação do ser humano. O sentido estético aparece quando a sensibilidade

humana se enriqueceu a tal ponto que o objeto é, primária e essencialmente, realidade humana, 'realidade das forças essenciais humanas'.

Todas as sensações humanas: ouvir, cheirar, sentir e pensar tornaram-se canais de recepção do meio circundante, pois foram adequadas de acordo com as transformações sociais que propiciaram o aperfeiçoamento e a sensibilização dos sentidos. Na modificação do ambiente o homem adequou a natureza de forma a atender as suas necessidades:

Portanto, o homem teve de adequar à sua humanidade esta dupla natureza – exterior e interior, objetiva e subjetiva, mas na medida em que adéqua o natural ao humano, e coloca-se a si acima da mera natureza, o homem se forja, cria a si mesmo como ser humano. É precisamente o trabalho que lhe permitiu elevar-se sobre a natureza objetiva ao criar um mundo de objetos humanizados, e, ao mesmo tempo, colocar-se acima de sua própria natureza subjetiva, acima do que tem de ser natural, e assim, criar para si uma subjetividade humana. Os sentidos do homem tiveram também de humanizar-se, pois o humano é sempre uma conquista sobre a natureza e não algo imediatamente dado (VÁZQUEZ, 1978, p. 83).

Os sentidos humanos evoluíram na medida em que a sensibilização dos órgãos sensoriais direcionou o homem a desenvolver novas atitudes diante da realidade. Essas novas atitudes permitiram que as necessidades humanas se tornassem mais exigentes, possibilitando que o homem adquirisse uma nova posição frente aos objetos e fenômenos ao seu redor, afinal, com a evolução e emancipação dos sentidos humanos, essas novas atitudes provocaram a capacidade de transcendência da matéria.

Capacidade esta que permitiu ao homem desempenhar estados psíquicos que lhe possibilitassem desempenhar novas atividades, desenvolver um raciocínio mais sofisticado para que pudesse ativar a sua imaginação no exercício diário de entendimento da realidade e de si mesmo.

O homem é um ser sensível porque a mediação que estabelece com os objetos sensibiliza os sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição. Tais sentidos são educados em conformidade com as experiências sociais, dentre elas a experiência da sensibilidade: "A experiência da sensibilidade diante do artístico torna-se, ao mesmo tempo, o compartilhamento de um vínculo e de uma

libertação". (LOUREIRO, 2003, p. 11). Esta experiência transporta o homem a vivenciar o diálogo com os seus próprios sentimentos a fim de compreender as manifestações cinestésicas que circundam o mundo.

Marx (1985b) considera que a arte desperta no homem a sensibilização dos sentidos. Esta sensibilização promove uma comunhão entre a arte e o homem, pois é nesta relação entre os sentidos e a manifestação artística que a essência humana é educada pelos órgãos dos sentidos:

É somente graças à riqueza objetivamente desenvolvida da essência humana que a riqueza da sensibilidade **humana** subjetiva é em parte cultivada, e é em parte criada, que o ouvido torna-se musical, que o olho percebe a beleza da forma, em resumo, que os sentidos se confirmam como forças essenciais **humanas** (MARX, 1985b, p. 12, grifo do autor).

As experiências realizadas através da manifestação artística trabalham com o desenvolvimento da percepção, da imaginação e da sensibilização concomitantemente à sensibilização dos sentidos humanos. Isto contribui na produção de conexões inter-sociais, no ordenamento de atividades sensório-motoras e na formação de uma postura frente às questões sociais. Por esta razão, conforme o homem se apropria da arte, ocorre a ampliação da sua leitura de mundo, o que direciona o movimento dialético entre a expressão e a realidade artística, designando a aparência e a essência da arte.

Este movimento dialético é uma unidade indissolúvel na compreensão da arte. Esta compreensão é realizada a partir de uma ação contemplativa, instigante e provocadora, que provoca sentimentos imanentes na percepção humana:

Eis por que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender a estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude (VIGOTSKI, 2001, p. 314).

Portanto, a arte na sociedade está objetivada na função social que ela exerce no desenvolvimento psíquico dos indivíduos. Ela é apresentada na sua forma coletiva, como resultado do pensamento social, mas ela é apreendida individualmente em decorrência do valor que ela exerce na vida de cada um. É

por isso que a abstração promovida pelo pensamento artístico corresponde às forças dos sentidos humanos, em relação à sua sensibilização e necessidade.

A arte provoca um sentimento de liberdade através de uma conscientização do valor do mundo para aquele que o transforma, que o cria e que o aprisiona. Por este motivo:

A arte provoca o despertar da consciência de não serem os homens escravos de ninguém e nem dos preconceitos sociais, através de um 'caminho... aberto pelo coração'. Estimula o fortalecimento ampliado da cultura estética, onde o 'enobrecimento do sentimentos' vem sustentado pela 'perfeição ética da vontade' (LOUREIRO, 2003, p. 15).

A importância da arte na vida dos homens é a de que ela é um canal por meio do qual os indivíduos possam demonstrar sua essência, através da sensibilização dos sentidos e tornar o seu pensamento materializado através da história. Os processos criativos que são responsáveis pela produção e fruição da arte provocam uma ação que desperta o homem para uma consciência criativa, transformadora e compreensiva.

3. A NECESSIDADE DA ARTE: RAZÃO HISTÓRICA E SOCIAL

A evolução histórica ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento das condições psíquicas do homem que direcionou o processo de humanização. A humanização permitiu ao homem desempenhar atividades racionais a fim de satisfazer as suas necessidades, modificando e se adaptando à natureza. “Toda a atividade racional do homem **não é senão uma luta, a luta contra a luta pela existência**”. (LEONTIEV, 1978, p. 264, grifo do autor). Neste aspecto, a luta que possibilita ao homem manter-se vivo é a sua própria atuação, que permite que ele seja um sujeito criador e transformador da realidade na qual está imerso e, nessa relação, desempenha atividades que potencializam a sua estrutura psicossocial.

Leontiev (1978) afirma que o homem torna-se homem porque a atividade que realiza está cristalizada na produção de instrumentos e signos que acompanham o desenvolvimento cultural, material e intelectual. Essas atividades se tornam meio de sobrevivência, porque satisfazem necessidades instintivas e sociais vinculadas às mudanças psíquicas nos indivíduos.

O pensar, o ser e o sentir humano se tornam resultado das relações que o homem estabelece com o meio. São as relações mediatizadas pelo trabalho, lazer, cultura e sociedade e formam o cerne da vida humana. O dinamismo provocado por essas relações contribui na formação das idéias e ações que incrementam o desenvolvimento social.

A relação teoria e prática está incorporada ao mundo do trabalho provocando a subserviência do homem às práticas sociais. Tal relação se deve ao fato de que a expressão social é resultado do desenvolvimento sócio-histórico que está engendrado nos mecanismos de produção. Neste sentido, o que o homem representa como indivíduo social é decorrente das suas ações que produzem idéias, valores e sentidos e elas se voltam para si internalizadas na produção de mercadorias e produtos que designam a sua forma de pensar, sentir e ser.

Conforme explicitado por Marx (1986), a história dos homens está condicionada reciprocamente pelas leis de desenvolvimento social. As leis de desenvolvimento social são condutoras das relações sociais decorrentes do

mundo do trabalho direcionando ao homem nas instâncias políticas, religiosas, culturais e morais, que determinam também a postura do homem diante da natureza no processo de transformação do meio natural. O desenvolvimento social foi propiciado pelas mediações entre o homem e o meio ambiente, que conduziram à produção de instrumentos de trabalho, ao aperfeiçoamento de técnicas para a consolidação do indivíduo particular.

O homem – por mais que seja um indivíduo **particular**, e justamente é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social individual efetivo – é na mesma medida, a **totalidade** ideal, o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na efetividade ele existe tanto como intuição e gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade de exteriorização da vida humana (MARX, 1985b, p. 10, grifo do autor).

Neste aspecto, a particularidade do homem está na totalidade de relações sociais que propiciam a formação de sua essência. O indivíduo particular é determinado pela universalidade compreendida pelas relações sócio-históricas que abrangem a produção social como determinação para o mundo do trabalho. O indivíduo torna-se resultado do imanente desenvolvimento social. Sendo assim, ele é um produto do meio do qual faz parte.

Com isto, o movimento dialético entre o ser e o mundo reflete-se em novas apropriações humanas, assim como em novas ampliações do espaço social que contribui na formação do homem como ser histórico. Tal formação “mostra que, portanto, as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias”. (MARX, 1986, p. 56). À medida que o homem produz condições novas de adaptações e transformações do meio, ele recebe diretamente influência daquilo que ele criou, modificando a sua estrutura psíquica e instaurando novas mediações sociais.

Para Marx (1985b), a essência humana é formada a partir da unidade que é estabelecida entre o pensar e o ser do homem. O pensar e o ser correspondem aos processos que permitem ao homem usufruir das suas idéias pelos instrumentos com os quais desempenham atividades sociais. E é nesta mediação com os instrumentos que ele age em função das relações sociais que já foram designadas pelo trabalho. Com isto, o pensar e o ser do homem

correspondem a tornar instrumento social seu pensamento, seja pela produção ou até mesmo pelas suas ações verbais ou não verbais.

As relações que são estabelecidas nas ações que partem da produção material da vida humana e produzem conexões entre os aspectos teóricos e práticos se fundem na organização do próprio pensamento social. Assim, a constituição do pensamento social depende fundamentalmente da unidade que é estabelecida entre o homem e a sociedade. Por este motivo, a riqueza de suas relações depende das suas mediações sociais que designam o ser histórico.

A noção de constituição do homem como ser histórico traz implícita a concepção de que não há uma essência humana dada e imutável, pelo contrário, supõe um processo contínuo e infinito de construção de si mesmo e da história. Esse processo não é linear e unidirecional, pois está intimamente relacionado à evolução histórica (REGO, 1995, p. 98).

O processo que direciona a evolução histórica é determinado pela trama das relações reais que estabelecem os mecanismos de produção social. O materialismo histórico considera que na produção social o homem realiza relações determinadas pelos fatores individuais e sociais. Essas relações, engendradas na estrutura econômica-social, determinam a consciência humana.

A dinâmica da história é orientada pelas leis econômicas e sociais que consistem no processo dialético entre o progresso histórico e o desenvolvimento intelectual do homem. Estes dois fatores são indissociáveis no mundo circundante das idéias e das práticas materiais.

O desenvolvimento psíquico e o progresso histórico formam uma unidade indissolúvel na formação da consciência. Sendo assim, a formação do indivíduo está subsidiada pelas relações que automatizam o trabalho, bem como a necessidade e o consumo. Por isto, o sentido do ter na sociedade capitalista é apresentado pelo sentimento que dá vazão à reestruturação do capital como mecanismo de controle da consciência humana. Assim, os sentidos físicos e espirituais se tornam mecanismos receptores e mediadores das relações mediadas pelo capital.

Os **sentidos** fizeram-se assim imediatamente **teóricos** em sua prática. Relacionam-se com a **coisa** por amor a coisa, mas a coisa mesma é uma relação **humana** e **objetiva** para si e para o homem e inversamente (MARX, 1985b, p. 11, grifo do autor).

Os sentidos conduzem o homem ao se apropriar do meio. Com isto, esses sentidos são docilizados pelo progresso histórico que permitiu ao capital adentrar nas relações humanas. Na verdade, conforme Palangana (1995, p. 159), “o sistema produtivo se apresenta como agente eficaz de pensamento e ação”, o que possibilita a transmissão de uma moralidade numa sociedade que tem uma extrema dependência com a máquina, e por isto os sentidos estão submetidos às demandas do mercado.

Devido ao progresso histórico estar em conformidade com o desenvolvimento intelectual da humanidade, os aspectos teóricos e práticos não são mecanismos independentes. Pois, “para o marxismo, a compreensão última dos processos históricos deve ser buscada na forma pela qual os homens produzem os meios materiais”. (HARNECKER, 1983, p. 31). Neste aspecto, a consolidação dos meios materiais é resultado do processo dinâmico entre as leis histórico-sociais e o efeito que essas leis provocam na disposição social. Isto permite reconhecer que a produção de meios materiais designa a forma de ser do homem e contempla as relações que os seus sentidos estabelecem com o meio.

A materialização das idéias através da produção humana produziu os mecanismos adaptativos e evolutivos da sociedade. Conforme o homem evoluiu gradativamente, o processo social atingiu níveis mais elevados nas relações de trabalho. Desta forma, o homem criou condições para interferir no meio em que o trabalho é realizado, que pode ser designado como,

[...] uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador coloca entre si mesmo e o objeto de trabalho e que lhe serve como condutor de sua atividade sobre esse objeto. Ele utiliza as propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas para fazê-las atuar como meios de poder sobre outras coisas, conforme o seu objetivo (MARX, 1985a, p. 150).

Este meio em que o trabalho é realizado demonstra a ascensão do homem na modificação da realidade, pautada nos processos sociais mediados

por ele, que resultou na apropriação de instrumentos para a produção de mercadorias e para o desenvolvimento da ação laborativa.

A consciência social promoveu o fortalecimento do trabalho como condição primordial para o homem objetivar a sua capacidade de transformação e criação, também atividade indispensável na interferência da natureza. É pela transferência da força humana, a fim de atingir o objetivo na produção de mercadorias, que o trabalho se torna a força motriz para o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade. Portanto, conforme Marx (1985a, p. 53):

Todo trabalho é por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e essa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valores de uso.

O trabalho como força que promove a formação de sentidos, a criação de formas e atende às necessidades humanas está vinculado à ordem social vigente. Esta unidade que o trabalho e a ordem social estabelecem delimita o avanço da produção econômica e produz idéias e necessidades que estão engendradas na satisfação das necessidades.

Conforme as aptidões e as habilidades humanas evoluíram, em decorrência do desenvolvimento histórico, novas necessidades direcionadas à satisfação dos homens foram criadas. Com isto, numa relação onde os desejos humanos são determinados pelas mediações que o homem estabelece com o mundo, a necessidade estética é uma categoria determinada pelas exigências sociais.

A necessidade natural foi ampliada pelo crescente ritmo do consumo e da produção, por isto, a necessidade estética permitiu que o sujeito se projetasse diante de sua própria criação por meio da produção artística. Tal projeção colaborou para que as necessidades se tornassem mais exigentes e abastecessem os sentidos humanos.

Portanto, os sentidos humanos evoluíram e tornaram-se filtros sociais de apreensão e expressão humana. A necessidade estética como exigência da valorização do homem como ser social tornou-se uma necessidade nova

decorrente da evolução humana, e assim, a necessidade de se produzir uma nova mercadoria.

Esta produção atende diretamente à arte, porque o capitalismo está intimamente ligado ao valor que a arte possui na sociedade atual. Portanto,

Na medida em que o capitalismo necessita da arte de algum modo, precisa dela como embelezamento de sua vida privada ou apenas como um bom investimento. Por outro lado, é verdade que o capitalismo libertou para a produção artística forças tão poderosas como para a produção econômica. Deu origem a novos sentimentos, novas idéias, e proporcionou aos artistas novos meios para expressá-los (FISCHER, 1983, p. 61).

Desta forma, a dimensão artística no capitalismo é revelada pelas forças econômicas que comprometem a utilização da arte como mercadoria que atende os desejos mais privados, lúdicos, prazerosos e até mesmo luxuosos. E, ao mesmo tempo, as forças econômicas permitiram que a arte ocupasse mais espaços físicos e instrumentos para a sua representação.

Na atualidade, a ação que é proclamada em relação à produção da arte está influenciada pelas condições capitalistas de produção, marcando, desta forma, o caráter artístico condicionado aos mecanismos do capital. Desta maneira, a necessidade estética está vinculada à omnilateralidade do consumo humano, que assim é determinante para o valor que a arte representa na sociedade. Em relação à omnilateralidade de sentidos que a arte pode provocar, Fischer (1983, p. 13, grifo do autor) explicita que a arte pode ser definida:

[...] como o meio de **tornar-se um** com o todo da realidade, como o caminho do indivíduo para a plenitude, para o mundo em geral, como a expressão do desejo do indivíduo no sentido de se identificar com aquilo que ele não é, essa definição não será demasiado romântica? Não será temerário concluir, com base no nosso próprio senso de identificação quase-histórico como o herói de um filme ou de um romance, que seja esta a função universal e original da arte? Não conterà a arte, também, o contrário dessa perda 'dionísica' de si mesmo? Não conterà a arte igualmente o elemento 'apolíneo' de divertimento e satisfação que consiste precisamente no fato de que o observado **não** se identifica com o que está sendo representado e até se **distancia** do que está sendo representado, escapa ao poder direto com que a realidade o

subjuga, através da representação do real, e liberta-se na arte do esmagamento em que se acha sob o cotidiano?

Desta forma, o questionamento que o autor apresenta é um subsídio para o entendimento da arte na vida das pessoas na contemporaneidade, pois na arte os interesses que aproximam ou distanciam os homens estão implicados num conteúdo que obedece à relação entre as classes sociais. Ou seja, a maneira como estas classes se relacionam, contradizem e se afirmam, em diversos aspectos da vida, direcionará a forma como os objetos produzidos pela sociedade, dentre eles a arte, será compreendida. Todos os produtos sociais são formas de pensamentos que apresentam um conteúdo ideológico e que possuem um valor social. Logo, a apropriação da arte e o sentimento que ela produz no indivíduo estão direcionados às necessidades que dizem respeito à importância dela na vida de cada um.

Por isto, quando o autor questiona a respeito da melhor definição para a arte, está implicada na necessidade de teorizar sobre ela. Esta necessidade estética permite que a arte não seja reduzida em sua forma e seu conteúdo na sociedade capitalista. Nem ao menos determiná-la como interesse de uma determinada classe social.

Por sua vez, a arte tem uma forma ideológica que permite atender à compreensão da totalidade. Nesta definição de arte, apresentada por Fischer, verifica-se que ela tem um conteúdo ideológico que atende às necessidades daquele que a consome. De acordo com Marx (1985), a natureza dessas necessidades se origina do estômago ou da fantasia. Por este motivo, a natureza da arte é oriunda da vinculação entre o estômago e a fantasia, pois a arte não é um somente um luxo de ostentação e divisão social, ela é o alimento indispensável para a formação humana.

Neste sentido, o conceito de arte apresentado por Fischer (1983) contribui para que ela possa ser compreendida como um valor que está intimamente relacionado às condições psíquicas e materiais dos indivíduos, e por isto a sua apropriação é realizada pela via da necessidade estética.

Conforme Fischer (1983), a necessidade estética é decorrente do processo de humanização e está vinculada ao crescimento do sistema capitalista. Portanto, a necessidade humana está amparada nos anseios do

capital e, conseqüentemente, a arte na contemporaneidade tornou-se um produto deste sistema.

Logo, a função social da arte não está somente na compreensão de sua subserviência no mundo do trabalho e do capital, mas sim em demonstrar condições que esclareçam o desenvolvimento e a expansão do mesmo, porque ela demonstra também que a libertação do homem diante dos anseios do capital se faz através de uma conscientização acerca deste sistema. Diante disto, o esclarecimento da dinâmica social, que é resultado das ações e mediações entre os homens e o meio ambiente, é compreendido pela perdurabilidade da arte.

3.1. Trabalho, sociedade, mercadoria e arte

A produção social é resultado da crescente necessidade humana. Isto se deve ao fato de que o desenvolvimento intelectual da humanidade está em consonância com o desenvolvimento social. O que o homem produz como mercadoria atende diretamente aos mecanismos sociais. Marx (1985a) considera que a mercadoria é resultado da necessidade de o homem produzir condições materiais de sobrevivência. Tais condições são propiciadas no valor e no uso que as mercadorias estabelecem na sociedade.

A produção de mercadorias está diretamente relacionada ao consumo. Esta produção acelerada deve-se, sobretudo, ao aumento das necessidades por parte dos indivíduos e dos meios de produção. O consumo tornou-se a força motriz do desenvolvimento do capital. Os sentidos humanos foram sensibilizados pela ideologia capitalista, tornando-se mecanismos condutores do prazer propiciado pela mercadoria, de tal maneira que, aquilo que o homem necessita atenda diretamente ao desenvolvimento das forças de produção e o desenvolvimento histórico. Desta forma, a ampliação da necessidade humana esteve intimamente ligada à sensibilização dos sentidos, o que permitiu que a mercadoria fosse um meio de o indivíduo se apropriar da realidade.

Neste sentido, a produção de mercadorias está relacionada com a força conjunta do trabalho, que produz os valores de uso:

A força conjunta de trabalho da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como única e a mesma força de trabalho do homem, não obstante ela ser composta de inúmeras forças de trabalho individuais (MARX, 1985a, p. 48).

Em toda a produção é agregado valor decorrente dos meios de trabalho que a produziram e a que se destina. Por isto, “para produzir mercadoria, ele não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social”. (MARX, 1985a, p. 49). Com isto, o homem produz aquilo que ele necessita, e esta produção tem um valor social que é submetido às leis da economia. O valor de uso social de uma mercadoria diz respeito à extensão que esta mercadoria ocupa na vida humana, ou seja, quais os aspectos psíquicos que despertam nos indivíduos e quais as necessidades que são supridas que permitem que esta mercadoria tenha o seu valor na sociedade. Por este motivo, a necessidade e o desenvolvimento psíquico são determinantes para o valor social da mercadoria.

A apropriação que os indivíduos realizam da mercadoria determina valor social que a mercadoria possui na sociedade. Nesta apropriação, os indivíduos reconhecem formas de utilizá-la e assim lhes atribuem significado em sua vida. “Seu produto é um valor de uso, uma matéria natural adaptada às necessidades humanas mediante transformação da forma”. (MARX, 1985a, p. 151).

Cada mercadoria possui o valor a ser consumido na esfera social e ainda, “a utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso”. (MARX, 1985a, p. 45). Este valor atende a uma necessidade que, de acordo com o autor, pode se originar do estômago ou da fantasia. Conclui-se desta forma que os desejos e fantasias humanas estão em conformidade com a capacidade criadora e transformadora do homem.

O valor que está inculcado na utilidade que cada mercadoria possui é decorrente da necessidade humana que ela satisfaz. A vinculação da natureza da necessidade do estômago ou da fantasia está relacionada aos mecanismos sociais que produziram esta mercadoria como: escola, indústria, lazer, etc. Com isto, a mercadoria não pode ser delimitada somente como a transformação da matéria, mas a produção de idéias e valores. Por este motivo, a mercadoria demonstra a capacidade criadora humana. A capacidade

de criação que foi transferida para a máquina, que, por sua vez, aprisiona a intelectualidade do homem, de forma a submetê-lo aos seus comandos. Neste processo, o homem produz a mercadoria, que é vista como a extração da inteligência humana de forma a atender o arranjo social capitalista.

Conforme apresentada por Marx (1985a), a relação entre pessoas e coisas favoreceu a valorização das mercadorias. O que Marx considera como fetichismo da mercadoria é sua capacidade de transcendência. Ou seja, a mercadoria reflete o caráter social agregado ao valor de trabalho e ao valor de uso que ela possui. O fetiche da mercadoria delimita o que é ser funcionalizável a partir da modificação da matéria. “Como a própria mercadoria é unidade de valor de uso e valor, seu processo de produção tem de ser unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor”. (MARX, 1985a, p. 155). Neste sentido, na mercadoria está vinculada à relação que o homem mantém com o mundo a fim de agregar valores universais que fazem parte da constituição da mercadoria.

O consumo das mercadorias está vinculado às necessidades sociais e individuais provocadas pelas percepções que o homem mantém com o universo. O consumo está vinculado ao valor que o objeto engendra na vida humana, tornado-se essencial no processo de humanização. Ao longo do desenvolvimento histórico, as necessidades humanas estiverem vinculadas ao desenvolvimento social, o que propiciou uma variedade cada vez mais crescente de mercadorias que atendessem o surgimento de novas necessidades.

Logo, a mercadoria se tornou fonte de prazer e satisfação, exercendo uma constante atração para o indivíduo que a consome. Cada vez mais os homens ficam dependentes das mercadorias, ou seja, elas adentram a vida social e se tornam instrumentos de mediação que capacita à maneira como este indivíduo se relaciona e compreende o mundo. Neste sentido, a mercadoria congrega a identidade do próprio indivíduo, pois favorece a extensão da variedade de sentidos humanos.

Marx (1985a) considerava que o mundo das mercadorias está reificado pelo caráter fetichista que não provê somente de seu valor de uso, mas do dispêndio de força de trabalho humano para a produção da mercadoria. Assim, a mercadoria é dotada de uma força social decorrente dos valores que são

incorporados ao processo laborativo, como mão-de-obra, tempo, custo e produção. Esta força social que determina a funcionalidade da mercadoria e a sua utilização modifica as estruturas psíquicas humanas, pois os sentidos humanos estiveram vinculados às forças econômicas de produção, designando o consumo, a posse, a apoderação de objetos e coisas como ações de sobrevivência.

Conforme explicitado por Marx (1985b, p. 11, grifo do autor),

Em lugar de **todos** os sentidos físicos e espirituais apareceu assim a simples alienação de **todos** esses sentidos, o sentido do **ter**. O ser humano teve que ser reduzido a esta absoluta pobreza, para que pudesse dar à luz a sua riqueza interior partindo de si.

O sentido do ter está vinculado à produção e à criação humana. Por este motivo o ter na sociedade capitalista também é designado pela necessidade estética. Os impulsos da necessidade e da criação podem ser constatados através da transformação da matéria-prima em mercadoria e representam uma modificação do espaço que determina uma incessante trajetória da humanidade. “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando”. (OSTROWER, 1987, p. 10).

Em cada momento da história da humanidade, os impulsos foram decorrentes das condições sócio-culturais em consonância com o desenvolvimento psíquico. Desta forma, a modificação da matéria em um produto representa uma ampliação da abstração humana, que designa uma ordenação do pensamento humano a fim de elevá-lo à realidade.

A arte, então, tornou-se uma mercadoria a ser comercializada na esfera capitalista, pois ela, como resultado da apropriação da realidade, atendeu ao desenvolvimento histórico vinculado à necessidade do capital, à necessidade estética.

Como ser natural humano, o homem continua vivendo sob o império da necessidade; mais precisamente, quanto mais humano, torna-se mais necessitado, isto é, mais se amplia o círculo de suas necessidades **humanas**. Podem ser necessidades naturais humanizadas (a fome, o sexo, etc.) quando o instintivo ganha uma forma humana, ou podem ser

necessidades novas, criadas pelo próprio homem, no curso de seu desenvolvimento social, por exemplo, a necessidade estética (VÁZQUEZ, 1978, p. 67, grifo do autor).

Cumprir destacar que a arte como mercadoria foi decorrente de uma necessidade vinculada à sensibilização estética, pois o valor que ela possui nesta sociedade consumista atende à satisfação das vontades humanas. Tais vontades são oriundas do desenvolvimento do capital que a tornou um objeto altamente valorizado pelo sistema de produção. A definição do valor da arte na sociedade capitalista contribui para desvelar o papel que ela desempenha nesta sociedade.

Para considerar a arte como objeto altamente valorizado deve ser enfocado que a unidade entre humanização e arte sofreu forte influência do desenvolvimento da sociedade capitalista, pois a humanização é um processo que direciona o desenvolvimento das funções psíquicas do indivíduo a partir das mediações com o meio. Então, a arte como mercadoria, como produto social, torna-se um objeto legitimado pela elevação do pensamento social, ou seja, pelo processo de humanização.

No entanto, há que ser levado em consideração que na sociedade primitiva a expressão corporal e pictórica que pode ser observada na arte primitiva estava atendendo a uma necessidade vinculada à ação do homem na natureza. Por isto, na sua gênese, a arte é uma forma de expressão que atendia as necessidades coletivas como um elemento mágico de apropriação da realidade.

Deve-se fazer esta diferenciação da arte primitiva e da arte na contemporaneidade a fim de verificar que a arte atende à sensibilidade humana conforme ocorrem as modificações no espaço e no tempo dos homens. Assim, são reconhecidos na arte elementos primitivos e contemporâneos que não comprometem uma fragmentação do conceito artístico, mas possibilita revelar que a arte expandiu o seu sentido em decorrência das necessidades humanas. E isto contribui para que ela abranja uma totalidade compreendida pelas manifestações sociais.

Não se trata de reduzir o valor da arte, mas de considerar que a sua produção e a sua apropriação são subsidiadas pelo impacto da economia, sociedade e cultura.

Entretanto, a arte também pode ser considerada como objeto desvalorizado, porque a sua apropriação na sociedade capitalista é de caráter econômico. Neste sentido, ocorrem duas condições distintas: a arte atende a uma mínima parcela da população e a massa social fica distante de usufruí-la, ou a arte fica dissolvida no lúdico tornando-se mera condição de recreação e entretenimento. Desta forma, a natureza da arte não é distribuída igualmente na sociedade, o que faz com que o seu conceito esteja disforme e carregado de falsas interpretações.

Já hoje as obras de arte como palavras de ordem política são oportunamente adaptadas pela indústria cultural, levadas a preços reduzidos a um público relutante, e o seu uso se torna acessível a todos como o uso dos parques. Mas a dissolução do seu autêntico caráter de mercadoria não significa que elas sejam custodiadas e salvas na vida de uma sociedade livre, mas sim que desaparece até a última garantia contra a sua degradação em bens culturais. A abolição do privilégio cultural por liquidação e venda a baixo preço não introduz as massas nos domínios já a elas anteriormente fechados, mas contribui, nas condições sociais atuais, a própria ruína da cultura, para o progresso da barbárea inconsistência (ADORNO, 2007, p. 63-64).

A caracterização da arte está pautada em sua função social no atual mundo do capital. Em consequência disto, ela está relacionada ao valor que as mercadorias exercem na vida das pessoas. E, desta forma, a apropriação da arte foi legitimada pelo valor do capital, porque quanto menores as condições sócio-econômica do indivíduo, maior a distância a ser percorrida para se apropriar da arte.

Na contemporaneidade, a arte é resultado dos mecanismos que produzem o capital. Esses mecanismos são sedimentados pelo trabalho realizado, pela força humana e pela máquina, logo a arte é um fenômeno que atende as necessidades de determinado momento histórico. Por isso, ela assume a perenidade do tempo em que foi criada na peculiaridade de objeto que enobrece os sentidos humanos por meio da sua capacidade de transcender a matéria, o tempo e o espaço.

Assim, para compreender a arte requer verificar a essência da relação teórica e prática na formação da consciência humana. Ou seja, o processo de apreensão e exteriorização social determina a consciência de cada um. Para

Peixoto (2006, p. 249), “são diversos os graus de consciência e autoconsciência com que cada um exerce a sua produção”. Isto diz respeito aos mecanismos de controle social que influenciam a vida do homem.

A arte na sociedade atual, designada como produto do capital, está pautada no processo de consolidação das forças produtivas de produção que possibilitam criar novas condições de vida em sociedade. Isto é refletido nas relações sociais e no surgimento de novos signos e instrumentos. Assim, a arte permeada atualmente pela decorrência da ascensão do capitalismo, esteve pautada no princípio do comércio e tornou-se um valor de uso a ser consumido pela esfera do capital.

Vázquez (1978) argumenta que a tese marxista afirma que o artista está condicionado historicamente e socialmente em desempenhar o seu papel, porém isto não reduz a obra puramente a ingredientes ideológicos. Sendo assim, a arte é um canal de comunicação que deve apresentar a realidade social ao povo e não ser o meio em que limita a aproximação do povo com a essência da sociedade.

Neste sentido, Fischer (1983) considera que a razão de ser da arte está em conformidade com a ordem social de cada momento histórico e ainda com a produção social. Embora a arte esteja ligada ao desenvolvimento social, há nela uma verdade que é apresentada ao longo da história da humanidade e que é capaz de comover a humanidade. Esta verdade é o fascínio que a arte exerce sobre nós. O fascínio não corresponde necessariamente ao momento histórico, mas à necessidade individual de obtenção do prazer estético.

Podemos colocar a questão da seguinte maneira: toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as idéias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1983, p. 17).

A historicidade e organização econômica estão associadas à produção da arte. Por este motivo, na arte está estruturado um trabalho coletivo que ultrapassa milhares de anos e que é interpretado de acordo com o crescimento e desenvolvimento das necessidades humanas. Diante disso, a arte é uma

narrativa que incorpora ao conjunto de sua obra elementos de ficção, romance e história que são responsáveis pela formação do seu valor social.

Conforme Vázquez (1978, p. 27, grifo do autor), “a obra de arte supera assim o **humus** histórico-social que a fez nascer”. A superação do humus histórico-social é compreendida pela dimensão que a arte ocupava na vida dos homens na sociedade primitiva como um instrumento de auxílio mágico, e na atualidade esta dimensão é superada pela estrutura sócio-econômica. Por este motivo, a natureza da arte é capaz de estender uma ponte entre os homens de diferentes momentos históricos e classes sociais. Portanto, a arte integra o movimento social no qual está inserida; ela transcende a sua natureza pela história.

A arte pode ser designada como uma extensão do trabalho humano, mas com uma particularidade, porque, enquanto o trabalho humano apropria do homem a sua capacidade intelectual e física na produção de bens, a arte demonstra que a força humana é a fecunda ação revolucionária para o despertar da consciência social. Portanto, “a função essencial da arte é ampliar e enriquecer, com suas criações, a realidade já humanizada pelo trabalho humano”. (VÁZQUEZ, 1978, p. 47). A ampliação desta realidade é realizada pela articulação entre o racional e o sensorial que promove uma maior profundidade nas áreas do conhecimento que permeiam a humanidade.

De acordo com Marx (1985b), a arte é uma expressão e objetivação do ser humano. Esta objetivação é a projeção dos sentimentos e sensações internalizados que se tornam cor, ritmo e movimento. Neste aspecto, “a obra de arte é um objeto no qual o sujeito se expressa, exterioriza e reconhece a si mesmo”. (VÁZQUEZ, 1978, p. 56). O que possibilita a integração do homem com o seu semelhante, através da dimensão que a criação artística atribui no pensamento, por meio da diversidade individual que está inserida no plano social e vice-versa.

O trabalho que direciona a produção artística possibilita desenvolver ações que fortalecem o desenvolvimento de uma consciência crítico-reflexiva para aquele que a produz como para aquele que a frui. Desta forma, a produção artística está calcada numa base real, onde as relações sociais são incorporadas pela sensibilização estética cumprindo uma função na humanização do homem.

Numa perspectiva materialista, a arte é um produto social decorrente das manifestações coletivas inseridas numa dinâmica social, resultando do trabalho e do desenvolvimento humano numa perspectiva sócio-histórica. Sendo assim, a arte exerce uma forte influência no processo da formação da consciência social porque dispõe de funções que incrementam o pensamento para o entendimento da realidade:

Ainda que o objeto artístico possa cumprir – e tem cumprido ao longo da história da arte – as mais diversas funções (ideológica, educativa, social, expressiva, cognoscitiva, decorativa, etc), somente pode cumprir estas funções como objeto criado pelo homem (VÁZQUEZ, 1978, p. 47).

Estas funções fundamentam a arte tornando-a resultado da racionalização e reflexão do homem, o que possibilita a ele revelar através da produção artística as inquietações de uma sociedade limitada pelo triunfo do capital e até mesmo corresponder às exigências desta sociedade. Na produção da arte está embutida uma sistematização de fatores sociais e a incorporação de um conhecimento produzido anteriormente. Esta produção tem a possibilidade de ser um instrumento mediador para a compreensão do mundo, porque o conteúdo que está implícito abriga conceitos abstratos e concretos.

Em decorrência das condições sócio-históricas e do fortalecimento do capital, a arte esteve atrelada ao valor capitalista de produção. Desta forma, a arte necessita do capitalismo para se configurar como objeto de valor na sociedade e, deste modo, ela também se torna aliada na fortificação do capital. A função social da arte possibilita o avanço do consumo da necessidade estética, e assim, o capital a utiliza como elemento que fortifica o arranjo social capitalista, justamente por ela se tornar uma mercadoria.

A tendência do regime capitalista foi apropriar-se de causas e fenômenos da sociedade a fim de afirmar a sua supremacia e expandir as suas fronteiras econômicas. O capital atingiu a criação artística, direcionando uma modificação na essência da mesma. Isto se deve à maciça exposição dos meios de comunicação de massa que interferem cada vez mais no meio de produção da arte. Esta situação implica uma modificação na natureza artística e uma readaptação da arte à reestruturação do capital. A arte é adequada à

significação do movimento social atual pautado pela obsolescência da história. Com isto:

O processo de realização da obra, que deve ser cumulativo e aprofundador, é abandonado e substituído pela atividade aleatória de coletar detritos ou adquirir no comércio elementos prontos que serão arranjados de algum modo para constituir a 'obra' (GULLAR, 1999, p. 20).

A arte vinculada ao consumo exacerbado na sociedade capitalista tem o seu valor fecundado pelo alto poder de evidenciar a realidade social numa sociedade alienada pelo capital. E ao mesmo tempo, ela se torna um reforçador da expansão do capitalismo. Esta contradição presente na arte, como ser aliada e crítica do capital, não a desvaloriza como conhecimento.

Marx (1985b) expõe a idéia de que o homem é um ser que necessita dos produtos que ele próprio criou e torna-se dependente dos mesmos. A mercadoria humana condiciona o homem social gerando uma relação de passividade e atividade entre o ser e o objeto. Esta dependência enaltece o caráter social da essência humana, ou seja, à medida que o homem se apropria das mercadorias, ele cria também novas necessidades sociais, como forma de ampliar o desenvolvimento sócio-cultural através da evolução das aptidões físicas e psíquicas. Dessa forma, a arte como mercadoria designada pela criação humana abastece o corpo social, físico e intelectual da humanidade.

Portanto, é preciso reconhecer que a dialeticidade que está na arte é a unidade da ação e reflexão humana; por este motivo ser aliada ou crítica na atual conjuntura social enaltece a potencialidade da arte como formadora de valores e opiniões. “A solução da contradição arte-mercadoria está fora do campo da arte, já que quem transforma um quadro num valor de mercado não é o artista, mas o sistema em que ele está inserido”. (GULLAR, 1999, p. 92).

Conforme Gullar, esta contradição não diz respeito à essência da arte, mas ao processo histórico que possibilitou que ela tenha o seu devido valor na sociedade atual. O valor que lhe é dado contribui para fortificar o mecanismo cego de conceituação da arte, através de ações supérfluas e desintegradas da necessidade social.

3.2. O ser social

Os mecanismos sociais, incorporados pelo consumismo, intoxicam o corpo social e empregam na essência humana o trabalho compulsivo e a expropriação da mão de obra na sociedade moderna. A identidade do homem moderno é expressa através das vias dos incomensuráveis conflitos urbanos que ocorrem no frenético dinamismo da sociedade.

A condição forçosa do avanço do capitalismo expande a necessidade e os desejos humanos, porque, quanto mais o homem amplia o seu domínio sobre a natureza e a sociedade, maior a sua necessidade de apropriação de bens e de realização de desejos. Esta apropriação, segundo Mészáros (1987 p. 30), é realizada através da reificação de suas necessidades condicionadas pelo capital:

A consciência dos limites do capital tem estado ausente em todas as formas de racionalização de suas necessidades reificadas, e não apenas nas versões mais recentes da ideologia capitalista. Paradoxalmente, contudo, o capital é agora compelido a tomar conhecimento de alguns desses limites, ainda que, evidentemente, de uma forma necessariamente alienada.

A expansão da produção dos objetos está amparada pelo ritmo crescente da valorização da máquina, enquanto a mão de obra humana fica cada vez mais submetida aos interesses do sistema produtivo. A produção de mercadorias absorve a capacidade de criação humana, de tal maneira que o homem desconhece o processo ao qual está submetido e reduz todo o seu esforço ao trabalho assalariado, pois o seu trabalho tornou-se uma ação fragmentada dentro da produção, que permite ao homem não reconhecer o processo ao qual está inserido. O esgotamento intelectual propicia a fragilidade do indivíduo, o que o reduz ao processo de coisificação. O homem é aquilo que ele produz e consome:

Atualmente, os indivíduos perderam, em grande parte, sua capacidade de identificação com o que fazem. Poucos são os que podem assinalar a sua contribuição pessoal para a sociedade. A linha de montagem fez do homem uma máquina.

Ele não é uma parte essencial do planejamento ou do projeto de um produto, porquanto realiza uma função que não exige nenhuma habilidade especial (LOWENFELD, 1970, p. 27).

A idéia acima apresentada refere-se à questão do controle social pela lei do mercado. A expansão estrutural e funcional do estabelecimento do capitalismo nas instâncias sociais criou sistemas que limitam a participação social em torno do processo de produção.

No decurso do desenvolvimento humano, a função do controle social foi alienada do corpo social e transferida para o capital, que adquiriu assim o poder de aglutinar os indivíduos num padrão hierárquico estrutural e funcional, segundo o critério de maior ou menor participação no controle da produção e da distribuição (MÉSZÁROS, 1987, p. 26).

O desenvolvimento psíquico está em conformidade com a apropriação dos bens produzidos pelo capital. Esta apropriação é determinante para a relação que os homens mantêm com os objetos, pois ela também se torna um mecanismo de controle social. Marx (1985b) descreve a importância da paixão como força que liga os homens aos objetos, sendo este sentimento essencial para projetar nos objetos as necessidades humanas e, assim, possibilitar que estas necessidades sejam superadas com a utilização dos mesmos. Esta superação é efêmera e atende ao imediatismo, e possibilita que cada vez mais aumente a projeção das vontades e necessidades humanas diante dos objetos.

Os homens mantêm com os objetos uma relação de extrema dependência gerada a partir da sensibilização dos sentidos humanos. A exteriorização das ações que integram o homem aos objetos foi essencial para a formação da consciência social. Foi devido à formação desta consciência que o homem se reconheceu como ser e se identificou com os objetos desenvolvendo um sentimento diante dos mesmos. Assim, os objetivos dos objetos e produtos estão respaldados em atender as funções vitais e sociais do ser humano.

Marx (1985b, p. 41) considera que “ser sensível é ter objetos sensíveis fora de si”. Ser sensível é demonstrar a capacidade de reflexão e abstração pelas ações que são acompanhadas pelo significado que os objetos possuem na realidade. Esta sensibilidade permite a internalização das funções destes

objetos no psíquico e assim, o homem adquire mecanismos de ação frente às suas necessidades.

Estes mecanismos de ação que resultam nas relações sociais determinam as condições para a constituição do homem. A formação humana é constituída pelas forças sociais que engendram no nível psíquico, intelectual e motor do indivíduo determinações indispensáveis para a estruturação das características pertinentes ao homem, que dizem respeito à sua classe social, ao nível econômico e à sua cultura. “A exteriorização da sua vida – ainda que não apareça na forma imediata de uma exteriorização de vida coletiva, cumprida em união e ao mesmo tempo com os outros – é, pois, uma exteriorização e confirmação da **vida social**”. (MARX, 1985b, p. 10, grifo do autor). O homem social tornou-se o resultado do esforço coletivo voltado para a superação e evolução da espécie, determinado como um ser sensível que se apropriou do meio a fim de efetivar os seus objetivos.

As relações sociais são permeadas pelas necessidades humanas que injetam no sistema econômico elementos para o desenvolvimento da sociedade e que são difundidos no trabalho socialmente produtivo. Tais elementos dizem respeito à produção, à mais-valia, ao valor da mercadoria, ao capital e ao lucro. As ações destas categorias econômicas são determinadas pela ordem segundo as exigências do capital. Tal potência exige do trabalho assalariado, do valor, do dinheiro, da mercadoria e do homem uma ampla subordinação ao sistema produtivo.

A participação do homem na sociedade como elemento integrante do processo laborativo é submetida aos interesses dos mecanismos de controle social que se apoderam da humanidade e a educam conforme os seus interesses. Sendo assim, as ações que são destinadas à adaptação do indivíduo ao meio social são decorrentes da reestruturação econômica. Esta reestruturação foi gerada de acordo com as transformações econômicas como o processo industrial, a inserção da tecnologia na comunicação e a era midiática e modificou consubstancialmente as relações sociais.

Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez. Na consideração de tais afirmações é necessário distinguir sempre entre transformação material das condições econômicas de

produção, que pode ser objeto de rigorosa verificação da ciência natural, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência deste conflito e conduzem até o fim (MARX, 1985b, p. 130).

A estrutura social é sustentada por práticas sociais que capacitam os indivíduos a dirigirem as suas ações em busca da individualidade, desintegrando os valores morais e sociais. A obediência às doutrinas do mercado promove a organização e reestruturação do capital e a ressignificação dos valores humanos.

A conjuntura do panorama social permite indicar que, de acordo com a expansão tecnológica dos meios de produção, a sustentação da sociedade ocorreu através da expansão do capital. Os princípios do capitalismo foram incorporados à vida humana, naturalizando a ascendência do individualismo num ritmo de barbárie social.

Para se compreender quem é o ser na contemporaneidade que é submetido aos interesses do capital é necessário reconhecer os fatores que influem na constituição do seu pensamento. E assim reconhecer: o que é o pensamento do indivíduo social, sendo resultado das experiências e vivências que ele realiza. Qual a unidade entre o pensar e o ser? O nosso pensamento é capaz de reconhecer a realidade, ou não a reconhecemos, porque vivemos num mundo de ilusão? Para estas indagações é necessário aprofundar o reconhecimento desta sociedade, a fim de compreender os fatores que conduzem a humanidade a vivenciar o processo de infantilização dos sentimentos.

A infantilização dos sentimentos está relacionada aos valores que são designados pelo homem e pela mercadoria. Neste sentido “com a **valorização** do mundo das coisas aumenta em proporção direta a **desvalorização** do mundo dos homens”. (FERNANDES, 1984, p. 148, grifo do autor). Tal infantilização é consequência do poder de sensibilização dos objetos, do domínio do produto pelo produtor, que submete o pensamento humano a um trabalho preenchido pelo sentimento do ter, possuir e consumir.

A vida humana é decorrente das ações que envolvem constantemente rupturas, crises, encontros e desencontros. As condutas humanas são coordenadas socialmente pelos estímulos externos e internos. A linguagem

torna-se um mecanismo de transmissão do pensamento que possibilita o reconhecimento da diversidade social. Neste sentido, a linguagem afirma a legitimidade da sensibilização como formadora de opiniões e valores. A linguagem está inserida no significado social dos objetos.

A paixão humana é uma força que coordena consensualmente a atividade social, pois é uma força motriz das formas mais elevadas de sensações humanas. Os sentidos humanos são afirmados à medida que a mediação entre os homens e os objetos é intensificada por esta paixão.

As ações humanas são dirigidas pela paixão. Esta paixão que potencializa a execução de todas as tarefas e direciona a relação que os homens mantêm com os objetos, com a sociedade e possibilita a sensibilização dos sentimentos humanos: “A paixão que deixa de ser apenas uma palavra cativante para tornar-se a linguagem dialogal plena dos homens”. (LOUREIRO, 2003, p. 12). É através da paixão que o homem busca a verdade e coloca os seus sentidos em função da sociedade. Com isto, ocorre um processo de sensibilização que provoca mudanças na constituição do homem. Por isto, a cada momento histórico esta paixão direciona uma postura social condizente com o sistema social.

Portanto, a paixão está integrada à sensibilização dos sentidos que foi provocada pela forte influência da superestrutura social. Esta integração promove uma conscientização da valorização do indivíduo como ser consumidor da cultura de massa e rompe com a reflexão acerca dos problemas históricos e coletivos. Desta forma, o eixo da compreensão histórica da humanidade se faz diante de um olhar fragmentado, individualizado dos aspectos históricos.

A indústria apropria-se de tais conceitos passando a ditar, ela mesma, o que e quando a sensibilidade deve informar à percepção. À consciência individual não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção (PALANGANA, 1998, p. 147).

A urbanização desmesurada se apropria da vida, os produtos da industrialização abastecem as paixões humanas. O distanciamento entre o pensamento e a reflexão é proporcionado pela apropriação da consciência pela indústria. Tudo aquilo que o homem é torna-se voltado para suprir as

necessidades do capital. Os valores espirituais e materiais da humanidade são submetidos aos valores de

[...] uma estrutura socioeconômica desumanizada e desumanizadora, na qual o trabalho livre e criador – pelo qual o homem constrói o mundo e a si mesmo e faz história – transmuda-se em trabalho alienado, fonte de degeneração, que nega, à maioria da população, a possibilidade da realização de sua humanidade, condenando-a a uma vida indigna, desprovida de sentido (PEIXOTO, 2003, p. 14).

Nesta relação entre o ser e mundo, tudo o que o homem produz é resultado da sua força que foi transferida para a máquina, e esta, por sua vez, aprisiona a intelectualidade do homem, de forma a submetê-lo aos seus comandos. Neste processo, ele produz a mercadoria, que é vista como a exteriorização da inteligência humana submetida à exploração da mão-de-obra. A mercadoria é um produto onde estão implicados os valores que fortificam o ajuste social capitalista, e assim, o homem torna-se consumidor da sua própria força de trabalho.

O desenvolvimento da tecnologia e da industrialização possibilitou a alienação humana, porque os sentimentos humanos foram docilizados pelos produtos midiáticos. Tais produtos são mecanismos manipulatórios que atuam na subjetividade, atingindo o imaginário social. Conforme Palangana (1998, p. 177) “[...] a tecnologia sobressai como tática de dominação e lucro, ofuscando seu lado emancipatório”. O indivíduo torna-se receptor de todo conteúdo a ser transmitido através da tecnologia, ficando com a sua formação dissipada em relação à fragmentação de idéias impostas pelos meios tecnológicos.

A sociedade que nos circunda e que nos sujeita a ser colaboradores da reprodução das relações sociais insere o homem como apêndice do processo de produção e o torna submisso aos produtos que produz. As realizações das condições materiais são definidas pelo trabalho, ou seja, à medida que este se desenvolve, possibilita que o homem no seio da ação laborativa seja capaz de transformar a si mesmo, porque ele se resigna e aceita as condições de trabalho em que objetiva a formação de um produto. Portanto, há uma hegemonia entre a mercadoria e o homem, que enaltece o processo de coisificação da humanidade. “Toda energia dos indivíduos, no trabalho ou no

descanso – este último pouco ou nada diferenciado do primeiro – é mobilizada em prol da sobrevivência do capital”. (PALANGANA, 1998, p. 146).

A coisificação das relações sociais está na substituição das pessoas por objetos, ou seja, os sentimentos humanos apropriam-se dos objetos industriais dotando-os de um significado capaz de coisificar as relações sociais a fim de suscitar estados psíquicos que aproximam os homens de uma realidade baseada na efemeridade do tempo, na era midiática conduzida pela indústria cultural. Conforme apresentado por Gullar (1999, p. 73):

[...] mas essa impessoalidade e essa objetividade contêm em si mesmas uma estranheza: elas refletem a coisificação das relações sociais num mundo em que, cada vez mais, a relação entre os objetos substitui a relação entre as pessoas.

A mercadoria é naturalizada e incorporada às relações afetivas, culturais e políticas. Os interesses da indústria são consignados na usurpação do corpo do homem. De acordo com Adorno (2007), as instituições aprisionam os consumidores de corpo e de alma, de maneira que eles se apropriam de tudo que lhes é oferecido, sem ao menos resistir. Através da exposição do corpo, a indústria realiza a sua expansão, demonstra o seu poderio, aumenta a sua riqueza e enaltece o bem estar social pelo lúdico. A formalidade de sentimentos formada pela indústria cultural educa o sujeito a se contentar com o entretenimento pelo prazer efêmero e midiático. “A libertação prometida pelo entretenimento é a do pensamento como negação”. (ADORNO, 2007, p. 41). Desta maneira, a possibilidade de pensar é também dirigida pelos mecanismos da indústria cultural, que conduz os homens a se identificarem com os objetos e coisas, como se fossem a sua própria vida.

Neste sentido, a prática da indústria cultural está em torno da manipulação do sentimento humano pelos sentidos que os fenômenos e as mercadorias exercem nos homens. “A sociedade é uma sociedade de desesperados e, portanto, a presa dos líderes”. (ADORNO, 2007, p. 53). Os líderes que não são somente os sujeitos detentores do entretenimento e da indústria cultural, mas se refere ao próprio sistema que reproduz fielmente a transformação da consciência individual em uma consciência mercadológica, subsidiada pelas forças produtivas.

Os elementos que compõem a indústria cultural: televisão, rádio, cinema, jornal, livros, entre outros, exercem uma forte influência na formação de opiniões que atingem sensivelmente o imaginário social. O elo que é estabelecido entre as pessoas e os meios de comunicação social promove uma relação afetiva que inaugura a efemeridade do tempo real.

A sociedade atual baseia a sua economia no lucro gerado pela informação. Isto quer dizer que todo produto que é comercializado no mercado deve oferecer uma informação; esta informação diz respeito ao valor social que este produto possui. Cada vez mais a informação é um pressuposto para o indivíduo obter determinado produto e usufruí-lo. A informação tem o poder omnilateral de atender à conjuntura sócio-econômica de tal forma que os indicadores econômicos possam apontar a expansão da força do capital.

Conforme Ramal (2002) a pós-modernidade trouxe inovações no campo do discurso, notam-se mudanças nas obras literárias e artísticas, nas produções televisivas e nas comunicações de massa. De acordo com Gullar (1999, p. 94), “o surgimento de uma sociedade de massa gerou os novos meios de comunicação massivos e as artes de massa”. Isto se deve ao fato de que na era da informação, a linguagem é elemento interativo entre o ser e o mundo. O modelo econômico neoliberal é acompanhado de um processo de desenvolvimento social juntamente com uma intensa revolução tecnológica que proporcionou uma nova configuração em relação à linguagem.

O discurso do modelo neoliberal sustenta a idéia do empreendedorismo, da iniciativa privada, da mínima interferência do Estado, com um conjunto de conceitos produzidos socialmente que primam pelo bem estar social. Este discurso torna-se modelo da formação desnacionalizante e da barbárie universal, sendo álibi da fortificação da desigualdade social. Desta maneira, “valem mais os interesses pragmáticos e imediatos dos indivíduos do que princípios, valores, atitudes voltados pra a vida coletiva, para a solidariedade”. (LIBÂNEO, 1998, p. 16).

Com isto, a vida cotidiana está sustentada no domínio das idéias anacrônicas ao movimento de superação do capital e centralizada no setor lucrativo que exprime a heterogeneidade das classes sociais. Os conceitos que são difundidos por este discurso atendem às necessidades imediatistas

provocadas pela efervescência de idéias dos meios de comunicação de massa.

Atualmente, verifica-se que a cultura material articulada pelos fatores econômicos que sustentam o neoliberalismo designa a forma de ser do homem. Desta forma, a humanidade encontra-se num processo de alienação, em que é retirada do homem a sua supremacia diante do capital.

A alienação das relações pessoais dos homens e a sua transformação em puras relações entre coisas manifestam-se de maneira flagrante no poder que o dinheiro, modo de troca universal, tomou sobre a vida do homem (LEONTIEV, 1978, p. 124).

A forma como as relações sociais são estabelecidas sofrem influência constante de como o sistema produtivo executa suas atividades, ou seja, a sistematização industrial é vivenciada nas relações interpessoais. A afetividade que delimita a mediação entre o homem e o mundo incorpora mecanismos que reproduzem a forma de ser do capital. Logo, a alienação das relações pessoais coisifica a vida, inserindo a essência humana como produto a ser comercializado no mercado. “Assim é que, por exigências de nossa civilização, devemos separar nossos sentimentos e emoções de nosso raciocínio e inteligência”. (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 13).

A relação inter-social difundida na economia global sujeita os homens a serem dispositivos relacionais do processo de troca de valores, de tal maneira que a interação dos indivíduos com o meio possa produzir vivência para a consciência social alavancar as estratégias de poder e resistência do capital. Sendo assim, o mundo é retratado pela ciência altamente desenvolvida de um lado e uma grande miséria do outro.

A produção da vida real designa os elementos que compõem a história, as relações entre o homem e a natureza, a produção de mercadorias e a soma do trabalho social. E toda esta produção é determinada pela criação humana e pode ser por ela compreendida. Os objetos, instrumentos e mercadorias são elementos que possuem na sua essência o significado da sociedade. Neste sentido, a arte como criação humana que apresenta a realidade material pode auxiliar o homem na compreensão de si mesmo, porque nela está incorporada a essência humana.

Portanto, a arte é resultado da imanente força que ocorre entre o meio externo compreendido pela realidade social, e o meio interno que é o

pensamento humano aliado à afetividade. É importante ressaltar que a fusão destas forças resulta na ação e representação da sensibilidade estética.

A arte tem uma função excepcional na vida do ser humano, porque permite que o sistema de regras e comportamentos, que está relacionado à vida em sociedade, seja projetado com maior intensidade. A complexa vida em sociedade, muitas vezes, reprime os sentimentos no processo laborativo. A arte traduz justamente a libertação do homem diante deste sistema, promovendo condições do homem superá-lo.

Na arte está consubstanciada a realidade social que é capaz de direcionar o indivíduo a uma compreensão da sociedade e dos elementos que a compõem, mesmo não pertencendo à mesma. É pela ação da sensibilização que a arte demonstra as dimensões sociais, culturais e políticas que são responsáveis pelo dinamismo social. A ação de sensibilização que é apresentada pelo artista torna “assim, o produto do seu trabalho, a obra de arte, simultaneamente, **manifesta e é constituída por posições não apenas estéticas, mas intelectuais, éticas e políticas**”. (PEIXOTO, 2006, p. 246, grifo da autora).

A conexão que é estabelecida entre a arte e as relações sociais resulta em qualificá-la como resultado da apropriação sistemática da história. Portanto,

Um obra de arte é, antes de mais nada, uma criação do homem, e vive graças à potência criadora que encarna. Este ponto de vista permite ver o desenvolvimento histórico da arte como um processo infinito que não se deixa encerrar nos limites de uma corrente determinada (VÁZQUEZ, 1978, p. 75).

A produção artística destaca o meio de trabalho, os processos que a materializaram, porque neles são incorporados elementos determinantes para o movimento artístico. É graças à construção por intermédio de instrumentos e signos que a ação artística sedimenta a sua concreticidade.

Na arte, portanto, a grande finalidade é ‘representar sensivelmente uma etapa do desenvolvimento da humanidade’ concentrada e representada (ou apresentada) em objetos, ações ou situações (PEIXOTO, 2003, p. 71-72)

As trocas que o homem realiza com o meio mantêm o diálogo necessário para a apropriação da vida social. Esta troca é resultado da

complexa dinâmica social em conformidade com a habilidade humana de ajustamento, adaptação e superação. Isto conduz à exaltação da natureza humana elevando à maturidade intelectual.

4. ALÉM DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

4.1 A educação na contemporaneidade

O conhecimento histórico foi alcançado em decorrência da transmissão dos valores sociais que foram incorporados aos instrumentos de trabalho através do desenvolvimento humano. Isso proporcionou a disseminação de formas de comunicação que revelaram aos indivíduos os processos mentais de apropriação do meio. Esta transmissão foi realizada através das relações sociais e teve no processo educacional a sua grande consolidação.

Neste sentido, a educação assumiu uma enorme relevância no desenvolvimento social. Leontiev (1978, p. 273) considera que “o movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com a educação”. A transmissão da cultura humana ocorreu através da transmissão de conceitos e valores culturais mediatizados pelo homem através do uso de instrumentos e da comunicação. Desta maneira, a educação é um fenômeno que envolve a racionalização acerca do conteúdo a ser transmitido em prol do desenvolvimento histórico da humanidade.

O processo educacional é pautado numa instituição sistematizadora de conhecimentos, para que a educação cumpra a sua função social e promova o desenvolvimento de processos mentais que possibilitem ao indivíduo internalizar o conhecimento culturalmente elaborado a fim de prover condições para a sua inserção no ambiente social.

Isto se deve, sobretudo, ao fato de que a sociedade contemporânea prioriza que a integração do homem à vida prática esteja respaldada em atender o trabalho. E para que isto ocorra, a escola é a principal instituição onde o homem pode se apropriar do conhecimento culturalmente elaborado. Desta forma, a escola é um espaço em que há a comunhão entre a produção do conhecimento científico e sua apropriação, porque,

[...] a escola continua sendo lugar de mediação cultural, e a pedagogia, ao viabilizar a educação, constitui-se como prática cultural intencional de produção internalizada de significados para,

de certa forma, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos (LIBÂNEO, 2004, p. 5).

A pedagogia, como categoria nuclear da educação, está associada ao contexto escolar porque os seus fundamentos estão embasados na formação humana. A indissociação entre escola e pedagogia propicia elevar a razão pedagógica do ensino voltado ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores para possibilitar que o aluno estabeleça relações com a realidade. Com isto, estreitam-se as relações entre escola e sociedade, evidenciando que as propostas delegadas à educação estão ligadas às questões sociais. Portanto, a escola deve priorizar a formação cultural, cognitiva e social do aluno, fornecendo subsídios para que ele apreenda o conhecimento científico de tal maneira que esta apreensão tenha significado em sua vida. Esse significado contribui para a formação integral do educando, visto que a internalização do conteúdo possibilitará o desenvolvimento de aptidões e habilidades vinculadas à sua atuação social. “O ensino propicia a apropriação da cultura e o desenvolvimento do pensamento, dois processos articulados entre si, formando uma unidade”. (LIBÂNEO, 2004, p. 14). Tal unidade constitui uma complexa reunião de elementos da experiência humana que conduzem à formação de um novo e significativo aprendizado.

É necessária uma ação educacional que possibilite um diálogo entre a prática e a reflexão teórica para que o processo educacional não se reduza somente à transmissão de conteúdos, mas também um constante movimento do processo de construção do conhecimento. Para que isto ocorra, é imprescindível desempenhar ações vinculadas com práticas de observação e apreensão da realidade, pois é por meio delas que o aluno se concentra diante do real e amplia a sua noção de espaço, libertando-se das condições de afunilamento intelectual e desenvolvendo condições de ter uma postura diante da sociedade. Ou seja, é através do contato com o mundo que o educando não se torna um ser meramente passivo receptor de conteúdos, mas um ser incomodado com aquilo que vê, sente e toca. “Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado”. (FREIRE, 1979, p. 42). Conforme Freire (1979), o que se espera na educação é um ânimo revolucionário capaz de implicar a crítica e a liberdade na transformação social e não somente adaptação dos indivíduos.

Para isto, o conteúdo escolar deve possibilitar o interesse do aluno para despertar o sentimento, a expressão como a possibilidade de exteriorização do pensamento e a reflexão como condição essencial de construção do conhecimento. Embora esta possibilidade necessite de um grande empenho da prática docente, o conteúdo escolar é um campo de disponibilidade permanente, que permite uma adequação e ajustamento de conceitos. Assim, o conteúdo mediatizado pelo professor deve ser fonte de prazer humano e não somente uma débil ação prática da escolarização.

A educação é uma ação de intervenção social que constrói e transmite o conhecimento aos homens. A escolarização é fundamental para o processo investigativo e exploratório que a criança realiza com o mundo. Este processo possibilita o enriquecimento cultural para o desenvolvimento da atividade educacional na contemporaneidade e está sustentado nas práticas sociais que servem de meio para a expansão do desenvolvimento econômico.

O pano de fundo que se tem na contemporaneidade é a política neoliberal articulada com o dinamismo social que diz respeito à forma de ser do homem: globalizado, flexível e consumista. Na política neoliberal o mercado torna-se referência, a esfera pública é enfraquecida e a iniciativa privada é exaltada. Assim, a formação educacional pautada nas alianças do neoliberalismo afirma que uma formação suficiente é aquela que promove condições para o indivíduo sobreviver, adaptar-se ao mundo, sem choques e conflitos, e ao mesmo tempo, requalificar-se como força de trabalho. Este ideário pedagógico é visto como uma flexibilização do indivíduo à sociedade, onde ele se torna um instrumento a serviço do social e do capital. Neste sentido,

O cerne das discussões reside, então, na definição de uma formação profissional, no contexto da educação como um todo, que contribua para uma maior competitividade industrial brasileira, apontando para a necessidade de requalificação da força de trabalho (DEL PINO, 1997, p. 159).

Segundo o relatório de Jacques Delors, enviado à UNESCO em janeiro de 1994, a educação deve abastecer projetos ligados à moralidade, ética e cidadania, de tal modo que o conteúdo esteja diluído na metodologia. A abordagem de Delors sobre os quatro pilares da educação enfoca a necessidade de o processo educacional preparar os indivíduos para o mundo do trabalho. As

posturas a serem adotadas para instruir os valores, a moral e os conteúdos induzem os indivíduos a se organizarem e produzirem conforme a organização social do trabalho. Neste aspecto, a educação escolar contempla a introdução de novos conhecimentos que exigem o princípio da liberdade, democracia e participação cultural como uma educação adequada para o homem moderno. No entanto, esta difusão de conhecimentos e instrução de valores não compromete a conscientização e a desalienação dos indivíduos por meio da revelação do fetiche que os envolve.

O fetichismo da ideologia neoliberal é o fetiche da lógica capitalista que consegue solidificar-se a ponto de fazer crer que o mundo é naturalmente imutável. O fetichismo transforma as relações humanas em fenômenos estáticos, como se fossem impossíveis de serem modificados. Fetichizados somos incapazes de agir, porque o fetiche rompe com a capacidade de fazer. Fetichizados, apenas repetimos o já feito, o já dito, o já existente (GADOTTI, 2007, p. 9).

Atualmente, o ensino permanece confinado aos legados da modernização industrial no contexto da globalização neoliberal, onde mantém uma ligação histórica de suprir as necessidades da indústria.

O que é constatado no atual panorama da educação brasileira é decorrente de um processo educacional que vem ocorrendo desde o final da década de 60, quando o Banco Mundial formulou projetos econômicos que estivessem condizentes com o setor social e educacional. Conforme Saviani (2004, p. 41) “a década de 1960 foi uma época de intensa experimentação educativa”. O ensino brasileiro recebeu forte influência de eventos sociais, como o Golpe Militar de 1964, dando maior abertura às reformas educacionais.

Paralelamente a esses eventos que trouxeram vários subsídios às reformas do ensino, o governo foi procedendo à assinatura dos acordos MEC-USAID, mediante os quais o Ministério da Educação do Brasil estabelecia mecanismos de cooperação com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional para reformular aspectos específicos do ensino brasileiro (SAVIANI, 2004, p. 41).

Desta forma, a educação brasileira estabelecia acordos que influenciavam a sua estrutura e o seu sistema, integrando os aspectos direcionados à educação ao mundo do trabalho. De acordo com Enguita (1991, p. 232) “a qualificação do

trabalho entende-se aqui o conjunto de capacidades e conhecimentos que o trabalhador deve aplicar nas tarefas que constituem seu emprego”. Para isto, a escola contribui significativamente com o desenvolvimento das capacidades básicas como ler e escrever que qualificam o homem para atender as exigências do mercado de trabalho.

Por outro lado, estas exigências imprimem um caráter dualista no plano social: os trabalhadores que se apropriaram da leitura e da escrita como instrumento social na ação laborativa e os trabalhadores que não se apropriaram das mesmas. Desse modo, as conseqüências da implantação do ideário neoliberal expressam-se pelo acirramento das desigualdades sociais, imperadas pela articulação da educação e da sociedade.

Esta articulação com o modelo neoliberal que atende às demandas de iniciativas privadas e organismos multilaterais possibilitou que os conteúdos escolarizados estivessem vinculados à supremacia do capital que, por intermédio do currículo nacional assumiu a face de modelos de ensino.

O projeto neoconservador e neoliberal envolve, centralmente, a criação de um espaço em que se torne impossível pensar o econômico, o político e o social fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista (SILVA, 1998, p. 13-14).

A dinâmica da sociedade é manifestada pelos valores próprios do mercado em consonância com o desenvolvimento psíquico que atinge integralmente a educação. Isto ocorre porque o homem é um ser social, moral e intelectual. Segue normas de conduta, possui valores, concordância e discordância. Tudo isso só pode ser estabelecido porque o homem é um ser que pode conhecer a si mesmo e aos outros pelas indagações e reflexões.

Por isto, a educação tem o comprometimento em formar o homem adequado ao social. Neste sentido, adequar o homem ao social é comprometer-se com qualidades que perfazem o conjunto de virtudes que atendam às necessidades da sociedade do conhecimento. De acordo com Hargreaves (2004, p. 31):

A sociedade do conhecimento de hoje está representada apenas no crescimento de determinados setores especializados como

ciência, tecnologia e educação; não é apenas um recurso pra o trabalho e para a produção, mas permeia todas as partes da vida econômica, caracterizando a própria forma com que as grandes empresas e muitos outros tipos de organizações operam.

A vinculação entre a educação e a sociedade representa os reflexos do paradigma tecnológico que qualifica a formação humana como um instrumento de trabalho na sociedade do conhecimento. Nesse sentido, a escola deve atender a qualificação da força de trabalho humano, que não se reduz somente à força da ação laborativa, mas também às relações sociais designadas pela produção e pelo consumo.

De acordo com Gentili (2002, p.56), a tese sobre o capital humano enfoca a correlação entre educação e desenvolvimento econômico; com isto, o discurso do modelo neoliberal se empenha em assumir a posição de que “mais educação significa maior desenvolvimento”. Nessa circunstância, a empregabilidade social é afirmada a partir do reconhecimento que a escola deve preparar o aluno para atender o mercado de trabalho e, desta forma, a educação tornou-se uma mercadoria, deixando de ser um serviço próprio do Estado e passando a ser do interesse dos financiadores mundiais.

A escola se vê, assim, desvalorizada e isenta de cumprir o seu papel de possibilitadora e desafiadora (ainda que não exclusiva) do processo de constituição do sujeito, do ponto de vista do seu comportamento de um modo geral e da construção de conhecimentos (REGO, 1995, p. 92).

A escola como entidade que integra a produção e a transmissão do conhecimento está comprometida com o desenvolvimento social, mas, no entanto, esta integração é sustentada com uma brutal desigualdade social e educacional, com a criação de um espaço em que se torne impossível desvincular a educação do trabalho. “Assim, o sistema escolar não apenas é reflexo da organização social, mas também contribui fundamentalmente para reproduzir a estrutura social”. (DEL PINO, 1997, p. 152). Neste sentido, o capital adentra incessantemente na formação e transmissão do conhecimento, gerando valores sociais próprios do mundo do trabalho. Com isto, os valores e as necessidades humanas são adaptados conforme os estímulos externos vão sendo difundidos pela sociedade.

A integração entre economia e educação fortifica o sistema capitalista, porque ele adquire maior espaço na implantação de diretrizes e normas que serão necessárias para a manutenção do seu status:

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é então direcionado para uma concepção produtivista e mercantilista, cujo papel é **desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão da qualidade**, definidas no mercado de trabalho, objetivando formar em cada indivíduo um banco de reserva de **competências e habilidades técnicas, cognitivas e de gestão que lhe assegure empregabilidade** (FRIGOTTO, 1996, p. 64, grifo do autor).

O modelo econômico neoliberal é acompanhado de um processo de desenvolvimento social juntamente com uma intensa revolução tecnológica que proporcionou uma nova configuração em relação à comunicação. Atualmente, o frenético desenvolvimento social é formador de opiniões que atingem o imaginário social através do elo que é estabelecido entre as pessoas e o capital que promove uma relação afetiva que inaugura um tempo global e efêmero.

[...] o imaginário engloba as relações sociais, tem em si as relações, é gerado por elas – e se dirige para dentro do mercado. As relações sociais são, ao mesmo tempo, de modo indissociável, linguagem e relação de produção (BUCCI, 2005, p. 226).

Com o advento da alta tecnologia, dissemina-se a idéia de que a formação humana deve ser pautada na assimilação de novos conhecimentos como uma exigência para atender à modernização e à incrementação dos meios de produção. À vista disso, a formação do homem é subordinada aos ajustes estruturais de organismos multilaterais como forma de manutenção da propriedade privada que minimiza o poder do Estado e articula o lucro como força motriz da esfera do capital.

O objetivo da atual sociedade é manifestado através da incessante ação desencadeada pelo consumismo que faz surgir, cada vez mais, necessidades vinculadas aos prazeres do capital; desta forma é dada mais atenção às modas fugazes que realizam uma indução à criação de novas necessidades e de transformações culturais que ditam a forma de ser do homem de acordo com a

influência econômica. Com isto, “as pessoas aprendem a refletir sobre a cotidianidade de trabalho na perspectiva do capital”. (PALANGANA, 1998, p. 175).

A organização educacional está intimamente ligada ao exercício de seu funcionamento com as forças econômicas na sociedade. E assim, permite a criação de novas representações sociais que são proclamadas por meio da ação educacional. As relações difundidas no panorama educacional são amparadas pelo modelo de sistema econômico. Sendo assim:

Todo sistema de ensino institucionalizado (SE) deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato de que lhe é preciso produzir e reproduzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência (auto reprodução da instituição) são necessários tanto ao exercício de sua função própria de inculcação quanto à realização de sua função de reprodução de um arbitrário cultural do qual ele não é o produtor (reprodução cultural) e cuja reprodução contribui à reprodução das relações entre os grupos ou as classes (reprodução social) (BOURDIEU, PASSERON, 1982, p. 64, grifo dos autores).

A função da escola na contemporaneidade é atribuir os valores sob a perspectiva do desenvolvimento global. Tal função se estende à metodologia do ensino, ao planejamento educacional e aos conteúdos que direcionam a uma formação baseada em instruções compartimentadas na divisão entre razão e emoção.

É possível que a educação reflita, meramente, as mudanças em nossa sociedade, pois o homem parece estar cada vez mais confiando menos no contato sensorial, concreto, real, com o seu meio. Está se convertendo num espectador passivo da sua cultura, em vez de ser construtor ativo (LOWENFELD, 1970, p. 23).

A segregação entre razão e emoção consiste na dualidade histórica das mudanças sociais que ancorou na distinção da razão e da emoção. Esta distinção possibilitou que a formação do homem estivesse implicada na divisão do intelectual e do sensível. Com isto “o ritmo da máquina, mesmo com as mudanças em andamento, dita o ritmo da vida dentro e fora do âmbito do trabalho”.

(PALANGANA, 1998, p. 164). A máquina lidera o pensamento humano e combate a sensibilidade por meio da trama das relações de poder designadas pelo capital.

Esta segregação entre razão e emoção fragmenta o potencial intelectual do homem, embrutecendo a sua formação cultural porque submete a compreensão social numa perspectiva alienante e desvinculada da relação entre pensar e sentir. Para isto, a unidade entre razão e emoção é imprescindível na vivência humana, como condição para formar o indivíduo omnilateral. Um indivíduo capaz de respeitar a diversidade humana, de cooperar com a existência de vida no planeta e de se sentir responsável pela sua atuação no mundo.

No entanto, o que se tem é a domesticação do indivíduo que é realizada por meio da mecanização do processo educacional, em que a função escolar atende diretamente a função do sistema econômico. A formação cultural, social e intelectual, que corresponde aos anseios escolares, é responsável pela formação da mão-de-obra que atende o mercado de trabalho, “porque tais discursos tão próprios do modelo neoliberal ocultam que é justamente no mercado que se encontram as raízes da exclusão social – e da exclusão educacional”. (RAMAL, 2002, p. 68). Sob esta análise, as raízes da exclusão social podem ser verificadas pela ascensão do capitalismo que promoveu a divisão social do trabalho e a fragmentação do conhecimento.

A educação é sinônimo da sensibilização e de controle das emoções do sujeito para provocar uma mudança no sistema cognitivo do mesmo. Neste aspecto, a sociedade reflete o grau de instrução que a escola perpassa aos indivíduos por meio do processo educacional. Isto se torna relevante através da dinâmica social que apresenta as manifestações humanas por meio da estrutura sócio-política. Conforme Bordieu e Passeron (1982, p. 173), “[...] sem dúvida as sociedades modernas conseguem cada vez mais obter da Escola que ela produza e garanta como tais cada vez mais indivíduos qualificados, isto é, cada vez mais bem adaptados às exigências da economia [...]”. Diante disto, o que pode ser verificado, é que a sociedade contemporânea é subordinada aos interesses da expropriação da mão-de-obra humana. O tipo de homem que é formado está de acordo com o que é estabelecido pelas diretrizes econômicas e sociais e está fragilizado em relação à compreensão da dimensão política.

A globalização capitalista roubou das pessoas o tempo para o bem viver, o espaço da vida interior e a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas: cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital (GADOTTI, 2007, p. 10).

O que norteia a aprendizagem na sociedade contemporânea são processos sociais que produzem os objetos e as relações e determinam as condições histórico-sociais. Por isso, o conhecimento escolar está vinculado aos conceitos e valores produzidos socialmente. Sendo assim, é necessário combater um ensino pautado em conceitos espontâneos e superficiais que limitam as funções psicológicas dos indivíduos em simples ações de decodificação e apropriação do conhecimento. Pois, o que se verifica é que “[...] a sociedade do conhecimento tem dificuldade de fazer do ensino uma verdadeira profissão de aprendizagem”. (HARGREAVES, 2004, p. 26).

A relação entre sociedade e escola é fundamental na constituição da sociedade e de seus indivíduos. Sob esta perspectiva, a organização dos conteúdos escolarizados deve ser profundamente realizada a fim de promover a sensibilização humana. Tal sensibilização deve estar empenhada na constituição de um pensamento político que propicie ao homem uma postura de racionalização acerca dos fenômenos e fatos sociais comprometidos com as suas ações no desenvolvimento da sociedade.

O comprometimento humano é uma ação político-pedagógica que está amparada pelo processo educacional. Esta dimensão política-pedagógica diz respeito à edificação da constituição humana pelo desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade social. Para Gutiérrez (1988, p. 11) “[...] só mediante a ação político-pedagógica é que se poderá tirar a educação do atoleiro em que ela se encontra”. Gutiérrez (1988), ainda, salienta que um projeto social alternativo para a educação deve implicar a gestão de uma sociedade fundamentada na participação social em uma nova ordem econômica em que haja ampliação do poder dos cidadãos. Neste aspecto, o vínculo entre educação e sociedade deve estar em prol do desenvolvimento e da organização social que contribuam para uma melhor qualidade e dignidade de vida.

Portanto, a organização de uma sociedade é subsidiada por aquilo que ela define como necessária para a formação da consciência humana. Esta formação

é realizada através das mediações estabelecidas com o meio circundante e pode também ser realizada por meio dos conteúdos educacionais que cumprem a função de determinar o conhecimento que conduzirá o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, eles são definidos como instrumentos do pensamento social e exercem uma forte influência no desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Mas, para que o conteúdo escolar exerça sua função social, faz-se necessário desenvolver uma postura diante deste conteúdo que favoreça a sua internalização e apropriação, tornando-se mediador entre o aluno e o mundo.

A função social de um conteúdo escolar é possibilitar a integração entre razão e emoção como uma unidade indissolúvel no entendimento da realidade. Desta forma, a abertura para a diversidade cultural, para o espaço da criatividade, para a imaginação e o despertar da sensibilidade é fazer com que os conteúdos escolares não estejam somente adequados à sobrevalorização do científico, mas permitir que eles estejam associados com as diversas formas de criação humana.

Portanto, é preciso refletir acerca do que é ensinado na escola, para que se possam compreender quais são as práticas pedagógicas difundidas por ela em prol da emancipação do homem. Emancipação essa que consolida a renovação dos princípios sociais como forma de reconhecer no homem um ser sensível e capaz de provocar mudanças sociais a favor de uma sociedade igualitária.

4.2. Um encontro necessário: arte e educação

Tudo ao nosso redor é fruto do sentir e do pensar. Estas sensações são despertadas e incorporadas nas ações de aprendizagem e transformação do meio. Por meio destas ações o homem dialoga, exprime sentimentos e assimila o conhecimento e nestes processos estão implicadas relações sociais que são justificadas também no processo educacional, porque a formação do homem está respaldada nos processos mediatizados entre ele e a dinâmica social. A dinâmica social que compreende os aspectos das relações entre produção e consumo, conhecimento e educação, têm nas ações educacionais um expoente na transmissão de valores.

Neste sentido, as ações educacionais devem viabilizar uma consolidação

das práticas que permitam a reflexão e ação do homem. Essas ações educacionais devem estar respaldadas na dimensão simbólica da palavra e da imagem. Esta dimensão é formada pelo significado e pelos sentidos que a palavra e a imagem expressam no meio circundante e que estão implícitas na arte. Para Duarte Junior (1991, p. 19) “a consciência humana é, desta forma, produto de sua capacidade simbólica, produto de sua palavra”. Assim, a vida humana comporta a relação que as palavras e as imagens produzem através dos objetos, sentimentos e relações sociais.

Numa perspectiva histórico-cultural, os desafios para a escola são os conteúdos que possam compreender e relembrar o passado a fim de direcionar uma percepção que ultrapassa a aparência dos fatos para o entendimento do presente. A aprendizagem escolar deve ser adequadamente organizada de forma a promover o desenvolvimento, a fim de despertar a conscientização para a leitura, escrita e a utilização social desses mecanismos. É evidente que a operação da aprendizagem no ambiente escolar depende de uma fundamentação sólida com os mecanismos psicológicos para desenvolver o conhecimento didático (FELDMAN, 2001). Segundo o ponto de vista do autor, a aprendizagem está indissociada dos métodos que a compõem como forma de instrumento do pensamento. A relação entre o pensamento e o conceito está aplicada nas ações da teoria e da prática. O conceito como matéria-prima do desenvolvimento do pensamento direciona a aprendizagem.

Neste aspecto, a arte possui uma enorme contribuição como contexto reflexivo, pois permite estruturar conteúdos artísticos que possibilitam ao educando enriquecer o seu senso crítico a partir das oportunidades oferecidas pela emoção e pela imaginação. A arte é importante no redimensionamento da formação escolar, porque ela expressa a importância da valorização do prazer estético, da sensibilização dos sentidos e o reconhecimento do pensamento artístico. Considerando a sua importância, ela deve estar associada ao desenvolvimento psíquico do estudante, para fortalecer as suas competências políticas.

Segundo Freire (1979), o homem moderno está dominado pelas forças dos mitos e comandado pela publicidade. Isto justifica um ser de ajustamento e acomodação. Neste aspecto, há a necessidade de o homem libertar-se dos mitos

que o faz se sentir diminuído e esmagado. Para isto, através da educação, o aluno pode desenvolver o fortalecimento de suas competências políticas, enobrecer a capacidade de discernimento, de aceitação e de contestação que faz com que ele se integre ao mundo em nome de sua própria liberdade. Por isso, a arte proporciona no ensino escolar uma emergente necessidade de renovação das práticas sociais, como uma força que se agrega à educação e transmite um otimismo capaz de transmitir esperança ao contexto social. “Assim compreendida, a arte assume, dentre os demais determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais, um papel relevante, essencial mesmo, no processo de humanização ou de educação do homem”. (PEIXOTO, 2006, p. 248). Através da arte, o despertar da emoção integra na vida humana condições de o homem se libertar dos mitos ideológicos e adquirir condições de possuir maior autonomia.

O domínio da autonomia contribui para o entendimento dos elementos sensoriais e materiais como imagens, músicas e mercadorias, que a sociedade contemporânea contempla. Tais elementos estão mais enfocados em transmitir informações que atendam aos anseios do capital, tornando-se um excelente veículo de comunicação. Neles estão infiltrados valores da supremacia do capital, que conectam o homem à realidade social. Tal conexão provoca estados psíquicos que direcionam o homem a utilizar-se desses elementos para fazer associações, críticas e reflexões na formação do seu pensamento. Os estados psíquicos correspondem à nova postura que o homem adquire diante da apropriação do conhecimento transmitido pela sociedade moderna. Isto possibilita ao homem exercer atividades intelectuais por meio da relação entre o pensamento e a palavra.

Portanto, ensinar arte num mundo de hoje é uma tarefa que necessita de um trabalho pedagógico que desenvolva uma nova postura diante do olhar da realidade. Essa postura não significa excluir o que o aluno já possui em relação à arte e a realidade, ou ainda sobre os elementos da contemporaneidade, mas incorporar novos conhecimentos que possibilitem reconhecer na arte uma maior clareza em relação à sociedade à qual pertence.

Isso mostra que a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida (VIGOTSKI, 2001, p. 329).

Neste sentido, o ensino de arte no contexto escolar está envolvido em outorgar condições que promovam uma elevação do pensamento social. Elevação esta que legitima a importância da liberdade como estado de qualificação do homem. Para Gullar (1999 p. 80) “[...] a liberdade é condição fundamental da criação artística, e não apenas a liberdade exterior ao homem, mas também a sua liberdade interior”. A liberdade criadora, que deve ser vivenciada na escola, vai além de deixar as crianças realizarem desenhos livres, cortarem papéis, dançarem ou cantarem. A liberdade criadora não deve somente atender às exigências da atividade proposta, mas como uma atividade exigente, que exerça o seu papel de formação de valores, que seja uma atividade que possua um caráter reflexivo a respeito da sociedade.

Essa liberdade de expressão não é também uma livre-expressão carregada de espontaneísmo. Para que ela seja realizada, há o envolvimento da criação e da subjetividade como requisitos que promovam uma conscientização daquilo que está sendo feito. A criatividade, embora traga a natureza da criança, não deve ser somente analisada como a espontaneidade da situação, mas deve avaliar a expressão da subjetividade do indivíduo como a ligação consciente que ocorre entre ele e o mundo.

A atividade da criação artística tem um significado para aquele que a produz e para aquele que a interpreta, porque desta maneira ela se torna essencial à vida humana. É por essa razão que a atividade artística implica uma modificação em relação aos aspectos cognitivos e sociais do homem.

Todavia não é por aí que se caracteriza a sua consciência, mas pela relação que existe entre estas significações e o sentido pessoal que têm para ele as suas ações de trabalho. Sabemos que o sentido depende do motivo (LEONTIEV, 1978, p. 123).

Desta forma, as condições de vivência do indivíduo são determinantes também para a realização e a apropriação da atividade artística.

A realização da atividade artística corresponde à relação que o indivíduo estabelece com o meio e assim ele adquire condições de desenvolver uma postura que possa envolver a arte como produto social. “O modo como o homem se apropria, na relação estética, do objeto no qual objetiva a si mesmo, este modo depende tanto de sua disposição subjetiva, ou sentido, quanto do objeto”.

(VÁZQUEZ, 1978, p.88). Neste aspecto, é na criação que o homem se apropria do meio de modo a desenvolver uma postura imaginativa e criativa, dispondo de elementos sociais e instrumentos que auxiliem no seu pensamento, como a cultura, a política, as relações sociais e os objetos.

Foi decorrente do processo de criação e transformação da matéria que o homem engrandeceu o seu papel de sujeito social e atendeu às novas necessidades sociais por meio do que pode ser constatado no período primitivo. Logo, o processo de criação está intimamente associado ao desenvolvimento humano e esta relação é permeada pela arte como um instrumento educativo e cinestésico. Para isto, a arte como processo de criação sempre acompanhou o homem nas diversas atividades expressivas. Por meio de atividades ordenadas, estruturadas, sincronizadas, organizadas no tempo e no espaço o homem deixou suas marca no mundo. Buoro (2003, p. 23) considera que “em cada momento específico e em cada cultura, o homem tenta satisfazer suas necessidades socioculturais também por meio de sua vontade/necessidade de Arte”.

É importante ressaltar que a intensificação da relação que a arte mantém com os homens precisa de calor, da diferença de opiniões, da poesia e da canção, da intuição e do engano, a fim de que possa ser interpretado o mundo através da sensibilização dos sentidos humanos. Desta maneira, a arte na escola, como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, possibilitará à criança conhecer os elementos que compõem o mundo físico, as formas de comportamento, as relações sociais. Com isto, a educação através da arte, exerce uma intervenção no imaginário infantil a fim de promover manifestações individuais para atingir o senso coletivo e social.

A Educação Através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence (FUSARI; FERRAZ, 2001, p. 19).

A arte concentra em seu interior a genialidade do pensamento humano sob a forma de materialização de sua própria consciência. A arte se propõe a revelar condições da vida material como resultado das relações que os indivíduos

estabelecem na sociedade. É o resultado de uma formação pautada no entrelaçamento entre o individual e social que favorece a mediação entre o homem e o mundo. Por isto, a arte pode ser vista como conhecimento, por ser um elemento que domina e é ao mesmo tempo dominado pela coexistência em si pelo individual e social.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para aprender o mundo que nos rodeia (COLI, 1995, p. 109).

A manifestação artística sempre esteve presente no desenvolvimento do homem e aos poucos nela são incorporados fatores histórico-culturais que abrangem também a linguagem da arte como conhecimento científico. Com o desenvolvimento intelectual, as manifestações artísticas das crianças vão assumindo formas que revelam as representações mentais que são ajustadas em conformidade com a inserção dos instrumentos simbólicos que são incorporados ao pensamento. A manifestação artística é uma experiência que se caracteriza por proporcionar uma idéia de harmonia, verdade e beleza da essência humana permeada pela ambiência da natureza. É uma situação ousada que revela o inusitado, o íntimo, o particular conectado com o social.

De acordo com Barbosa (2005) a experiência estética é uma vivência que o homem estabelece antes mesmo de entrar na escola. Sendo assim, o pensamento humano já acumula desde os primeiros contatos visuais que têm com o mundo uma experiência emocional que posteriormente pode ser desfrutada com a inserção da dimensão artística na vida do homem. Esta dimensão permite que a constituição do homem seja demonstrada através dos sentimentos que expressam as inquietações humanas.

A construção do conhecimento artístico inicia-se desde a infância de forma espontânea, a fim de comunicar o pensamento internalizado infantil. Conforme ocorre o crescimento infantil, a criança vai desenvolvendo mais habilidade e

aptidões artísticas decorrentes do desenvolvimento psicossocial. As relações que são estabelecidas com o meio tornam-se mais intensas, suas necessidades aumentam e o seu grau de percepção em relação ao espaço solicita que novas mediações sejam estabelecidas. Isto favorece o desenvolvimento das funções psíquicas superiores que serão fundamentais para a construção do conhecimento científico e apropriação da arte. Neste sentido, a criação artística torna-se um canal que possibilita a comunicação da genialidade do pensamento com o meio circundante.

A infância é o período em que a criança começa a se relacionar com o mundo através de desenhos, de sons, de ritmos que elas produzem com os objetos. Todas essas ações dizem respeito à movimentação corporal e à criação de um ambiente imaginário. As experiências que a criança realiza desde a infância são responsáveis pelo desenvolvimento de seu pensamento. Essas experiências se tornam instrumentos de reflexão porque influenciam nas situações posteriores e são incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem. O encaminhamento pedagógico proporciona que tais experiências sejam reveladas através de manifestações criativas. Esse processo é influenciado pelo ensino de arte na escola e favorece situações que promovem ações que intensificam o contato infantil com o mundo, por meio da representação e produção de formas.

A criança possui uma intensa necessidade de criar. A criação é decorrente do seu processo de socialização com o mundo que desencadeia as invenções, as brincadeiras e a construção de instrumentos e personagens imaginários. A representação infantil está diretamente ligada às influências do cotidiano, assim, ela pode ser designada como o resultado da espontaneidade da criança e a influência das variações sociais que estão ao seu redor.

A criação é um instrumento pedagógico que possibilita o contato com a sociedade, porque para que ocorra esta ação, a criança já se apropriou de alguns instrumentos sociais que favoreceram a sua relação com o mundo. E à medida que tais instrumentos são incorporados pelo processo criativo, eles revelam à sociedade uma nova linguagem, que pode ser definida também pela arte.

Partindo da concepção de que a Arte é uma linguagem manifestada desde os primeiros momentos da história do homem e estruturada, em cada época e cultura, de maneira singular, o conhecimento dessa linguagem contribuirá para maior

conhecimento do homem e do mundo. Portanto, a finalidade da Arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade (BUORO, 2003, p. 33).

Desta forma, deve-se aproximar a arte do contexto educacional e possibilitar ao aluno a pluralidade de situações que promovam a sua transcendência. Esta transcendência permite ligá-lo à sua essência e ter condições de decidir, interferir e refletir acerca de sua vida através da imaginação.

Ora, a arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. Pela arte a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reserva (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 67).

Na medida em que a arte torna-se instrumento de reflexão para a construção do pensamento, a manifestação artística constitui-se de uma ação ratificada na participação dos sentidos humanos como condição que permite ao aluno redimensionar a sua participação social.

4.3. A importância do ensino de arte

Atualmente, o ensino de arte está pautado numa perspectiva educacional compreendida por atividades que estimulam a reprodução de modelos banalizantes de ensino e não enfocam a materialidade histórica da arte. Por isto, “a arte não pode se tornar algo sem vida, mecânico [...]”. (EISNER, 2005, p. 82), porque o bom ensino não significa necessariamente a instrumentalização de técnicas, de instruções que lidam com a leitura e com a escrita. Significa possibilitar à criança o desenvolvimento de habilidades que lidam inteligentemente com estas ações por meio da sensibilização dos sentidos. Por este motivo, a arte deve estar integrada à educação e constituir um instrumento educacional na aprendizagem.

A arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo

escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos (IAVELBERG, 2003, p. 9)

No entanto, o atual sistema educacional enfatiza o ensino de arte principalmente na demonstração às autoridades quando ocorre algum tipo de comemoração, homenagem, ato cívico, como se a arte fosse a máscara da formação educacional. A arte não pode ser vista como o enfeite, embora possa representar grandes homenagens ou celebrações, ela não é somente a reveladora de talentos e técnicas.

Contudo, nessas situações está vinculada uma formação desnacionalizante que não está comprometida com a formação integral do aluno. É por meio da concepção ilusória de que a arte é somente instrumento alegórico, que repercute a barbárie da fragmentação do conhecimento artístico.

Desta forma, o ensino que é realizado não reconhece a arte como formadora do pensamento reflexivo, mas como uma disciplina de lazer e recreação que está muito aquém da consolidação do lúdico como elemento de aprendizagem. Assim, cabe elucidar o ensino de arte fundamentado numa perspectiva dialética. De acordo com Vasconcellos (1993, p. 41) “uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se numa concepção de homem e de conhecimento onde se entende o homem como ser ativo e de relações”. Nesta concepção, o educando não é visto como um receptor de conteúdos de forma passiva, porque a sua função como agente transformador da realidade também é realizada na escola.

Conforme Libâneo (1993, p. 54, grifo do autor) “a finalidade do processo de ensino **é proporcionar aos alunos os meios para que assimilem ativamente os conhecimentos**”. Evidentemente, o ensino deve estar pautado numa perspectiva em que os objetivos educacionais atendam à necessidade do fazer e do pensar do aluno contribuindo para o seu aperfeiçoamento intelectual.

Em função disto, o conhecimento escolar deve ter a preocupação de apresentar o enredo histórico no qual o homem é o principal agente social, demonstrando as relações sociais como força-motriz da construção da sociedade, pois o dinamismo da ação humana se constitui de ações vinculadas à percepção,

observação e atuação, que são realizadas em todas as instâncias de que o homem faz parte, dentre elas, a educação.

Neste sentido, a aprendizagem escolar deve significar um avanço intelectual do educando, como forma de determinar as ações que permitam a ele se dirigir à sociedade de forma racional de maneira que possa associar a sensibilidade como força criativa.

Conforme Lowenfeld (1970, p. 27):

Em grande escala, o nosso sistema educacional está engrenado para uma única fase do desenvolvimento: a da evolução intelectual. Aqui a aprendizagem é muito mais fácil de medir, mas isto equivale definir aprendizagem numa acepção muito estreita. A aprendizagem não significa meramente acumulação de conhecimentos; também implica uma compreensão de como esses conhecimentos podem ser utilizados. Devemos estar aptos a usar nossos sentidos livremente, de uma forma criadora, e ao desenvolver atitudes positivas em relação a nós próprios e àqueles que nos cercam, para que a aprendizagem seja eficaz.

Portanto, a aprendizagem escolar pode permitir que o processo intelectual através da transmissão e apreensão de conteúdos esteja conectado com o desenvolvimento de atitudes que fortalecem o processo criativo.

O processo da aprendizagem escolar conciliado com o processo criativo fundamentado numa perspectiva dialética promove que o sujeito seja ativo no processo de construção do conhecimento. Neste sentido, a aprendizagem e o processo criativo estão vinculados com o conhecimento escolar que permite ao aluno desenvolver uma capacidade de expressão para e com o mundo que carrega em si uma intelectualização dos sentimentos.

Esta intelectualização permite reconhecer a importância da criatividade e da criação para a formação cultural do aluno e está respaldada no envolvimento da arte na educação numa perspectiva materialista-histórica. De acordo com Vázquez (1978) há uma relação direta entre necessidade e criação que permite ao homem desenvolver uma nova postura social e assim vivenciar uma experiência estética vinculada à humanização dos órgãos dos sentidos. Com isto, a sensibilização dos sentidos reconhece que o gozo educacional não está somente acompanhado da transmissão de conteúdos, mas constitui-se de uma

complexa relação entre o despertar poético do conhecimento e a sensibilização do intelecto.

Para Vigotsky (2003, p. 62, tradução nossa)¹ “a verdadeira educação consiste em despertar na criança aquilo que ela já possui em si, ajudar a formar e orientar seu desenvolvimento em uma direção determinada”. Tal orientação desperta a compreensão acerca do impulso criador que proporciona ao aluno uma conduta relevante no processo da atividade vital. Neste aspecto, a atividade vital está em torno do entusiasmo que permite ao aluno expressar o movimento e a complexidade do seu pensamento através da criação artística.

A fim de propiciar a mobilização para o conhecimento, o ensino de arte deve necessariamente estabelecer uma postura que auxilie o aluno a se aproximar da arte. Esta aproximação não se reduz à contemplação e atividades dirigidas, mas uma integração entre o que o aluno entende sobre a arte e o significado que ela possui. Para tanto, exige do trabalho educativo uma interação com a sensibilização, criação e reflexão, para que a arte se torne mais significativa na vida do aluno. De acordo com Ferraz e Fusari, (1999, p. 56-57),

Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida. Conseqüentemente, ao compreender e encaminhar os cursos de Arte para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança estaremos ajudando na melhoria de sua expressão e participação na ambiência cultural em que vive.

A arte comporta aspectos da complexidade humana como o sentir, o perceber, fantasiar, imaginar e representar porque ela é o resultado do desenvolvimento histórico e as relações que o produziram, geradas em torno do movimento multidimensional correlativo à capacidade psíquica do homem. É pertinente, portanto, o reconhecimento da arte como conteúdo escolar para que ela exerça a função social relativa ao exercício da reflexão. A reflexão não é realizada somente a partir dos conhecimentos de arte, mas também das divergências que entorpecem a criação artística, ou seja, dos diversos olhares que os homens no decorrer do desenvolvimento histórico tiveram em relação à arte.

¹ La verdadera educación consiste en despertar en el niño aquello que tiene ya en sí, ayudarlo a formentarlo y orientar su desarrollo em una dirección determinada.

Neste sentido, a arte pode ser definida como instrumento de caráter pedagógico porque ela, como conteúdo escolar, tem um papel transformador que mobiliza o educando para a sensibilização e para a linguagem corporal, definida como o movimento do corpo que comunica o pensamento por meio de sons, palavras e construção de formas. Com isto,

O reconhecimento do papel transformador da arte passa pela valorização do saber sensível, que consegue agregar as dimensões do sujeito; expressar valores e idéias; descobrir o eu criativo que existe em cada um; dar formas e expressão aos nossos sentimentos e pensamentos, atitude dialógica intercultural entre indivíduos e grupos díspares, e a condição de ator/ autor do sujeito; enfim, consegue interpretar e/ou inventar a vida (MENEZES, 2006, p. 18).

Desta forma, ensinar arte é se aproximar da realidade, para que a arte não seja compreendida somente como um objeto apreciativo e decorativo, mas um contexto reflexivo carregado de valores integrado com o real. Esta integração da arte com a realidade proporciona uma contribuição significativa ao desenvolvimento e às experiências humanas, o que possibilita a formação de um pensamento emancipatório, capaz de compreender as dimensões sociais, e, dentre elas, a relação da arte com a vida. Esta relação exprime a paixão humana através de formas estéticas que expressam o sentimento. De acordo com Vigotski (2001, p. 316):

A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel.

A incorporação da arte como contexto reflexivo conduzirá à integração da expressividade como instrumento para o entendimento da sociedade. Neste aspecto, o repertório estético e artístico, que está vinculado à arte, possibilita desafiar os estudantes, ressaltar um conhecimento que até então não havia sido revelado através da arte e torná-lo mais consistente na vida do aluno.

A arte na escola possibilita revelar uma leitura de mundo que sensibilize e amplie o domínio intelectual do aluno por meio da sua expressão corporal, a fim

de desenvolver as funções psíquicas superiores como a percepção e imaginação. Barbosa (2003, p.18) considera que:

A Arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

A arte deve ser refletida como campo de conhecimento que aborda a relação homem-mundo através das vicissitudes do tempo e espaço. Nesta reflexão, o conceito de arte deve estar pautado numa linguagem mais acessível, mas nem por isto vulgar, mais popular e menos segregada racialmente, étnica e politicamente.

Portanto, a finalidade da Arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade (BUORO, 2003, p. 33).

Contribuir com um ensino de arte mais significativo é redimensionar o tempo e o espaço em que a arte está inserida na escola. Isto seria permitir que a arte não estivesse mais fragmentada do contexto social, ela estaria integrada às outras disciplinas e ampliaria o seu valor educacional.

A integração da arte com as outras disciplinas é uma maneira de conectar os procedimentos e as técnicas artísticas com o estudo das fontes históricas e das variedades lingüísticas a fim de entrelaçar o conhecimento e reconhecer a manifestação dinâmica que é conferida entre as disciplinas. Deste modo, espera-se com esta conexão um resultado acadêmico que visa uma aproximação e identificação do valor simbólico dos elementos que compõem a arte. Vale ressaltar que este valor tem relação com a integração dos conteúdos escolares e os conceitos por eles difundidos. Isto possibilitará um olhar mais abrangente em relação à dimensão do conhecimento na sociedade.

Neste sentido, deve-se evidenciar o caráter multidisciplinar no qual a arte está inserida e socializar os saberes pedagógicos como práticas educativas que

permitem ao aluno intervir na construção do conhecimento. Portanto, a arte possui um comprometimento social, a sua inserção na escola direciona o aluno a perceber que ele também tem responsabilidade com a sociedade. À medida que ele reconhece a arte, ele também se reconhece como sujeito criador, criativo e transformador da realidade.

Com isto, aprender arte na escola é uma forma de alfabetização. Alfabetizar não é somente decodificar os signos lingüísticos da escrita, porque a compreensão do significado lingüístico não é suficiente se não houver também uma compreensão acerca do significado da imagem. A imagem e a palavra possuem uma unidade indissolúvel no significado que produzem diante da totalidade na qual estão inseridas. Por isto, o entendimento da palavra deve estar amparado pelo contexto em que foi produzida. Sendo assim, a arte é um contexto que deve ser estudado para a compreensão do valor social da palavra.

De acordo com Barbosa (2002) a importância da arte no processo educacional considera que não se pode dicotomizar razão e emoção, porque o processo de alfabetização não é mecânico e a arte não é somente reflexo da espontaneidade. Faz-se necessário desenvolver uma leitura social que corresponda à relação entre a palavra e o seu contexto; logo este contexto diz respeito às representações plásticas que ela pode assumir, à realidade na qual está inserida e ao seu significado social. Com isto, “a leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal”. (BARBOSA, 2002, p. 28).

A unidade vivenciada entre razão e emoção que está implícita na arte é possível através da dimensão simbólica artística, que concilia a relação entre palavra e imagem numa estrutura organizada de formas, ritmos e cores, que imprime à realidade a significação do pensamento humano. Esta unidade concebe que a beleza das formas, o ritmo e a plasticidade sejam elementos que estão em sintonia com o conteúdo a fim de transmitir a mensagem internalizada.

Isto direciona a relação integrada entre linguagem e pensamento que possibilita a decodificação do signo lingüístico juntamente com os valores dos símbolos artísticos. Permite que, através da organização do pensamento proporcionada pela unidade pensamento e linguagem, o aluno seja capaz de estabelecer uma análise sintética da realidade. Esta análise sintética integra a

visão de mundo que ele possui com o meio circundante, direcionando-o a perceber como as suas particularidades estão implícitas na universalidade social.

Por isto, a comunicação através da arte não deve ser restrita e excluída, deve ser mais abrangente e acessível na vivência humana, a fim de conciliar a imagem e a palavra. Pois, “se os símbolos lingüísticos são incapazes de nos apresentar integralmente os sentimentos, a arte surge como uma tentativa de fazê-lo”. (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 43). Portanto, é com a integração entre a palavra e a imagem que ocorre a decodificação dos signos sociais, promovendo o despertar do educando diante do seu meio circundante permeado por palavras, símbolos e imagens.

A arte na educação escolar colabora com o desempenho de ações que despertam a valorização da palavra e a sua relação com a imagem. As diversas manifestações artísticas estreitam as relações da palavra e o seu significado, pois as ações desempenhadas por elas estão diretamente ligadas com o significado e com os sentidos que as palavras assumem no contexto em que são utilizadas.

O conteúdo pictórico presente na arte favorece o estudo acerca da disposição dos elementos e com isto se torna um processo que permite o desenvolvimento da organização espacial. Através deste estudo, o aluno compreende que o desenho pode revelar condições para o aprimoramento dos traços para a formalização da escrita. O desenho fortalece a capacidade de percepção visual e tátil, a construção de formas e esquemas que ampliam o registro da escrita. Portanto, há a necessidade de se reconhecer na arte uma possibilidade enriquecedora do processo de alfabetização e da organização espacial. “O desenvolvimento da imaginação criadora, por meio da leitura da obra de arte, enriquece a construção das formas visuais ampliando sua expressão gráfica, seu reconhecimento de mundo e de si mesma”. (BUORO, 2003, p. 99).

O reconhecimento da arte como integração entre a imagem e a palavra considera que é por meio da compreensão dos elementos visuais, táteis e rítmicos que é realizada a alfabetização estética do aluno. Esta alfabetização permite revelar o entendimento acerca do processo em que a arte é produzida e dos elementos que compõem sua estrutura, como o ritmo, as cores, as formas, o movimento corporal que eleva o pensamento humano e redimensiona a

capacidade de compreensão do homem acerca do significado da linguagem verbal e da escrita no mundo.

O trabalho a ser realizado com a arte na escola envolve uma construção artística em que o aluno seja capaz de se apropriar da arte, interpretando e expressando seus sentimentos. Para isto, as impressões visuais não devem ficar restritas à contemplação. É importante uma coleta de impressões para que o aluno exteriorize o que pensa e o que sente a respeito da forma de saber artístico e, posteriormente, estas impressões se tornem reflexões que vão além da descrição física e contemplativa, mas um discurso acerca de como as idéias, os sentimentos e a história são elementos que constituem a arte. Nesta proposta de coleta de impressões,

A obra de arte parece ser um objeto facilitador desse resgate, não só porque aglutina múltiplas formas do saber, mas principalmente porque uma obra de arte não é apenas objeto de apreciação estética; é fruto de uma experiência de vida desvelada pelo processo de criação do artista e pelo sistema de signos da obra (BUORO, 2003, p. 31).

Estas ações estão vinculadas à expressão artística que ocorre por meio da leitura de imagens, do conhecimento musical e poético e está interligada ao desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Nela está integrada a intelectualidade do homem através da simbolização do real e do imaginário. Esta simbolização, que é a integração entre a palavra e a imagem, é apresentada na arte por meio da decodificação da realidade, porque conforme o homem se apoderou dos instrumentos e signos, ele ampliou a sua capacidade de construir formas que interligassem o verbal e o não verbal na tentativa de ampliar os instrumentos educacionais. E com isto, a arte também se tornou um instrumento educacional no processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, para que a arte se torne um instrumento educacional deve haver cuidados em relação ao processo artístico na escola. As atividades propostas não devem estar em torno da exatidão, da perfeição, na busca por detalhes e estereótipos. Buoro (2003, p. 69) considera

[...] a questão de que produzir obra de arte ou realizar trabalho de arte é construir algo de maneira que se deseja, pois não existe um

modelo pronto e tido como certo, mas produto da vontade de quem faz e da maneira como quer fazer.

O objetivo principal está na manifestação do pensamento infantil através do interesse da criança que ocorrerá com o despertar do sentido da arte na vida do aluno.

A expressão artística não deve impor uma representação fiel da realidade, pois não se trata de um modelo representativo. A importância da expressão artística está no fato de que ela é uma ação que propicia a libertação de modelos estereotipados, e conduz a um pensamento que se relaciona com a afetividade e razão como teoria e prática da imaginação. “No entanto, não é a habilidade técnica, mas a vivência criadora que poderá contribuir para um melhor aproveitamento dos alunos”. (OSINSKI, 2002, p. 100).

A produção da arte na escola deve estar respaldada na ação perceptiva do olhar infantil que possibilite a representação da realidade. Esta representação não pode ser designada como uma reprodução fiel, pois está submetida aos interesses e vínculos que a criança possui, designando a expressão visual e o pensamento sobre a realidade. Nesta ação, é compreendida a imensa capacidade da criança em caracterizar a vida, através das formas, ritmos e cores e da sua dimensão temporal e espacial.

Portanto, na vivência criadora são despertadas condições que resgatem a livre expressão da criança através da inventividade e da criatividade, levando-as à ruptura de estereótipos midiáticos na realização de um trabalho que ressalte a essência infantil. Neste aspecto, na criação está articulado o conhecimento que a criança já possui com aquilo que lhe está sendo ensinado. Isto possibilita uma troca de experiências entre o ser e o mundo que proporciona o enriquecimento da ambiência infantil.

A ambiência infantil é permeada pelas inquietações individuais constituídas pelos processos de comunicação social que ocorrem na interação com o mundo. As imagens, os sons, as cores, favorecem a estimulação sensório-motora evidenciando a relação criança-mundo. Cabe destacar que a apropriação da realidade amplia a forma como a criança vê o mundo, reelaborando o conhecimento que já possui.

É importante direcionar o ensino da arte a partir do saber do próprio aluno e, posteriormente, desenvolver um trabalho em que sejam criadas condições de o aluno comparar a sua vida com a arte. Diante disto, o repertório infantil é imprescindível para o entendimento da arte, porque ele demonstra o diálogo que a criança mantém com o mundo. As atividades desenvolvidas não devem estar condizentes a infantilizar a arte ou tornar adulta a criança, mas despertar um sentido que demonstre a importância da arte na vida, estimulando uma infinidade de relações da criança com o meio.

A projeção do pensamento na forma de arte é uma ação que traz à tona o repertório da memória, da percepção e da apreensão social que pode ser revelada através das descobertas infantis. “Na criança que descobre o mundo, e a si, o mecanismo mental de projeção é altamente utilizado, pois qualquer objeto transforma-se em outro e reveste-se de realidade imaginativa”. (BUORO, 2003, p. 113). Desta forma, os estímulos sensório-motores que são instigados através da arte possibilitam ao aluno desempenhar ações em prol da criação e transformação. Isto pode ser realizado a partir de observações, relatos, brincadeiras, discussões em que ele possa compor a sua arte, associar com os elementos reais e imaginários e utilizar-se do pensamento coletivo como processo crítico e dialógico que estão engendrados na auto-expressão.

Gombrich (1998) considera que a auto-expressão é uma representação que a criança realiza a partir de sua leitura de mundo, é uma ação admirável e que deve ser valorizada. No entanto, a exteriorização da auto-expressão deve ser projetada com a delimitação de objetivos para que ela possa ser considerada um momento de criação e reflexão e não somente um momento de lazer. A cognição infantil constitui-se em um elemento essencial para a realização desta ação, pois permite que a criança desenvolva relações sensório-motoras com o meio para o seu auto-conhecimento.

O universo artístico possibilita articular conhecimento infantil com conhecimento de mundo. Neste sentido, o que se pretende de fato com o ensino de arte na escola é favorecer e ampliar as oportunidades da criação, através do papel representativo que a arte exerce na sociedade. Portanto, a manifestação artística na escola é resultado da exteriorização dos mecanismos mentais do aluno, como a emoção, o prazer, a dor, a tristeza, etc.

O que deve ser ressaltado é que numa perspectiva materialista-histórica a arte como objeto socialmente construído deve atender a uma proposta que articule o fazer, o representar e a expressão como reflexão e ação. Esta articulação possibilita que as ações desencadeadas frente à interpretação e apreciação da arte se tornem uma ação significativa para a internalização do conhecimento.

Conforme ressaltado por Buoro (2003, p. 41),

[...] a Arte como produto do criar/construir, movida pelo interesse que se alimenta tanto do sensível como do racional, pressupõe que o trabalho pedagógico desenvolvido com a arte na escola deve estar sustentado num referencial teórico-metodológico que articule interação social e produção social, a fim de que o aluno perceba que, no conjunto das qualidades formais que formam a sua representação artística, estão inseridos elementos sociais.

A proposta apresentada por Buoro (2003, p. 42) expressa um encaminhamento acerca do ensino de arte comprometido com a construção do olhar do aluno “[...] com procedimentos educativos ligados a manifestações expressivas e lúdicas nas ações do saber artístico e estético inseridas em seus contextos socioculturais”. Por acreditar que o modo de fazer arte também revela o conteúdo, Buoro salienta que o encaminhamento pedagógico deve ser amparado pela relação do repertório imaginário infantil e o repertório cultural do grupo ao qual ele pertence.

Ferraz e Fusari (1999) tiveram a preocupação em levantar os posicionamentos que devem ser assumidos no trabalho pedagógico do ensino de arte, a fim de que a arte seja significativa na vida dos alunos. Com isto, a importância da arte na escola se manifesta “[...] devido à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais da humanização”. (p.16). E ainda ressaltam que:

O fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 16).

Neste sentido, a arte deve ser compreendida como conteúdo escolar, e ser vista como elemento que reflete a totalidade, as circunstâncias sociais, o ritmo e a dinâmica da sociedade, e está vinculada a todos os fatores físicos, psíquicos e sociais que a produziram. O seu entendimento também deve ser fruto de um diálogo, de uma construção coletiva. Desta forma, para que a arte tenha significado na vida do aluno, é necessário que ele compreenda a relação indivíduo e sociedade como uma unidade indissolúvel para a formação do próprio conhecimento artístico.

Esta unidade, que é formada no movimento entre indivíduo e sociedade, é o diálogo que produz o objeto estético e possibilita consubstanciar em si a essência da arte como uma linguagem fundamental para a compreensão do homem. Nesta perspectiva, a arte propõe acrescentar à escola saberes que são gerados a partir da vivência estética desenvolvida pelos alunos ao longo de sua vida e que serão de suma importância no desenvolvimento de significados e sentidos.

Para otimizar a experiência com a arte não basta a livre interpretação artística na construção de uma obra plástica, rítmica ou sonora. Faz-se necessário destacar a finalidade da mesma para o entendimento do próprio homem. Neste aspecto, cabe destacar a sensibilização do aluno que ocorre através da demonstração dos sentimentos diante da arte. Esta demonstração potencializa a capacidade de o aluno exteriorizar o sentir, o pensar e o ser, apresentando por meio dos sentimentos, da forma como percebe o mundo. “Encontrando nas formas artísticas, simbolizações para os seus sentimentos, os indivíduos ampliam o seu conhecimento de si próprios através da descoberta dos padrões e da natureza e de seu sentir”. (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 66).

Sendo assim, o ensino de arte possibilita que sejam desenvolvidas relações visuais que despertem uma comunicação do aluno em relação ao mundo que vão além da observação imediata. Esta relação desperta o redimensionamento do olhar infantil, porque não limita o enfoque, mas provoca condições para compreender o conhecimento numa perspectiva artística a partir do reconhecimento das estruturas formais que compõem a arte.

As estruturas formais da arte são definidas pela cor, ritmo, tempo, linhas, textura, entre outras que devem ser analisadas pelo aluno de tal maneira que ele

possa perceber como esses elementos estão disponíveis também na realidade. Tal percepção possibilita ampliar a consciência visual, a organização espacial que é imprescindível para o desenvolvimento intelectual. Assim, ele poderá relacionar os elementos presentes na arte com a realidade. Ou seja, perceber a relação entre as cores dos objetos, as linhas do corpo humano, o barulho da cidade, o movimento dos animais e outras dinâmicas sociais que estão vinculadas às estruturas formais artísticas.

Com isto, a criança realiza uma leitura de mundo onde ela toma consciência de si e da realidade. Segundo Buoro (2003, p. 69), “as leituras de mundo ganham, a partir de então, a percepção consciente da existência de um ponto de vista”. Desta forma, a arte contribui na formação de um ponto de vista compreendido pela formação de diversos olhares sociais que abrangem o olhar do adulto e o olhar da criança. Ou seja, é na congruência de diferentes pontos de vista, que é revelado o olhar da arte.

Neste sentido pode-se considerar que a arte pode expressar as dimensões da vida que estão presentes nos elementos e nos diversos olhares que compõem a sociedade (OSTROWER, 1999). Pois, a dinâmica da vida humana é resultado das transformações que ampliam o olhar do ser em relação ao mundo, inserindo-o em uma universalidade de situações no tempo e espaço.

Portanto, a arte não é somente a representação do universo do adulto; ela representa a universalidade da sociedade que corresponde aos níveis sociais, econômicos e ao desenvolvimento do homem ao longo da história da humanidade. A arte congrega a dinâmica da vida humana através da simbolização compreendida pela criação de formas, ritmos e cores. Esta simbolização possibilita a internalização do conhecimento, o que permite a realização de um trabalho pedagógico que instrumentaliza a criança com os saberes pedagógicos através de um conteúdo artístico que cumpre a função social de representar a essência do homem para si mesmo.

Neste caso, é preciso articular os componentes que fundamentam a arte, como: história, produção e pensamento com as práticas educacionais que ocorrem na escola. Isto possibilita uma mobilização contínua da aprendizagem, como forma de o ensino estar aliado aos fenômenos artísticos e estéticos a fim de fortalecer as vivências emotivas e cognitivas dos estudantes. Pois, uma educação

que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos não contribuirá para uma formação emancipatória, porque não favorecerá a instrumentalização do pensamento. Conforme Libâneo, (1993, p. 54) “[...] não é suficiente dizer que os alunos precisam dominar os conhecimentos; é necessário dizer como fazê-lo, isto é, investigar objetivos e métodos seguros e eficazes para a assimilação dos conhecimentos”.

O ensino de arte na escola contribui para que o sentido da vida seja vivenciado na aprendizagem escolar. Este sentido é constituído pela existência do homem juntamente com os sentidos que são provocados nas relações com o meio. A arte como produto social é fundamentada de acordo com os estímulos que ocorrem entre o ser e o mundo. Portanto, permitir que a arte seja compreendida na escola contribui para que desperte nos alunos o significado da vida.

A educação da sensibilidade pela arte é uma forma de evitar que se agrave a visão unilateral do mundo que o homem contemporâneo passa a ter em virtude do impacto tecnológico; de restituir uma visão humanista globalizadora que compense o crescente prestígio da especialização em campo cada vez mais restrito, turvando a perfeita integração do homem consigo mesmo e com a sociedade. Pode, também, a arte constituir-se em instrumento de restauração de características humanas básicas, como a iniciativa, a autonomia e a individualidade. A integral formação da alma (LOUREIRO, 2002, p. 15).

A presença da arte na escola está fundamentada na vivência humana como forma de expressão e, para que isto ocorra, o envolvimento dos alunos é primordial e isto requer elucidação dos componentes que se articulam no processo artístico, como os artistas, a produção e os espaços destinados à arte. Para Fusari e Ferraz (2001, p. 21) é necessário “[...] repensar um trabalho escolar consistente, duradouro, no qual o aluno encontre um espaço para o seu desenvolvimento pessoal e social por meio de vivência e posse do conhecimento artístico e estético”.

Portanto, a educação através da arte é um caminho necessário para que no processo educacional estejam vinculados elementos de sensibilização para despertar os estudantes em direção a um novo olhar diante de suas práticas sociais, em prol da humanização e da socialização do saber.

5. ARTE: INSPIRAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

As variadas formas de comunicação verbal e não-verbal que a humanidade inventou elaboraram condições cinestésicas facilitadas pela recepção dos sentidos que integraram a percepção e movimentação do corpo. Essas condições permitiram que as apreensões sensoriais estimulassem a interação entre o ser e o mundo, direcionando a formação do pensamento humano, de forma que, na medida em que o homem interage com o mundo por meio das comunicações verbais e não-verbais, há o surgimento de novas relações sociais. Conforme salientado por Read (1958, p. 199), “a comunicação implica a intenção de afetar outras pessoas, e é por isso uma atividade social”. A comunicação permite ao homem se reconhecer como agente transmissor de mensagens, conhecimentos e informações. Por meio da criação de ritmos, formas e movimento, ele adquire a capacidade de perceber que a relevância da sua criação está fundamentada na maneira como os indivíduos se apropriam dela. Ou seja, é na atividade social que a mensagem é transmitida e, com isto, ela pode ser interpretada e se tornar fonte de inspiração nas próximas realizações e criações dos indivíduos.

Neste sentido, a arte pode ser designada como uma forma de comunicação formada a partir das ações individuais e coletivas; ela “[...] está profundamente envolvida no processo real de percepção, pensamento e ação corporal”. (READ, 1958, p. 27). Tais processos ocorrem em relação às mediações no tempo e no espaço em que os elementos reais estão disponíveis. A arte comunica porque é capaz de integrar o particular e o social, o geral e o específico, o público e o privado e, além disto, tornar-se um instrumento do pensamento social.

A comunicação que a arte estabelece com os homens tem o seu sentido na potencialidade educacional que é revelada. Ou seja, a arte liga os homens às imagens, aos desenhos e às formas humanas que representam a realidade passada, presente e até mesmo futura, pois demonstra a transformação humana ao longo do desenvolvimento histórico. Vigotski (2001, p. 45) afirma que “[...] o conteúdo dessa obra de arte é uma grandeza dependente e variável, uma função

do psiquismo humano do homem social, e modifica-se com esse psiquismo”. Na verdade, a arte é resultado da plasticidade das operações mentais que exprime o movimento que parte do real para atender o imaginário e, com isto, produzir formas de simbolização que representam uma extrema interdependência com a essência humana.

Por isto pode-se considerar que “[...] a arte é uma espécie de **sentimento social** [...]”. (VIGOTSKI, 2001, p. 308, grifo do autor). Desta maneira, a produção artística é uma estruturação formada pelos procedimentos que estão sustentados mutuamente nos sentidos físicos e psíquicos.

A arte tem o belo como força motriz que envolve a perfeição, a forma e o conteúdo, por isto ele também pode ser denominado como uma estruturação da arte. “A arte busca a perfeição a partir de condições materiais que lhe servem de base”. (LOUREIRO, 2002, p. 14). Com isto, o belo que está presente na arte não é somente visto como padrão de beleza e perfeição, mas também como ordem, equilíbrio, harmonia e organização que não deve estar somente na arte como elemento de contemplação, mas também estar presente na organização da sociedade.

Quando o indivíduo valoriza o belo como equilíbrio da vida, ele desperta a consciência acerca da beleza como elemento que deve estar presente em todas as manifestações sociais, relacionamentos e atitudes. Assim, ele almejará procurar formas de tornar o seu meio mais belo através do trabalho conjunto para a concretização de objetivos que atendam o desenvolvimento social. Isto possibilita que a arte seja um mecanismo de aprendizagem, para que o indivíduo aproxime-se do seu semelhante, reflita sobre suas atitudes, tenha ações profícuas e úteis para a sociedade.

[...] o belo não reside nem nos objetos nem na consciência dos sujeitos, mas nasce do encontro dos dois. A beleza se coloca **entre** o homem e o mundo, **entre** a consciência e o objeto. A beleza habita a **relação** (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 57, grifo do autor).

Portanto, a arte na escola é uma possibilidade de vivenciar a beleza da vida humana pelas situações de equilíbrio e desequilíbrio. Tais situações promovem o pensamento acerca da presença ou da ausência da beleza nas

relações entre os elementos sociais, culturais e políticos que integram o indivíduo às suas ações no mundo.

O incremento do desenvolvimento da capacidade dos alunos produzirem arte é uma necessidade vinculada ao amadurecimento das funções psíquicas superiores. O amadurecimento destas funções é decorrente dos estímulos externos em associação com os mecanismos cognitivos que a criança possui. Assim, as aptidões e habilidades artísticas devem ser desenvolvidas em conformidade com a estimulação da inteligência, da criatividade e do raciocínio.

Para Leontiev (1978), a condição para se compreender as forças motoras do desenvolvimento do psiquismo infantil é notar o lugar que a criança ocupa no sistema de relações sociais. O que determina o desenvolvimento do psiquismo humano na criança é a sua necessidade particular e a mediação com objetos e pessoas. Isso significa que a atividade educacional que está presente ao longo de sua vida está vinculada aos processos psíquicos fundamentados na formação de sua personalidade e na apropriação do meio.

De acordo com Leontiev (1978, p.320, grifo do autor), “a apropriação é um processo que tem por resultado a **reprodução** pelo indivíduo de caracteres, faculdades e modos de comportamento humanos formados historicamente”. Logo, a apropriação da realidade pela arte consiste em possibilitar que os alunos estejam conectados com os sentidos da vida pelas ações e operações mentais que fortificam o processo da humanização do indivíduo. De acordo com Peixoto (2005, p. 164, grifo da autora) “[...] a **arte** exerce significativa função no processo de humanização do homem, por desencadear um processo de reflexão profundamente educativo, que só pode resultar em crescimento humano”.

Isto significa que este ensino não é neutro, pois implica na transmissão de valores subversivos ao mundo atual. Por este motivo, a arte comunica nas formas estéticas expressões que indicam uma possibilidade de entendimento, enfrentamento ou até mesmo encantamento com a realidade.

A arte na educação proporciona reconhecer que a formação humana é inseparável das condições sócio-ambientais em que o homem se encontra, porque é por meio dos processos formativos desempenhados a partir da mediação com o meio externo que o homem desenvolve a sua formação psíquica. Segundo Read (1958), a educação pela arte deve atender diretamente às

necessidades e condições atuais dos indivíduos, porque somente desta forma a arte possibilitará ajustar os sentidos dos indivíduos com o mundo. Sendo assim, a arte torna-se um canal pelo qual o indivíduo pontua as suas condições de vida, a sua sobrevivência e a sua posição social por meio da exteriorização e reflexão dos seus sentimentos.

O ensino de arte na escola não se reduz a uma experiência com ênfase somente na valorização do objeto de arte, mas principalmente no reconhecimento social deste objeto para o desenvolvimento da humanidade, propiciando condições de revelar o conhecimento a partir da inspiração humana. Possibilitar o acesso da arte na vida dos alunos intensifica a qualidade da formação educacional, pois amplia as oportunidades de o homem apreender a realidade.

Conforme Lanier (2005), intensificar a qualidade da arte na educação é direcionar a arte a serviço da responsabilidade social, progredir e ampliar o domínio dos procedimentos estético-visuais e incluir o artesanato, a arte-popular, a mídia e a televisão. Desta maneira, o ensino de arte não deve ser reduzido à transmissão de conteúdos, mas uma possibilidade permanente de as experiências artísticas direcionarem o aluno à sensibilização como processo que permite o reconhecimento de si e dos outros de acordo com o desenvolvimento das habilidades, aptidões e valores que constituem a essência humana.

A criança é um sujeito que possui muitas inquietações individuais; possui uma capacidade pluridimensional de estar em contato com os veículos de comunicação e se apropriar das idéias difundidas por ele; emite opiniões; relaciona fatos e com estas ações inicia a sua formação cultural. Para tanto, é necessário que ela se reconheça como sujeito de cultura e compreenda que a expressão social está presente na arte, assim como a arte está inserida em muitos espaços dos quais ela faz parte.

Durante sua vida escolar, o aluno se defronta com inúmeras situações relacionadas à produção de desenhos, pintura, colagem, dramatização e música. Todas estas atividades contribuem especificamente para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à coordenação motora fina, global e organização espacial, o que revela a possibilidade permanente de situações em que a criança possa ampliar o seu âmbito educacional, por meio da utilização de recursos áudio-visuais e tátil. Tais recursos estão associados ao aperfeiçoamento cultural

da humanidade como parte integrante do universo artístico e contribuem para legitimar a importância dos instrumentos sociais no processo de ensino e aprendizagem.

A formação do pensamento humano está relacionada às mediações com o meio, dentre elas o estabelecimento de relações com o universo da arte. Vigotski (1998) considera que a mediação que ocorre na escola propiciada pela mediação simbólica, onde os instrumentos físicos e simbólicos levam o aluno à compreensão dos conceitos abstratos, é resultado do encaminhamento pedagógico que norteia o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, estes elementos, como os recursos áudio-visuais, orientam as ações e dirigem a formação do pensamento. Portanto, por meio da mediação simbólica são propiciadas condições para que a criança possa reconhecer na obra de arte elementos que fazem parte do seu universo.

O sentimento que estes instrumentos provocam na criança direciona a um processo de compartilhamento na sensibilização infantil. Cabe mencionar que o olhar, o sentir, o tocar e o criar são meios de provocar maior familiarização no contato com a arte. “O movimento do olho sobre a obra leva à descoberta espacial e das relações formais em elementos que a criança destaca e reorganiza segundo um critério próprio e individual”. (BUORO, 2003, p. 42).

A partir das atividades que envolvem a apreciação do trabalho sonoro, tátil e visual, o aluno desenvolve uma conscientização a respeito do seu corpo e do seu espaço, o que permite que ele tenha uma nova postura em relação ao significado que os fenômenos e as coisas possuem no mundo, ou seja, através das atividades artísticas são agregados valores ligados à realidade que permitem ao aluno associar os procedimentos artísticos com o contexto histórico-social. Isto significa bem mais do que operacionalizar métodos e técnica artísticas, e sim aprender a ler, escrever e trabalhar em coletividade, consolidando uma oportunidade de a criança usar seus sentimentos, emoções e imaginação.

Neste sentido, o compromisso que a arte adquire na formação integral da criança está respaldado no fortalecimento da auto-estima infantil, como condição para que ela possa ter mais segurança e inspiração nas suas experiências no mundo. A partir do momento em que a criança intervém na criação e produção de peças de teatro, musicais, exposição de arte e de dança

ela tem a oportunidade de se envolver com todos os passos que objetivam a divulgação das apresentações. E desta maneira se integra no conhecimento artístico como uma maneira de transportar a sua individualidade ao meio que o circunda, revelando a sua identidade e a forma como vê a arte no mundo.

Neste aspecto, incluir a arte no ambiente educacional é provocar uma experiência cinestésica com o cinema, a televisão, os jornais, as revistas, a internet, livros e todos os veículos da mídia na contemporaneidade. A utilização de tais veículos proporciona um enriquecimento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem porque potencializa o domínio que a criança estabelece com os mesmos. Os veículos ampliam a experiência visual e a auditiva, pois abordam a diversidade do meio ambiente informando os fenômenos e os elementos que o compõem. Desta maneira, eles se tornam um aliado para o entendimento da arte e vice-versa, porque ambos agrupam elementos que traduzem a realidade social assinalando claramente a contribuição substancial na manifestação artística.

A manifestação artística possibilita que o aluno assuma a sua individualidade, pois as ações que proporcionam a construção de símbolos expressam uma necessidade interior de comunicação do pensamento. Esta comunicação exprime o que existe em seu íntimo e revela o que se torna essencial para a experiência humana: a necessidade de criação.

Portanto, o trabalho criativo que é realizado no ensino de arte contribui no desenvolvimento do psiquismo infantil, pois o indivíduo utiliza e aperfeiçoa a sua consciência corporal em relação ao tempo, espaço e grupo social. As atividades artísticas como atividades educacionais conduzem a um processo em que o aluno educa a sua própria emoção, organiza e revela seu pensamento nas suas produções.

O poder dinâmico da arte na escola fornece estímulos para o advento de um pensamento elevado, que possa transcender a realidade. Assim, “a arte na sua melhor essência é um lembrete perpétuo da possibilidade de transcender o comum. O conhecimento da arte não deve ser menos do que isso”. (SMITH, 2005, p. 110). Este pensamento reconhece a função social da arte como a valorização do homem e das espécies que habitam o universo formando uma unidade da diversidade que dependem entre si.

Este pensamento elevado é decorrente do processo de sensibilização, em que o aluno descobre a essência da vida através da arte. Assim, são provocadas reflexões e reconstruções de valores no que diz respeito ao relacionamento do homem com a natureza como uma forma de perpetuar o sentimento em prol do bem estar social.

O ensino de arte favorece que as necessidades e os interesses infantis sejam enriquecidos com as mediações que ocorrem pelos conteúdos artísticos, como a musicalização, dramatização, artes plásticas e dança. Estes conteúdos direcionam as potencialidades criativas voltadas para as conquistas, encorajamento e valorização da auto-estima.

Neste sentido, fornecer atividades que integram o universo infantil com a essência da criança permitirá que ela se aproxime da arte e fortaleça o vínculo que já possui com o lúdico. Esta aproximação tem um significado educacional, pois é constituído de uma linguagem que contempla a imagem, o som e os gestos corporais, o que permite uma ampla contribuição ao desenvolvimento humano, pois as capacidades intelectuais são estimuladas em virtude de experiências que trazem à tona a razão e a emoção. Neste sentido, o compromisso da arte é sofisticar as habilidades que o educando já possui em relação à criação e produção em prol da atenção dirigida ao universo artístico.

A arte na escola é um complexo universo de sentimentos e emoções que reside em potencializar a reelaboração da forma como o aluno vê o mundo. Assim, ela contribui como instrumento do pensamento nos gestos de criação. Isto consiste na influência do aluno sobre os objetos e os fenômenos sociais que o rodeiam. O pensamento que a criança já possui associado com as influências do conhecimento artístico permite compreender claramente que as representações figurativas emanam da associação entre o real e o imaginário.

A influência que o ensino de arte promove na associação entre o real e o imaginário potencializa a sensibilização dos sentidos, pois é uma vivência cinestésica que permite a unidade entre razão e emoção, colocando o aluno junto a uma fonte inesgotável de prazeres. Nesta interação, é aprofundada a dimensão cognitiva e sensível do pensamento e da linguagem, promovendo a formação intelectual do aluno.

Esta formação intelectual contribui na leitura de mundo que é realizada por meio da arte e provoca condições de o aluno compreender a cultura elaborada desde a sociedade primitiva até a contemporânea. Isto possibilita ao aluno a pensar, dizer e fazer arte a fim de desenvolver as primeiras aproximações para o entendimento do mundo. Logo, essa leitura de mundo permite revelar a realidade como um conceito que possui denotações diferentes, e que o seu sentido pode ser expresso pela arte. Portanto, arte é entendida como o palco que contempla as indagações e os prazeres humanos, onde os seus holofotes estão voltados para a prática material da vida dos homens.

5.1. A arte na sensibilização dos sentidos

O ensino de arte é uma possibilidade permanente de o espaço escolar agregar a emoção humana e o conhecimento artístico e tornar-se instrumento de mediação social a fim de colaborar com o potencial educativo do processo de ensino-aprendizagem. Com isto, a sensibilização dos sentidos do educando possibilita elevar seu pensamento ao alto grau de percepção e abstração e tornar-se um processo conveniente para o desenvolvimento do pensamento infantil. “A experiência da sensibilidade diante do artístico torna-se ao mesmo tempo, o compartilhamento de um vínculo e de uma libertação”. (LOUREIRO, 2002, p. 11). Por esse motivo, o trabalho educativo da arte na escola tem fundamental importância no desenvolvimento da liberdade humana, como condição para apropriação e intervenção do meio de forma socialmente útil.

De acordo com Menezes (2006), a arte na educação do sensível é realizada por intermédio da conexão entre a emoção e o intelecto, o que permite a unidade entre o ser e a arte. Neste sentido, a arte assume uma intermediação na educação dos sentidos, revelando a sua função educativa e transformadora:

O reconhecimento do papel transformador da arte passa pela valorização do saber sensível, que consegue agregar as dimensões do sujeito; expressar valores e idéias; descobrir o eu criativo que existe em cada um; dar formas e expressão aos nossos sentimentos e pensamentos, atitude dialógica intercultural entre indivíduos e grupos díspares, e a condição de ator/autor do sujeito;

enfim consegue interpretar e/ ou inventar a vida (MENEZES, 2006, p. 187).

Portanto, para que o papel transformador da arte se concretize na escola, as condições oferecidas pelo ensino de arte devem contribuir para que o aluno tenha uma intervenção física e psíquica em relação à arte e não somente contemplativa. A intervenção física e psíquica requer que o aluno seja o sujeito do processo criativo e não somente o receptor do conteúdo artístico. Ou seja, a apropriação do conhecimento artístico deve permitir a participação do aluno na manifestação artística e promover um diálogo com a arte pela sua expressão livre ou espontânea.

A expressão livre ou espontânea é a exteriorização sem constrangimento das atividades mentais de pensamento, sentimento, sensação e intuição. Onde, contudo, por qualquer razão, estas atividades mentais não conseguem realizar expressão imediata e se produz um estado de tensão, a tensão pode subitamente e talvez acidentalmente ser libertada, e então a expressão toma um caráter de inspiração (READ, 1958, p. 139-140).

A arte como um instrumento na educação humana potencializa as esferas cognitivas do indivíduo, direcionando-o a maior entendimento acerca de seus sentimentos. O reforço do sentir como elemento que forma o sentimento é relevante na formação do pensamento humano, como condição para a ação e reflexão, pois, “[...] sendo a arte a concretização dos sentimentos em formas expressivas, ela se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não passíveis de simbolização conceitual”. (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 65).

Então, a arte não deve ser reduzida somente como um atributo da inspiração humana que serve como objeto de apreciação situado em galerias, museus e teatros ou privilégio das classes sociais favorecidas. Com isto, o seu valor deve ser socializado e incorporado no pensamento humano a fim de promover um despertar dos sentidos para que o homem possa se reconhecer na arte. Este reconhecimento é permeado por meio do ensino de arte que instrumentaliza a criança com a sensibilização ao meio ambiente e provoca um desenvolvimento global do indivíduo na formação da sua personalidade. Conforme Porcher (1973, p. 29) “a sensibilização ao meio ambiente pressupõe

um desvio do caminho habitual; é preciso perceber o mundo como uma paisagem como uma soma de estímulos, não como uma série de utensílios”.

Em decorrência do processo de sensibilização dos sentidos através da arte, ocorre a adoção de imagens, músicas e danças que devem estar inseridas numa abordagem de questões do universo do aluno, a fim de que possa ser vivenciada a individualidade infantil numa perspectiva social e reunir a diversidade cultural que está inserida no indivíduo. Ou seja, a sensibilização permite demonstrar a sintonia existente entre o particular e o geral, identificando que as relações existentes no nível social designam a formação individual e que o processo inverso também ocorre. Portanto, com a sensibilização dos sentidos o homem estabelece relações com o meio que possibilita verificar que a vida humana é revelada na dinâmica entre o ser e o mundo.

A metodologia educativa do ensino de arte proposta por Ferraz e Fusari (1999) enfoca que o fazer e apreciar a arte são proporcionados em atividades que permitem ao aluno estar em contato com a natureza e com as manifestações culturais, através da estimulação dos sentidos como: ver, olhar, tocar, sentir, trabalhando com formas visuais, sonoras, verbais, cênicas de forma individual e coletiva, considerando o nível de entendimento estético e artístico dos alunos.

Isto evidencia que o desenvolvimento do pensamento artístico promove no indivíduo um despertar dos sentidos, a fim de que o aluno, ao compreender a obra de arte, seja capaz de se reconhecer na paisagem que o circunda. E assim, tornar-se mais consciente de sua atuação na realidade. Isto não quer dizer que o ensino da arte é único procedimento para o desenvolvimento da sensibilização humana, como forma de apropriação do conhecimento. Mas, não há dúvida, de que a vivência da arte na escola representa um atributo favorável para a formação do indivíduo, levando-o a reconhecer as definições do universo da arte como uma expressão do coletivo, que tem sua origem na capacidade de percepção e sensibilização humana e promove estabelecimento de relações entre os vínculos sociais, políticos e culturais.

Porcher (1973) considera que o ensino de arte é fundamental para a formação de uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, à criação de aptidões que direcionam o desenvolvimento global da personalidade e à formação da alfabetização estética. Porcher ressalta que o fundamental no

ensino de arte é a sensibilização ao meio ambiente, isto é, proporcionar condições de o aluno se apropriar dos elementos artísticos a fim de entender a totalidade dos valores sensíveis presentes neste meio, como os estímulos sensoriais, os objetos naturais e artificiais, através dos quais o espaço é preenchido. Segundo o autor, relacionar a arte ao meio ambiente é considerar que a beleza da materialização artística por meio da criação está diretamente relacionada com a forma como o homem intervém no meio. Ou seja, trata-se, na verdade, de proporcionar condições de entender que a modificação do espaço pode ser nocivo à humanidade e de que nada adiantará a sensibilização da arte se o homem não despertar a conscientização acerca da sua postura social.

O que importa no ensino da arte é proporcionar à criança o direito à liberdade de expressão, à palavra e à ação que não se reduzem a um mero diálogo espontâneo ou atividades lúdicas, mas fornecer oportunidades contextualizadoras de significados e provocadoras de sentidos. Sob esta condição, a oportunidade artística permite à criança relacionar o seu mundo com o mundo exterior promovendo uma comunicabilidade que vincula o particular com o geral, numa situação que promove a demonstração dos valores infantis agregados aos valores universais. Neste caso, a arte no contexto educacional torna-se um instrumento de regulação, de controle social e de produção de conceitos, pois com ela são inculcados valores que norteiam a formação do pensamento humano.

Deste modo, a formação do pensamento humano também está vinculada ao somatório das impressões humanas provocadas pelas expressões artísticas. Portanto, a arte é conhecimento e precisa ser sentida em todos os níveis emocionais do ser humano: dor, amor, tristeza, paixão, belo e feio. Ela precisa ser experimentada com o rigor da sensibilidade estética, para que a iniciação à compreensão artística fique assegurada no processo educacional e processada ao trabalho pedagógico como um instrumento de criação de sentidos na vida do aluno.

Estes sentidos dizem respeito às relações entre as funções psíquicas superiores e os elementos que estão dispostos no meio. À medida que os elementos são captados pelo psíquico do indivíduo, são formados valores e sentidos que dão origem às formas de simbolização. Além disso, a dialeticidade

formada pelo físico e o psíquico está em sintonia para o entendimento da arte, ou seja, a apreensão do físico é realizada através das funções psíquicas e tais funções dependem dos elementos físicos para internalizar o conhecimento. Nesta relação, os sentidos são receptores para a apreensão do real pela arte.

Com isto, a apropriação do conhecimento artístico é realizada por meio da expressão da sensibilidade humana que internaliza os elementos físicos como procedimentos para a inspiração.

No plano pedagógico, Porcher (1973) considera que é necessário que a expressão corporal, a expressão poética, a expressão vocal e instrumental, a expressão coreográfica entre outras, estejam vinculadas nas diversas atividades, para que o aluno possa estabelecer relações entre as atividades de expressão e as de sensibilização. Deste modo, o sentido que é atribuído à arte está vinculado à maneira como o indivíduo age, percebe e dialoga com o universo, integrando todos os níveis de compreensão humana por meio dos órgãos dos sentidos.

Com isto, a função da arte na escola está vinculada a fornecer instrumentos artísticos que promovam o desenvolvimento da expressão humana, o que legitima a formação da personalidade e da sensibilidade. Conforme apresentado por Porcher (1973), o ensino de arte é uma forma de proporcionar um prazer estético no contato com um objeto, com uma forma ou uma emoção que desenvolve aptidões emocionais e artísticas que propiciam a formação do homem.

A emergente necessidade que a criança possui de ir ao encontro do desconhecido, de descobrir novos lugares e sensações, de sentir medo, alegria, prazer, de ser curiosa é um comportamento que resulta da arbitrariedade individual que cada uma possui em saber os seus limites e as suas vontades. Esta necessidade do universo infantil pode ser despertada e intensificada com o ensino da arte, porque ele permite o enobrecimento do senso crítico da criança através da emissão de significados artísticos, que correspondem aos princípios sociais com os quais a criança já tem contato, como a organização social, a vida em coletividade, o trabalho, a educação, a cultura e a infância.

5.2. Arte no espaço escolar: imaginação e criação

A experiência compreendida no âmbito escolar é provocadora de um conteúdo que favorece a construção de uma linguagem que se mostra convincente de um universo infantil permeado pela cultura, história e sociedade. Esta experiência motivada pela arte é ainda mais instigante no processo de sensibilização dos sentidos na construção do conhecimento, pois a arte é composta pela beleza de representar a vida pelas palavras, imagens, movimentos e sons.

O ensino da arte abrange oportunidades de o aluno vivenciar a fantasia e a realidade na construção do conhecimento e, assim, favorecer a capacidade imaginativa como sentido de novas combinações entre as experiências anteriores e as experiências que estão sendo realizadas na criação de algo novo.

A vinculação entre a realidade e experiência é afirmada por Vigotsky (2003) como uma dependência recíproca, em que a experiência depende da fantasia e a fantasia se apóia na experiência. Isto possibilita compreender que os sentidos que são despertados nas experiências artísticas são fundamentais para que seja sucedida a imaginação. Esta influência do fator emocional na realização das atividades determina a vinculação entre imaginação e emoção. E ainda, o autor salienta que esta vinculação é recíproca e designa as formas de criação humana.

De acordo com Vigotsky (2003), toda atividade criadora humana está intimamente vinculada com os sentimentos que se manifestam no homem através da memória. Nesta atividade, o homem possui uma capacidade plástica de modificar e adaptar-se ao meio e criar algo novo. Por estas ações, as atividades humanas não são todas reprodutivas, porque a imaginação permite ao homem criar novas situações e representações. Vigotsky considera que, quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe a imaginação.

Para Vigotsky (2003), a criação é uma necessidade humana que atende o imaginário e o real em conformidade com as crises geradas pelo meio, através de adaptações que impulsionam novas mudanças. Por isto, as experiências acumuladas promovem mais fantasia e criatividade na realização das atividades.

Neste sentido, a escola deve oportunizar situações que ampliem a função imaginativa do aluno para que desenvolva a sua criatividade. “A atividade da imaginação é uma descarga de emoções, como sentimentos que se resolvem em movimentos expressivos”. (VIGOTSKI, 2001, p. 56).

As representações figurativas que são designadas pela criação artística por meio de desenhos é uma operação que envolve relações dos objetos no espaço, e por isto torna-se uma capacidade de abstração e generalização. Com isto, o desenho se torna uma função significativa na aprendizagem. No entanto, de acordo com Read (1958, p. 71):

A nossa educação livresca e palavrosa tem tendência para reprimir este valioso dom da natureza. Uma faculdade que é importante em todas as ocupações técnicas e artísticas, que dá justeza às nossas percepções e justeza às nossas generalizações, morre por falta de uso, em vez de ser cultivada judiciosamente de modo a no conjunto dar o melhor proveito.

Esta tendência de eliminar o desenho reside na sistemática desvalorização do sensível e da criação como processo reflexivo. Contudo, o desenvolvimento pleno do indivíduo deve estar respaldado também na criação e na libertação da fantasia humana por meio do simbolismo que é verificado pelo desenho.

Na arte está a lógica da imaginação criadora com a realidade do meio circundante. As representações figurativas constituem uma composição complexa vivida pelo aluno, pois permite que no processo criador ele agrupe elementos da realidade e do imaginário e represente-os sob a forma pictórica.

Esta manifestação é uma associação dos processos imaginativos com os elementos reais. “O trânsito entre o imaginário e o real não desconsidera os fatores psicológicos. A necessidade de adaptação ao meio ambiente gera estados de desequilíbrio, que provocam vontades e impulsionam a fantasia e a criação”. (BUORO, 2003, p. 81). Esta associação possibilita que os processos psicológicos que foram internalizados no pensamento do aluno sejam exteriorizados sob a forma de produtos da criação humana.

Peixoto (2005) considera que a arte é um produto humano completo e complexo resultante das capacidades mais refinadas do homem, porque desempenha uma compreensão e abstração do mundo, cria e projeta a criação

num trabalho dinâmico que determina a maneira com ele é, pensa e cria. Os produtos da criação humana são resultados dos processos psicológicos definidos pela função imaginativa.

Vigotsky, (2003, p. 36)² considera que “ [...] a função imaginativa depende da experiência, das necessidades e dos interesses que se manifestam”. Portanto, pode-se considerar que a criação artística não é uma função exclusivamente interna do pensamento, porque depende fundamentalmente das condições exteriores mediatizadas pelo indivíduo. O produto da criação artística é na realidade uma obra criadora que não se encerra na forma e no conteúdo, pois ela é provocadora de sentidos que são determinados pelas circunstâncias sociais. Este produto é resultado da fantasia e da onipotência da genialidade humana e tem uma enorme colaboração no imaginário social.

A criação artística desempenha um papel significativo no desenvolvimento da formação cultural do aluno, pois oferece condições dele exercitar a sua expressão pessoal através da linguagem corporal, que enaltece os sentimentos e a sua personalidade. Neste sentido, a criação artística está intimamente ligada às vivências pessoais e à forma como cada um reage diante das situações de conflito e prazer. Por isto, é uma ação que envolve as impressões internas do aluno com as impressões do meio exterior e, neste envolvimento entre o ser e o mundo, a criança exercita o seu domínio sobre a realidade e ficção. Isto quer dizer que a criação artística é um espaço que permite à criança interferir na realidade através da materialização do seu pensamento.

De todas as formas como as crianças mantêm relações com o meio através de objetos e instrumentos, é pela imaginação que as ações desempenhadas exercem uma forte decisão nas atividades. Vigotsky (2003) afirma que as crianças podem imaginar menos coisas que os adultos, mas crêem mais nos frutos de sua fantasia e a controlam menos, pois é através da imaginação que a criança cria formas de relacionar-se com o universo pela extensão dos valores pessoais, dos sentimentos e da construção de formas. Esta vinculação da imaginação com a realidade possibilita impulsionar uma imagem criadora e transformadora. Neste sentido, a imaginação e a criação estão

² [...] la función imaginativa depende de la experiencia, de las necesidades y los intereses en los que aquélla se manifiesta.

associadas à conduta humana. É por isso que a arte representa um processo criativo e imaginativo.

Portanto, aproximar a arte ao universo infantil é uma grande oportunidade para a formação de pessoas mais sensíveis com o sentido da vida e mais preocupadas com o bem estar social, promovendo um verdadeiro conhecimento do ser no mundo. Ou seja, à medida que a criança compreende que é pela poesia, pintura, música e teatro que o ser humano revela a sua onipresença, a arte não se torna somente um meio de expressão, mas um recurso educacional na compreensão de si mesmo. Isto contribui na transformação do olhar do aluno, pois o estimula a encontrar na arte o prazer de transformar e criar a matéria para partilhar a sua emoção como forma de socializar o pensamento. Portanto,

A produção artística não deve ser apenas uma manipulação mecânica de materiais e apreensão de técnicas, mas estar estreitamente vinculada a uma consciência cultural e histórica, onde a expressão se manifesta com propriedade. A história da arte e da cultura deve ser viva e ágil, onde o importante não é um estudo cronológico, mas uma perspectiva inter-relacionada com as produções artísticas, com os conceitos estéticos das diferentes épocas e com o próprio meio social em que determinada expressão artística se dá (OSINSKI, 2002, p. 110).

Desta maneira, ensinar a arte na escola é uma oportunidade de fornecer subsídios para que o educando possa dirigir a sua vida social em prol da socialização do saber científico pelo processo criativo.

Embora nem todos os alunos possam possuir uma habilidade artística, o processo criativo é uma condição que diz respeito à própria formação do ser humano, desde a sua infância até a fase adulta. A criação representa fatos e ações que provocam no indivíduo a liberdade de representar a realidade além da aparência, além do imediato. Isto demonstra que o ato artístico está presente na vida dos seres humanos como uma condição obrigatória para a sua socialização e desenvolvimento. Portanto, por meio do ato artístico a criança demonstra operações mentais como uma força que incendeia os sentimentos, de forma a assegurar que o ato artístico seja uma ação social em que está presente a essência humana. Vigotski (2001, p. 325) considera que:

É provável que os futuros estudos mostrem que o ato artístico não é um ato místico celestial da nossa alma, mas um ato tão real quanto todos os outros movimentos do nosso ser, só que, por sua complexidade, superior a todos os demais.

Portanto, tornar o ato artístico uma ação no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar contribui para que o conteúdo artístico internalizado não fique somente retido no plano mental, pois é pelo processo de criação que ele se torna um instrumento no plano material evidenciando o potencial educativo da arte.

5. CONCLUSÃO

A educação é um instrumento que promove a incorporação das exigências da contemporaneidade a fim de produzir indivíduos que possam adaptar-se na sociedade industrial, marcada pelos avanços da comunicação e da tecnologia. Desta maneira, diante das relações entre educação e organização econômica, constatou-se que o ensino da arte na escola está agregado aos valores próprios do trabalho, e que por este motivo, o conceito de arte está fragmentado do valor histórico que ela possui. Por isto, na relação existente entre a arte e escola se faz necessário ampliar as ações educacionais que contribuem para a fortificação da arte como conhecimento escolar, porque atualmente prioriza-se a tecnologia como meio de sensibilização, mas esta ação não pode impedir que a arte também atue no processo de formação do homem.

A fundamentação do sistema de ensino, em grande parte, é norteadada por diretrizes econômicas que possuem a supremacia diante da educação. A participação destas diretrizes na escola não deve impedir que a dimensão artística atue e contribua para a democratização do saber.

A educação, como condição indispensável para a formação do cidadão, é a garantia que o indivíduo possui para se integrar à sociedade através da apropriação de valores e do conhecimento. Desta forma, o acesso à educação deve integrar a arte como elemento socializador e sensibilizador na formação do pensamento humano.

A educação escolar pode assumir práticas educativas que colaborem com a organização do pensamento do aluno, fornecendo subsídios para a reflexão acerca da sociedade. De acordo com a LDB 9394/96, o ensino de arte assume uma significativa importância na grade curricular da educação escolar que corresponde à educação infantil, ao ensino fundamental e ao médio. Diante da responsabilidade que a arte adquire como componente curricular obrigatório deve ser levada em consideração a sua adequada implementação no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a arte na educação, é um instrumento de mediação social no processo educacional e torna-se um alicerce teórico e filosófico capaz de atingir o

cerne do pensamento humano. Para isto, o competente trabalho pedagógico deve ser capaz de entrelaçar as vivências infantis com o conhecimento científico, proporcionando uma construção de práticas e teorias que contribua para a compreensão da cotidianidade.

A fim de compreender a totalidade do objeto de estudo, a presente investigação teve a preocupação de nortear este estudo explicitando as questões sociais, políticas, educacionais, psíquicas e artísticas que produziram a arte. Isto porque o referencial teórico adotado - o materialismo-histórico- considera que o conhecimento só é científico quando na investigação são alcançadas a totalidade e a contradição. A totalidade e a contradição foram compreendidas a partir das determinações na criação da arte desde a sua origem até os dias atuais.

Estas determinações foram explicitadas na contextualização histórico-social que permitiu verificar a contribuição da arte na formação do pensamento no ambiente escolar. Desta forma o texto buscou investigar a importância da arte na escola como instrumento reflexivo e sensibilizador do pensamento humano. Para isto, foi preciso compreender a relação entre a origem da arte e o desenvolvimento humano, a fim de esclarecer historicamente que a arte primitiva contribuiu significativamente com a expressão social, pois demonstrou a exteriorização do pensamento humano através da criação de formas, ritmos e movimentos.

Posteriormente, foi explicitada a razão histórica da arte a fim de entender como as relações sociais de trabalho, as concepções de sociedade e mercadoria contribuíram na constituição da arte como produto social e como este produto inserido atualmente no mundo do trabalho possibilitou apreender a realidade pelas formas artísticas que representam o dinamismo social.

Foi verificado que a arte resultou do trabalho do pensamento a partir da apropriação e sensibilização do homem diante da realidade. As aptidões artísticas manifestadas por ele permitiram que a arte se tornasse uma linguagem que transmitisse o conhecimento e contribuísse no desenvolvimento psíquico humano. Na arte, o corpo é instrumento do pensamento, é através do corpo que os estímulos externos são captados e são também exteriorizados. Por este motivo, o corpo é estimulado pelo que vemos, sentimos e ouvimos. Conforme é explicitado por Marx (1985b), os nossos sentidos são educados de acordo com o que está no

meio circundante. Assim, eles foram educados a ouvir a música, a olhar a beleza e a se movimentar conforme a dança, ou seja, de acordo com os estímulos mediatizados. Neste sentido, o corpo representa um instrumento da forma como o homem percebe o mundo. Por isto, a manifestação artística é a expressão do pensamento internalizado.

Por fim, foi enfocada a arte como uma forma de conhecimento que deve estar presente no processo da formação educacional, pois, para que o homem compreenda e atue na sociedade deve ter consciência acerca dos fenômenos, dos instrumentos e signos sociais que estão inseridos, pois a dimensão artística abrange os aspectos do trabalho, da sociedade e da mercadoria sob a forma pictórica, rítmica ou sonora. Ou seja, nela estão incorporadas as relações sociais, por isto é uma representação do conteúdo e da forma da vida humana.

Conforme a explicitação acerca do percurso da origem da arte até os dias atuais, a presente investigação teve a preocupação em demonstrar que a arte contribui na formação do pensamento do homem, porque ela potencializa a humanização por meio da sensibilização dos sentidos em prol da emancipação humana. Para isto, foi verificado que a arte está conectada com a educação do sensível e do racional, porque ela está em sintonia com os mecanismos de recepção do corpo humano como ver, sentir, tocar e expressar.

Em vista disto, a pesquisa procurou demonstrar que a educação pela arte, fundamentada na socialização do saber pedagógico, na sensibilização dos sentidos humanos e na integração social, em que não haja fragmentação do conhecimento contribui para a elevação do pensamento, identificando assim, a função social do conteúdo na vida dos indivíduos e interconectando a racionalidade e a emoção como capacidades responsáveis pelos processos criativos.

A contribuição da arte como processo criativo e reflexivo no ambiente educacional promove o desenvolvimento de capacidades intelectuais que se constituem como um pensamento relevante no processo de compreensão social. Por meio das linhas, das cores e das formas é possível evocar um sentimento que tem o compromisso com a vida do homem. Um sentimento contextualizado e instigante que objetiva dimensionar a complexidade do mundo.

O objetivo da arte na escola atende à viabilizar as experiências sentimentais, intelectuais, éticas e morais. Por este motivo, a arte permite não somente traduzir o mundo, como também instalar uma reflexão acerca deste mundo.

Em vista disso, o ensino da arte está amparado pela compreensão do processo histórico da humanidade, pois ela assume formas de simbolização da vida humana. Ela é um conteúdo que atende as necessidades escolares e possibilita a expansão dos processos cognitivos e dos saberes. As atividades desempenhadas são dedicadas ao envolvimento da sensibilização dos sentidos, através dos exercícios gráficos, pictóricos, rítmicos e sonoros.

Diante disto, a arte é definida como resultado das múltiplas relações sociais que definem o sistema de organização social, portanto, a arte deve ser decodificada em seus aspectos históricos, sociais e culturais que possibilitaram a sua produção. Esta decodificação deve ser vivenciada na escola para que a formação dos processos psicológicos superiores dos estudantes se apropriem dos elementos artísticos como forma de conhecimento.

Portanto, compreender a arte numa perspectiva materialista-histórica contribui para o entendimento de que ela possui uma riqueza de abstração e racionalização, voltada para as múltiplas relações, mediações e implicações que são estabelecidas com o meio circundante. Esta forma de se compreender a arte permite elevar o nível de compreensão social e possibilita que o homem seja ativo em relação a este objeto. Possibilita entender a dinamicidade que demonstra o valor inigualável do desastre, do delírio, da razão, da construção e da criatividade humana. Ou seja, os processos psíquicos e sociais estão inseridos na constituição do processo artístico. Com isto, compreender a arte numa perspectiva materialista-histórica permitiu integrar o universo do psiquismo humano, o sistema de organização social e a escola para fundamentar o potencial educativo da arte.

A presente investigação verificou que a arte, como disciplina escolar, deve ser subsidiada por um enfoque pedagógico que saliente a sua importância como objeto socialmente construído. Desta forma, a arte, como conhecimento, está articulada aos pressupostos estabelecidos pela LDB. Em seu Art. 3º, a LDB explicita “o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I) igualdade

de condições para o acesso e permanência na escola; II) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber [...]”. Para que o processo de ensino aprendizagem atenda as necessidades do documento citado, se faz necessária a liberdade de expressão artística como atividade reflexiva no ambiente educacional articulada com o pensamento artístico. Logo, reconhecer a arte na escola é possibilitar que o educando tenha contato com o trabalho humano, com o movimento histórico da humanidade que determina a consciência social.

Portanto, o potencial educativo da arte está direcionado à sensibilização do educando como forma de promover aproximações com a realidade através do despertar da criatividade. A sensibilização como força propulsora do desenvolvimento psíquico possibilita que a unidade do sensível e do racional seja vivenciada no processo de apropriação do conhecimento. Neste sentido, este conhecimento internalizado conduz o aluno a compreender a si mesmo e aos outros nas dimensões psíquicas, sociais e artísticas.

A explicitação sobre a origem da arte primitiva revelando a exteriorização do pensamento humano possibilitou compreender que a mediação entre o homem e a natureza foi fundamental para a formação do pensamento humano e a construção de instrumentos e signos que contribuíram para a origem da arte primitiva. A partir desta análise entre arte primitiva e pensamento humano foram relacionados os processos psíquicos que são despertados na criação e fruição artística para compreender que a arte potencializa o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Como forma de justificar o valor social que a arte possui na contemporaneidade para o entendimento do ensino da arte na escola, foi realizado um embasamento teórico-descritivo sobre a arte, o trabalho e a mercadoria.

Posteriormente, para elucidar o conceito de arte e verificar a relação da criação artística com o modo de produção capitalista foi verificado como a arte está inserida na escola e qual a contribuição do potencial educativo da arte na formação do pensamento no ambiente escolar. Explicitar a contribuição do potencial educativo da arte foi essencial para compreender que a atividade de criação artística integrada com a criatividade consiste em um contexto significativo

carregado de conhecimentos que desperta a sensibilização dos sentidos para o entendimento da realidade e do homem.

Explicitar o potencial educativo da arte no ambiente escolar permitiu compreender que a arte é a chama da razão humana que direciona os homens ao palco das suas emoções através dos processos criativos que são realizados no decorrer de sua vida. Portanto, a arte deve estar inserida na escola como uma força que impulsiona os alunos a despertarem a ação e a reflexão como uma unidade indissolúvel entre razão e emoção.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A imagem no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Arte-educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1985.

_____. **Arte-educação: leitura no subsolo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 2 ed. Rio de Janeiro, 1982.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. , Brasília, DF, 23 dez. de 1996.

BUCCI, Eugênio. O espetáculo e a mercadoria. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: SENAC, 2005. p. 218-233.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COLI, Jorge. **O que é arte?** 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. Coleção primeiros passos, n. 46.

DEL PINO, Mauro Burkert. **Educação, trabalho e novas tecnologias**: as transformações nos processos de trabalho e de valorização do capital. Pelotas: Ed. Universitária, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: UNESCO, MEC, Cortez Editora, São Paulo, 1999. Disponível em: < <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm> >. Acesso em: 21 maio 2008.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 6. ed. Campinas: Papirus, 1991.

EISNER, Elliot. Estrutura e mágica no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação**: leitura no subsolo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 79-95.

ENGUITA, Mariano F. Tecnologia e sociedade: a ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 231-253.

FELDMAN, Daniel. **Ajudar a ensinar**: relações entre didática e ensino. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FERNANDES, Florestan (Org.). **Marx & Engels : História**. São Paulo : Ática, 1984.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Magistério).

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIGOTTO, G. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, G. (Org.). **Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 77-108.

GADOTTI, Moacir. Novas perspectivas para a educação. **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, ano XI, n. 41, p. 8-11, fev./abr.2007.

GENTILI, Pablo. A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação: Visões Críticas**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 11-29.

_____. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, C.; SAVIANI, Demerval, SANFELICE, José Luís (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Autores associados: Campinas, SP, 2002. p. 45-59.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte**. 7. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

GUTIÉRRES, Francisco. **A educação como práxis política**. São Paulo: Summus, 1988.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. 2. ed. Global: São Paulo, 1983.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LANIER, Vincent. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: leitura no subsolo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 43- 55.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP: n. 27, p. 5-24, set./dez. 2004.

_____. **Adeus professor adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1993.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Docência artista: arte, gênero e ético-estética docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 43, p. 35-55, jun./2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A estética de uma ética sem barreiras. In: **Caderno de textos: educação, arte, inclusão**. André Andries (Org.). Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 11-17, 2002.

LOWENFELD, Viktor, BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MARX, Karl. **A ideologia Alemã**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985b

_____. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1985a

_____. **Textos filosóficos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

MENEZES, Izabel Dantas. Arte em movimento: a potencialidade da arte na formação de educadores. **Revista da FAEEBA. Educação na contemporaneidade**: Salvador, v.15, n. 25, p. 185-200, jan./jun. 2006.

MÉSZÁROS, István. **A necessidade do controle social**. São Paulo: Ensaio, 1987.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vigotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócio histórica. **Cadernos Cedes. Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico Cultural**, São Paulo: Papirus, n. 35, p. 51-63, 1995.

OSINSKI, Dulce. **Arte, história e ensino**: uma trajetória. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção questões da nossa época; V.79).

OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.

_____. **Acasos e criação artística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

_____. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PALANGANA, Isilda Campaner. A função da linguagem na formação da consciência: reflexões. **Cadernos Cedes. Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico Cultural**, São Paulo: Papirus, n. 35, p. 12-28, 1995.

_____. **Individualidade**: afirmação e negação na sociedade capitalista. São Paulo: Plexus/EDUC, 1998.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e educação política**: Resistir sim! Curitiba: Escola de Música e Belas-Artes do Paraná. Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em arte, 2006.

_____. **Arte e grande público**: a distância a ser extinta. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 84).

_____. **A arte no cotidiano**: consciência e autoconsciência. Curitiba: Escola de Música e Belas-Artes do Paraná. Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em arte, 2005.

PORCHER, Louis. **Educação Artística**: luxo ou necessidade? 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1973.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na Cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do longo século XX no Brasil. In: SAVIANI, D., et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção Educação Contemporânea). p. 11-57.

SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SMITH, Ralph. Excelência no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 97-111.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; 2).

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As idéias estéticas de Marx**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia da arte**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **La imaginación y el arte en la infancia**. 6. ed. Madrid: Akal, 2003.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

B277p Barros, Gabriela De Angelis
 O potencial educativo da arte na formação do
 pensamento no ambiente escolar / Gabriela De Angelis
 Barros. -- Maringá : [s.n.], 2009.
 133 f.

 Inclui bibliografia.
 Orientador : Prof. Dr. João Luiz Gasparin.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
 Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

 1. Arte - Formação do pensamento. 2. Arte - Estudo e
 ensino. 3. Educação e arte. 4. Arte na educação. I.
 Gasparin, João Luiz, orient. II. Universidade Estadual
 de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.
 Título.

CDD 21.ed. 372.5